



O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?

Editorial

Nesta semana, acontece na Unisinos e na PUC-Rio o **Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?** Grandes conferências, minicursos e outras atividades buscarão conceitualizar e debater, em uma visão transdisciplinar, o impacto cultural da autonomia do sujeito nas relações sociais, políticas, econômicas, ecológicas e religiosas.

A **IHU On-Line** se propôs a adiantar o debate. Neste número que está em suas mãos, é possível encontrar uma espécie de subsídio para os temas que serão discutidos neste evento internacional. Assim, entrevistamos o psicanalista **Alfredo Jerusalinky**, que fala sobre os novos enlaces entre o gozo e o saber; o poeta e jornalista **Affonso Romano de Sant'Anna**, que associa arte e autonomia; o antropólogo **Carlos Steil**, que aborda a temática do simpósio sob o viés do campo religioso; o filósofo **Ernildo Stein**, que fala sobre o destino do ser na era do individualismo; o filósofo francês **Jean-Claude Monod**, que discute a autonomia no contexto da secularização; o psicanalista e filósofo **Mario Fleig**, para quem “o delírio de autonomia poderia ser descrito como a dissolução dos fundamentos da moral”; o filósofo brasileiro **Paulo Roberto Monteiro de Araújo**, que aborda a contribuição de Charles Taylor na compreensão da autonomia; e o filósofo francês **Paul Valadier**, que fala sobre o futuro da autonomia, política e nihilismo.

Contribuem também, nesta edição, **Robert Castel**, autor do livro *As metamorfoses da questão social* e **Santiago Zabala**, que, conjuntamente com Gianni Vattimo, escreveu vários livros.

Os trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (Celam), que está acontecendo em Aparecida, São Paulo, são comentados por **Maria Clara Bingemer**, decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas - CTCH - da PUC-Rio. Por sua vez, **Luiz Alberto Gómez de Souza**, sociólogo, reflete sobre a visita de Bento XVI ao Brasil, no artigo, anteriormente publicado nas *Notícias do Dia*, “Um véu de integrista e fundamentalismo ameaça o mundo pluralista de hoje”.

O filme da semana é *Hércules 56*, de Sílvio Da-Rin. “*Hércules 56* joga luz sobre esses quase 40 anos passados entre aquela época de paixão política e o anódino mundo de hoje. A história olha a si própria. O que foi feito do sonho, da violência, da esperança radical? É algo que também cabe à história responder”, comenta Luiz Zanin Oricchio.

Desejamos que os/as participantes do **Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?** sejam muito bem-vindos/as na Unisinos!

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 03 | Alfredo Jerusalinsky: “A bússola do sujeito muda seu norte”

PÁGINA 07 | Affonso Romano de Sant’Anna: “Pensar que o artista é mais livre que um engenheiro é uma temeridade”

PÁGINA 12 | Carlos Steil: “A modernidade fragmentou o campo religioso e fez emergir uma diversidade de religiões”

PÁGINA 17 | Ernildo Stein: O destino do ser na era do individualismo

PÁGINA 23 | Jean-Claude Monod: A secularização da secularização e o futuro da autonomia

PÁGINA 29 | Mario Fleig: O delírio da autonomia e a dissolução dos fundamentos da moral

PÁGINA 34 | Paulo Roberto Monteiro de Araújo: A contribuição de Charles Taylor à autonomia na Modernidade

PÁGINA 39 | Paul Valadier: O futuro da autonomia, política e nihilismo

PÁGINA 42 | Robert Castel: “As pessoas não são autônomas por natureza, por essência”

PÁGINA 46 | Santiago Zabala: “O pensamento fraco é a emancipação da autonomia”

B. Destaques da semana

» Teologia Pública

PÁGINA 52 | Maria Clara Bingemer: “Igreja que deseja ser ouvida numa cultura pós-cristã precisa ter um testemunho forte, crível e consistente, que acompanhe o discurso”

» Brasil em Foco

PÁGINA 57 | Luis Nassif: “Lula. Governo macunaímico assim como foi o de FHC”

» Artigo da Semana

PÁGINA 59 | Luiz Alberto Gómez de Souza: Um véu de integrismo e fundamentalismo ameaça o mundo pluralista de hoje

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 67 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 71 | Sergio Trein: Política: sai a ética, entra o espetáculo

» PERFIL POPULAR

PÁGINA 73 | Adriana Elena de Medeiros

» IHU Repórter

PÁGINA 76 | Jocilaine Alves Neves Stein

“A bússola do sujeito muda seu norte”

ENTREVISTA COM ALFREDO JERUSALISNKY

Homo automaticus. Novos enlaces entre gozo e saber *é o tema que inspirou a entrevista a seguir, concedida por e-mail pelo psicanalista Alfredo Jerusalinsky à IHU On-Line, adiantando aspectos do ninicurso que irá ministrar em 23-05-2007 no Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos? Para Jerusalinsky, se até pouco tempo “o sujeito se orientava na procura de um outro para decidir seu destino face àquilo que a sociedade demandava dele, hoje - na pós-modernidade - ele anda na incessante procura de um objeto que venha lhe garantir um gozo da máxima intensidade”. Dito de outro modo, explica ele, “se o problema central de todo sujeito antes era como se representar no discurso social hoje sua bússola sofreu a torção para o encontro com a satisfação de suas demandas corporais”.*

Jerusalinsky é psicanalista, mestre em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e doutor em Educação e Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). Além disso, é membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre e da Association Lacanienne Internationale. Nas Notícias Diárias do sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), www.unisinos.br/ihu, Jerusalinsky concedeu a entrevista Borat, Babel e A Rainha e suas relações, analisando esses três filmes, bem como Pequena Miss Sunshine. De sua vasta bibliografia, destacamos: La formación del psicoanalista (Editora Nueva Visión: Buenos Aires, 1989); Psicanálise e desenvolvimento Infantil (2ª ed. Artes e Ofícios: Porto Alegre, 1998); Para entender al Niño, Claves psicoanalíticas (Ediciones ABYA-YALA: Quito, 2003) e Quem fala na língua? Sobre as psicopatologias da fala (Editora Ágalma: Bahia, 2004).

IHU On-Line - Em entrevista concedida ao nosso site em 09-03-2007, o senhor fala que a queda de crenças como “a união faz a força, a liberdade de um acaba onde começa a do outro, a felicidade está no amor (que necessariamente passa pelo outro)” nos deixa desorientados. Como esse desencantamento se relaciona com a autonomia do sujeito na pós-modernidade?

Alfredo Jerusalinsky - A bússola do sujeito muda seu norte. Se até pouco tempo ele se orientava na procura

de um outro para decidir seu destino face àquilo que a sociedade demandava dele, hoje - na pós-modernidade - ele anda na incessante procura de um objeto que venha lhe garantir um gozo da máxima intensidade. Dito de outro modo, se o problema central de todo sujeito antes era como se representar no discurso social, hoje sua bússola sofreu a torção para o encontro com a satisfação de suas demandas corporais. A demanda social passou para um segundo lugar. De tal modo - no que se refere à autonomia - que ele mesmo perfaz seu próprio nome sem que o nome recebido do Outro tenha maior valor.

IHU On-Line - Como o senhor define o *homo automaticus*? Quais são os pontos de aproximação e as diferenças com o *homo sapiens*?

Alfredo Jerusalinsky - Se situarmos o *homo sapiens* como aquele primata que deu esse passo fundamental para o domínio da linguagem, recalçando suas pulsões a serviço de uma aliança fraterna ordenada por um saber simbólico sobre o gozo, teremos que nos perguntar quais serão os efeitos da perda de consistência desse gozo simbólico quando se coloca no trono um gozo real. Quando o gozo se situa na ordem simbólica, isso significa que não é necessário experimentar para saber: a linguagem nos assegura um saber que, na medida em que ele provém de uma memória da espécie armazenada nos signos lingüísticos (memória que costumamos designar como “cultura”), poupa a cada um de passar pela experiência. Até as crianças mais pequenas sabem disso: quando a mãe lhes oferece uma comida nova, elas podem responder que não gostam, apesar de nunca tê-la experimentado. A ordem simbólica ancorada na linguagem nos permite deduzir o lugar e o valor das coisas e dos outros sem nunca tê-los visto ou tocado. É assim que podemos saber que algo falta, sem termos registro de que é. Tais são as razões desse “homo” para merecer no nome de “sapiens”.

Quando se dá prevalência ao corpo como coisa a ser satisfeita - ou também como coisa a ser privada de satisfação -, são seus automatismos que passam a ocupar o centro da cena. Seja pela prevalência de um prazer absoluto, seja pelo martírio da privação, o corpo se torna protagonista e, então, seus automatismos passam a comandar a vida do sujeito. Este se torna escravo, paradoxalmente, dos artifícios que inventa (sejam científicos ou religiosos) para se desembaraçar da responsabilidade sobre seu destino. Na medida em que o saber já não está mais no sujeito, mas no artifício automático que ele mesmo criou (trate-se de suas descobertas neuroquímicas, da informática, dos artefatos eróticos ou dos sistemas dogmáticos de crenças ou

cosmogonias), ele passa a merecer o nome de *homo automaticus*. A robótica aplicada como complemento corporal é um dos paradigmas desse conceito que acabo de propor, e, como é bem sabido, ela nos apresenta uma série interminável de problemas éticos.

IHU On-Line - E quais seriam os possíveis enlaces entre gozo e saber nesse *homo automaticus*?

Alfredo Jerusalinsky - Como acabo de afirmar, nesse *homo automaticus*, o que parece destinado a tomar o comando das coisas hoje em dia, o saber consiste numa repetição fechada que assegure um gozo real. Se é esse gozo que se procura, nada melhor, então, que reduzir tudo a uma engenhoca ou a um dogma, ambos garantindo uma repetição sempre igual e automática. Deve-se notar que, ultimamente, há importantes tentativas de reconciliação entre a religião e a ciência. Tentativas que se fundamentam nesse acordo estratégico de elevar os automatismos ao lugar de comando (embora os automatismos propostos não sejam da mesma natureza). Pelo seu lado, o fundamentalismo aposta seu saber na repetição automática das escrituras sacralizadas pelo *homo sapiens*. Ocorre que este último vivia com tantas dúvidas que precisou colocar em algum lugar a esperança de alguma verdade indiscutível. Se a religião, pelo seu lado, o fez nas sagradas escrituras, Descartes¹ a situou no pensamento: “cogito ergo sum”, o que, paradoxalmente, cancelou sua “dúvida sistemática”.

¹ René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da *IHU On-Line*)

Na medida em que o paradigma cartesiano colocou como núcleo do pensamento moderno o suposto de que todo saber é transformável em conhecimento (o que quer dizer, dotado de parâmetros que permitem materializá-lo calculá-lo), os saberes se transformaram em pequenas certezas. Habitamos num mar delas, tão pequenas que não alcançam para nos dar certeza de nada. Por isso, passamos a gozar de uma ilusão vasta e generalizada de saber o que, em verdade, ignoramos.

IHU On-Line - Se progresso é um sinônimo para felicidade, podemos dizer que o saber virou sinônimo de gozo? Por quê?

Alfredo Jerusalinsky - Um momento! Eu não disse que progresso seja realmente um sinônimo para a felicidade. Eu referi que essa é uma crença própria da modernidade. *Mutatis mutandis*, hoje tal crença se deslocou para a suposição de que o gozo seja sinônimo de felicidade. É difícil saber por que aconteceu tal coisa. Podemos formular algumas hipóteses: a ciência evoluiu de tal modo na modernidade que facilitou a crença de que os aproveitamentos tecnológicos de suas descobertas poderiam assegurar aos humanos que nada lhes faltaria. Outra hipótese na mesma trilha: a confiança cega na razão como fonte exclusiva de verdade levou a um reducionismo logicista (em termos euclidianos¹) do pensamento, o que teve como conseqüência uma ilusão de domínio total do mundo em que vivemos. Talvez se trate simplesmente de um retorno do corpo mesmo ao centro da cena, depois de ter sofrido séculos de recalque e repressão.

IHU On-Line - Quais são as principais conseqüências da hiperacionalização realizada em diversas instâncias

¹ **Euclides de Alexandria** (360 a. C. - 295 a. C.): professor, matemático platônico e escritor criador da famosa geometria euclidiana. Teria sido educado em Atenas e freqüentado a Academia de Platão, em pleno florescimento da cultura helenística. (Nota da *IHU On-Line*)

da vida pós-moderna e de que modo o gozo e o saber estão imbricados nesse otimismo teórico ilimitado tão característico de nossos dias?

Alfredo Jerusalinsky - Que a razão conduz à felicidade é uma ilusão que rapidamente se desmancha. Basta perguntar a um casal, quando estoura uma briga entre os parceiros, se lhes serve, a cada um deles, ter razão. Certamente não é por essa via que vão se reconciliar. O mesmo acontece nas mais amplas relações sociais. Quando a razão destrói os mitos em que se alicerça a consistência simbólica de uma determinada cultura, aparece aí um tipo de verdade que, por lançar ao centro da cena o real recalcado, provoca efeitos arrasadores nesse conjunto social. Rapidamente, então, se fabricam novos messianismos, para substituir, na sua função de recalque, os horrores revelados na queda das antigas crenças destituídas pelo hiper-racionalismo.

IHU On-Line - Como e por que a ilusão de autonomia absoluta inclina as pessoas a uma ética individualista? Corremos o risco de nos tornarmos uma sociedade de indivíduos e pensar a autonomia apenas como um sinônimo de individualismo?

Alfredo Jerusalinsky - Sua pergunta é interessante porque ela mesma afirma a existência desse risco. Estou de acordo. Porém, cabe assinalar pelo menos duas questões. A primeira é sobre o conceito de ética. Se colocamos a ética como “o sujeito se fazer responsável das conseqüências que seu ato tem para o outro” (citando Jacques Lacan) - definição que eu faço minha -, como poderíamos falar em ética tratando-se do individualismo? Devemos atentar aqui ao fato que o termo “individualismo” é portador de um “ismo”, o que quer dizer que cada vez que houver um conflito entre o indivíduo e o conjunto social haverá tomada de partido pelo indivíduo. Tratar-se-ia, então, de uma sociedade em permanente erosão. Eis aqui a segunda questão: colocando em jogo o princípio de o sujeito se

responsabilizar pelas conseqüências do ato sobre o outro, não estaríamos garantindo o respeito do indivíduo, sem necessidade de tomar partido? Devemos reconhecer, contudo, que as paixões humanas não são tão ponderadas.

IHU On-Line - Que patologias psicológicas podem surgir dessa postura egóica assumida pelas pessoas atualmente?

Alfredo Jerusalinsky - Novamente, você assinala um ponto importante, a saber, a dilatação do ego. Essa, precisamente, é uma das características da paranóia¹: tudo o que acontece em volta o sujeito imagina que está dedicado a ele. Seja como beneficiário ou prejudicado, o sujeito contemporâneo se coloca como credor de um gozo inusitado, e, ao mesmo tempo, como ameaçado pelo gozo do outro. Assim é que coloca grades pontudas ao redor de sua moradia, situa seu corpo como inimigo que deve ser controlado por medicações que eliminem suas ameaças e anseia entrar em corporações que o protejam. Esse fundo paranóide, com que o sujeito hoje em dia se sociabiliza, costuma tomar diversas formas: a hipocondria generalizada (alguém que saiba me defender das ameaças vindas do corpo), formas obsessivas (a delimitação minuciosa dos espaços), defesas histéricas (como as da ciência: “nada tenho a ver com o desejo”), a

¹ **Paranóia**: doença psiquiátrica cuja característica central é um delírio bem organizado (idéia falsa não sujeita a discussão racional), auto-referenciada e geralmente com teor persecutório; o termo é também usado vulgarmente para designar a mania da perseguição. No paranóico, um sistema delirante amplo e totalmente defasado da realidade pode coincidir com áreas bem conservadas da personalidade e do funcionamento social do sujeito, pelo que a repercussão da paranóia no funcionamento geral do indivíduo é muito variável. De 17 a 19-05-2007, Melman proferiu na Unisinos o ciclo de conferências *Como alguém se torna paranóico? De Schereber a nossos dias*, numa promoção do Instituto Humanitas Unisinos (IHU). Melman é o conferencista de abertura do **Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos**, em 21-05-2007, às 17h45min, quando falará sobre *O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos? Desafios e perspectivas*. (Nota da **IHU On-Line**)

bulimia (devorar o mundo inteiro para me constituir numa totalidade na qual não falta nada), a toxicomania (como resistência a depender do outro), a anorexia (ser nada para impedir o registro de que algo falta), e uma intensa fobia do semelhante (sob formas de racismo, xenofobia, guerras santas etc.)

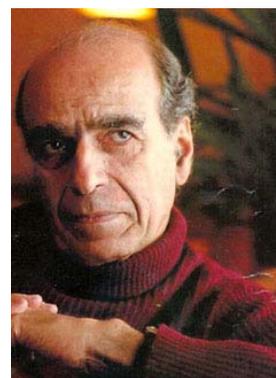
IHU On-Line - Nessa mesma entrevista ao nosso site, o senhor afirma que a população do planeta todo se sente hoje politicamente mal representada. Como entender essa má representação frente à autonomia do sujeito em escolher seus representantes? Por outro lado, como podemos compreender a apatia política presente em boa parte dos eleitores no mundo afora?

Alfredo Jerusalinsky - Quando se fala em representação de um sujeito por outro, em seguida tropeçamos num problema grave: sempre haverá uma distância entre o desejo do representado e a interpretação que, desse desejo, fará o representante. Esse mal-entendido inevitável, porém, fica amortecido quando o representante, pelo fato de reconhecê-lo, consulta incessantemente o representado. A maior dificuldade surge quando o representante, uma vez eleito, acredita encarnar, ele mesmo, o desejo de seu representado, o que quer disser que ele confunde seu desejo e sua própria satisfação com a de seu representado. Passa então a gozar da legitimação de qualquer forma de sua satisfação pessoal (chamada vulgarmente de corrupção ou abuso de poder), acreditando que, com isso, seu representado ficará feliz ou, ao menos, indiferente. Essa é a filosofia dos reis: eles acreditam que seu luxo e magnificência, que sua festa, constitui a felicidade de seu representado. Isso se chama “gozo do outro”. Simplesmente nos sentimos mal representados porque estão gozando de nós. Ocorre que os representantes, de um modo geral, levam demasiado a sério a sua própria autonomia: se tornam autônomos de qualquer versão do Outro social.

“Pensar que o artista é mais livre que um engenheiro é uma temeridade”

ENTREVISTA COM AFFONSO ROMANO DE SANT’ANNA

Na opinião do poeta e jornalista Affonso Romano de Sant’Anna, “liberdade/autonomia absoluta não existe. Pensar que o artista é mais livre que um engenheiro é uma temeridade. O bom artista é também um engenheiro ou um arquiteto”. Questionado sobre quais são as vanguardas atuais, é categórico: “O sistema, como uma hidra, devorou a vanguarda que queria devorá-lo”. E completa: “Aliás, vivemos o século XX como se fosse um longo e triste cemitério. Foi decretada a morte de tudo: morte da arte, morte da história, morte do autor, morte de Deus. E quando mais matam a arte, mais ela renasce. Ela vive de morrer”. Confirma essas e outras afirmações que Sant’Anna fez em entrevista exclusiva, por e-mail, à IHU On-Line. Poeta, ensaísta, professor, cronista e jornalista, conduzirá em 24-05-2007 a conferência A autonomia do sujeito na arte, dentro da programação do Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?



Mineiro de Belo Horizonte, Sant’Anna teve, nos anos 1960, uma participação ativa nos movimentos que transformaram a poesia brasileira, interagindo com os grupos de vanguarda e construindo sua própria linguagem e trajetória. Também data desta época sua participação nos movimentos políticos e sociais. Como poeta e cronista, foi considerado pela revista Imprensa, em 1990, um dos dez jornalistas que mais influenciam a opinião de seu país. Dirigiu o Departamento de Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) na década de 1970, organizou a “Expoesia”, evento que reuniu 600 poetas num balanço da poesia brasileira e trouxe ao Brasil conferencistas estrangeiros como Michel Foucault. Como jornalista trabalhou nos principais jornais e revistas do país: Jornal do Brasil, Senhor, Veja, Isto É e O Estado de São Paulo. Foi cronista da Manchete e do Jornal do Brasil. Está no jornal O Globo desde 1988. Foi considerado pelo crítico Wilson Martins como o sucessor de Carlos Drummond de Andrade, no sentido de desenvolver uma “linhagem poética” que vem de Gonçalves Dias, Bilac, Bandeira e Drummond. De sua obra, composta por cerca de 30 livros de ensaios, poesia e crônicas, destacamos Que fazer de Ezra Pound? (São Paulo: Imago, 2003), Desconstruir Duchamp (Rio de Janeiro: Vieira & Leme, 2003) e A cegueira e o saber (Rio de Janeiro: Rocco, 2006).

IHU On-Line - Em nossos dias, quais são as principais expressões da autonomia do sujeito na arte em seus mais variados campos? Que exemplos daria dentro do Brasil e fora dele?

Affonso Romano de Sant'Anna - Há primeiro, como dizem os epistemólogos, que se entender o que é “autonomia” e o que é “sujeito”, para depois vermos se há relação possível entre esses dois termos. De que autonomia estamos falando? Há alguma coisa autônoma? Etimologicamente, a palavra autônomo é composta de dois elementos: “auto” (pessoal- individual) e “nóm/os” (lei, costume). Então o “autônomo” seria aquele que possui lei/costume/vida própria. Existe isto? Claro que não. Toda autonomia é relativa. Daí se entender também o segundo termo da sentença - o “sujeito”, entidade que só existe em relação a algum objeto. Portanto, estamos num universo relacional, e o máximo que podemos fazer é medir o grau maior ou menor de dependência do sujeito dentro do sistema. Liberdade/autonomia absoluta não existe. Pensar que o artista é mais livre que um engenheiro é uma temeridade. O bom artista é também um engenheiro ou um arquiteto, ainda que ele possa fazer um prédio (poema/quadro/peça) como o Frank Gerhy¹ faz com seus prédios, a exemplo do Museu de Bilbao, que parece um conjunto instável que está desabando e, no entanto, é construído com a dúbia maleabilidade e firmeza do titânio e do aço.

IHU On-Line - As tragédias gregas converteram o horror da existência num fenômeno estético que tornava suportável a vida e assim fazia com que o homem agisse afirmativamente. Dessa forma, ao invés

¹ Frank Gerhy (1929): pseudônimo de Ephraim Goldberg, arquiteto canadense, conhecido pelo seu design arrojado na arquitetura, repleto de estruturas curvas, geralmente em metal. Sua obra mais famosa é o Museu Guggenheim Bilbao, na Espanha, todo feito em titânio. (Nota da *IHU On-Line*)

de ficar apático ou reativo, o homem teria elementos para agir. Como você percebe o papel da arte na expressão política contemporânea?

Affonso Romano de Sant'Anna - A arte tem essa força misteriosa, que é estetizar o horror, estetizar o mal, estetizar um outro lado do humano que é tão presente e terrivelmente natural quanto o lado sublime e utópico. Quando você olha os trabalhos de Goya² - *Os desastres da guerra* - e vê os enforcamentos, os cadáveres apodrecendo nas árvores, quando você olha os desenhos de Gross feitos sobre os horrores da Primeira Grande Guerra, você se arrepia estética e humanamente. A própria *Guernica*³, de Picasso⁴, é uma estilização do pânico e do horror. O artista autêntico - aquele que tem um compromisso duplo, tanto com o material plástico com que lida, quanto com o material de seu tempo, de seu corpo, de sua vida - reage à realidade produzindo um complemento - a obra, que é uma vingança, uma correção, uma forma de exorcizar a perplexidade diante das coisas. A diferença de intensidade do choque e a qualidade no tratamento do material é que vai conferir maior ou menor genialidade à obra. Um primitivo vendo, sem entender, um eclipse, inventa uma história a partir disso, supõe que um monstro, um dragão, está devorando a Lua e sobre este fato cola idéia de catástrofes para si ou para tribo. A arte, como o mito, é uma forma de preencher o vazio. Isto na melhor das hipóteses. Porque hoje a arte transformou-se, sobretudo, numa forma de

² Franciscos José Goya y Lucientes (1746-1828): pintor espanhol cuja obra marca a transição do neoclassicismo ao romantismo. (Nota da *IHU On-Line*)

³ *Guernica*: Obra que fez após o bombardeio pelos nazistas à cidade espanhola de Guernica, em 26-04-1937, durante a Guerra Civil Espanhola. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Pablo Picasso (1881-1973): pintor e escultor espanhol considerado um dos artistas mais famosos e versáteis do mundo. Criou milhares de trabalhos entre pinturas, esculturas e cerâmicas com diversos tipos de materiais. De suas obras, destacamos: *Vaso sobre a mesa* (1914) e *Guernica* (1937). (Nota da *IHU On-Line*)

encher o bolso de dinheiro.

IHU On-Line - De que forma essa autonomia na arte se conecta com a autonomia política do sujeito? Em regra geral, a arte é necessariamente política? Por quê?

Afonso Romano de Sant'Anna - Não há autonomia absoluta da arte, senão uma autonomia relativa. Cada artista está preso a um sistema simbólico da sua cultura e de seu tempo. Você não pode imaginar que um grego fosse um dadaísta, nem supor que um renascentista pudesse pintar como Cézanne¹. Configurado um quadro de relativa liberdade, é possível, no entanto, constatar que o artista autêntico tem uma certa margem de manobra, margem que ele deve descobrir e alargar. Vejo, por exemplo, muitos artistas que se chamam de “contemporâneos” e que acham que estão usando de uma autonomia total para fazer suas obras. Na verdade, posso analisá-las e perceber que elas têm uma gramática, obedecem a um cânone, a um paradigma, mesmo que esse paradigma contraditoriamente nos afirme ser a ausência de paradigma. A ausência de paradigma é já um paradigma, o que torna a própria ausência de paradigma inviável.

IHU On-Line - Quais são as vanguardas da arte hoje?

Afonso Romano de Sant'Anna - Há uma série de mal entendidos sobre isto. Não há mais vanguardas. Vanguarda foi um momento da história artística do Ocidente, que já se encerrou. A vanguarda virou aquilo que nos cursos de literatura e teoria chamamos de “estilo de época”. Assim como há o estilo barroco ou simbolista, há o estilo “vanguardista”. E quando uma coisa se coisifica, quando se codifica, deixa de ser nova, inovadora, passa a ser parte do sistema. O sistema, como

¹ Paul Cézanne (1839-1906): pintor francês. De suas obras, destacamos: *A casa do enforcado*, obra impressionista de 1873, e *Arlequim* (1888-1890) óleo sobre tela. (Nota da *IHU On-Line*)

uma hidra, devorou a vanguarda que queria devorá-lo. De resto, como afirmei em vários estudos, tanto em *Que fazer de Ezra Pound*. (São Paulo: Imago, 2003) quanto em *Desconstruir Duchamp* (Rio de Janeiro: Vieira & Leme, 2003), materialmente, já se fez tudo o que se podia fazer com os suportes artísticos. Já fizeram o livro em branco, o poema sem palavras, o quadro branco, a música que é silêncio, a escultura que derrete, a dança parada, enfim, tudo. Se alguém quiser inovar por aí, vai quebrar a cara. O caminho não é mais esse. Por isto é tão confuso e tão mais difícil fazer arte autêntica hoje em dia. Com isto, surgiu um precioso ensinamento e paradoxo: você pode, sim, fazer obra de arte usando os suportes conhecidos.

Há por aí romances novos maravilhosos. Poemas continuam surgindo e encantando pessoas, concertos continuam a ser escritos e executados, a pintura continua a nos comover, apesar de uns apressados terem dito que ela havia morrido. Aliás, vivemos o século XX como se fosse um longo e triste cemitério: foi decretada a morte de tudo: morte da arte, morte da história, morte do autor, morte de Deus. E quando mais matam a arte, mais ela renasce. Ela vive de morrer.

IHU On-Line - Como a arte pode expressar autonomia e subjetividade tomando em consideração a sua massificação em certas circunstâncias, como já alertava Adorno e os teóricos da Escola de Frankfurt?

Afonso Romano de Sant'Anna - Massificação do produto artístico ou, pior, o que hoje chamamos de mercadoria artística. O objeto artístico virou uma *commodity*. Está aí uma questão nova na história da cultura. Não que ela não existisse anteriormente. Também se discutia o preço de um quadro no Renascimento, mas aí era uma discussão objetiva: dependia da quantidade de ouro pintado na tela, do tamanho do quadro, da quantidade de tinta, se havia sido usado o azul ou o lápis-lazuli, cores extraídas de

produtos do longínquo Irã e outros países daquela região. Hoje ocorreu assustadoramente aquilo que os marxistas chamariam de “alienação” ou até de “mais valia”. O produto não tem nada a ver com o seu custo, e sim com a “grife”, com a assinatura, com a moda, com o Mercado. Ou seja, o produto alienou-se de seu dono e de sua qualidade intrínseca. Foi-lhe posta uma qualidade artificial, que é o que conta. Como é que pode um quadro de Pollock¹ valer mais do que um Picasso, ou a latinha de merda de Manzoni² custar um milhão de libras, ou o urinol de Duchamp³, 900 mil libras? São preços simbólicos, simulacros, artifícios do mercado. E sobre simulacros, Baudrillard⁴ já nos informou bastante.

IHU On-Line - Há uma relação necessária entre arte e racionalidade ou a arte pode ser também a expressão

¹ Jackson Pollock (1912-1956): pintor expressionista abstrato americano. De suas obras, destacamos *Ocean Greyness* (1953) e *Convergence* (1947). (Nota da *IHU On-Line*)

² Piero Manzoni (1933-1963): artista italiano, célebre por suas obras conceituais. Sua obra mais famosa é a *Merde d'artista* ("Merda do Artista"), na qual apresenta sua própria matéria fecal em uma lata autografada. Este comentário irônico sobre o estado da arte e o papel do artista, procurava reverter a austeridade da arte erudita. (Nota da *IHU On-Line*)

³ Marcel Duchamp (1887-1968): pintor e escultor francês. Sua obra mais conhecida é a *Fonte*, na verdade um urinol comum, branco e esmaltado, comprado numa loja de construção. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Jean Baudrillard: filósofo e sociólogo. Um dos importantes pensadores ocidentais da atualidade, é autor de vários livros entre os quais destacamos: *A troca impossível* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002); *A ilusão vital* (Civilização Brasileira, 2001) e *A sociedade do consumo* (Lisboa: Edições 70, 2000). De Baudrillard a *IHU On-Line* publicou o artigo *A máscara da guerra*, na edição 51, de 17-03-2003. O Prof. Juremir Machado da Silva apresentou o *IHU Idéias* de 11-09-2003, intitulado *11 de setembro: Ano III. Uma reflexão a partir de Jean Baudrillard*. Sobre esse tema, Juremir concedeu uma entrevista na 74ª edição da *IHU On-Line*, de 8-09-2003, sob o título *11 de setembro segundo Jean Baudrillard*. Em 07-03-2007 Baudrillard faleceu. O site do IHU deu ampla repercussão ao fato com as notícias *Morre o sociólogo francês Baudrillard, crítico feroz da sociedade de consumo e Baudrillard. Repercussões*. Para conferir, basta acessar www.unisinos.br/ihu. Nota da *IHU On-Line*)

das pulsões humanas? Em nosso século, o que pode ser apontado a esse respeito na poesia, por exemplo?

Affonso Romano de Sant'Anna - Arte que não revele as pulsões do artista ou da coletividade é um monte de palha. Toda boa obra tem um *pathos*. Mesmo certas obras muito elaboradas, que às vezes nos parecem friamente concebidas, quando feitas por um artista autêntico, têm e transmitem esse calor. Agora, uma coisa que me incomoda muito é o tipo de artista que vive querendo saber qual é a moda a seguir, qual o macete, qual o truque para ter sucesso. No caso de um romancista, imagine alguém que na hora em que há o "nouveau roman" faz um "nouveau roman"; na hora em que entra é moda fazer falsa biografia faz falsa biografia; e na hora em que está na moda escrever sobre homossexualismo escreve sobre homossexualismo. Esse é um falso artista. É um artimanhoso. É capaz até de enganar a academia e a universidade, posto que alguns acadêmicos só conseguem raciocinar mediante bulas e receitas, mas, a longo prazo, tal artimanhoso tem dias contados. E ele sabe disto. Ele olha seus colegas com grande ansiedade, como se estivesse sempre para se afogar e agarrando-se a uma bóia qualquer.

IHU On-Line - O senhor critica o conceito de arte atual, dizendo que está totalmente vazio e indefinido, "confundido com pegadinha, com primeiro de abril, com escândalo, qualquer happening e instalação". Por que os simulacros da obra valem mais do que ela própria atualmente? A pós-modernidade fragmentou tudo, inclusive a arte?

Affonso Romano de Sant'Anna - A análise que faço da arte de nossos dias é feita dentro de um contexto maior - a cultura de nosso tempo. Tenho repetido que a arte, mais do que nunca, é um sintoma. Sintoma e metáfora para se entender também a sociedade e os indivíduos, além, é claro, do que ela tem de propriamente artístico e estético. E a arte de nossos dias, essa que se chama

arrogantemente de “contemporânea”, como se os “depois” vivessem fora do tempo, mostra já uma visão autoritária da própria história. Ela se quer cêntrica, única, a escolhida. E ignora que existem vários tempos, várias histórias simultâneas. Há muito acabou aquele papo de que a história caminhava como uma flecha que ia do gênesis para o apocalipse, ou do poder do rei para o poder do proletariado. No meu recente livro *A cegueira e o saber* (Rio de Janeiro: Rocco, 2006), detenho-me também sobre essas questões que abordei em *Desconstruir Duchamp*.

IHU On-Line - E quanto aos artistas sem arte, a que o senhor se refere, como entendê-los dentro do pressuposto de uma impostura intelectual justificada pela autonomia?

Affonso Romano de Sant’Anna - Artista sem arte é igual a médico sem consultório e sem cliente. Não existe. Tentaram inventar isto e conseguiram enganar muita gente. É o caso histórico da falsa roupa do rei, do rei nu. Grande parte a culpa é dos críticos e dos teóricos. Certos críticos têm um complexo de inferioridade diante dos criadores e tomam palavras dos criadores como dogmas. Ora, nem todo criador é bom teórico, deveria ficar na criação mesmo. E muitos críticos ajudaram a construir equívocos terríveis no século XX. Meu próximo livro é a análise das análises que alguns críticos fizeram de obras de arte. E aí podemos ver como os críticos viajam, como alucinam, como deliram, deixando desamparado e desorientado não só o público, mas até mesmo o próprio artista.

IHU On-Line - Ainda sobre poesia, como os poetas brasileiros estão trabalhando a questão da autonomia do sujeito? O senhor poderia nos dar alguns exemplos do presente e do passado?

Affonso Romano de Sant’Anna - Dos outros prefiro não falar. No que escrevo está todo um projeto poético

pensante voltado para as perplexidades estéticas, emocionais e históricas. Há um sujeito que se sabe histórico, que se questiona enquanto sujeito, enquanto história. Essa, por exemplo, é toda a linha de “A grande fala do índio guarani”. O texto começa se indagando: “Onde leria eu os poemas de meu tempo?”. Eu não sou dono da palavra, também a procuro. E vou nessa procura, indagando mais adiante: “Como leria eu os poemas do meu tempo?”, “Quando leria eu os poemas do meu tempo?” - e assim por diante. Essa é uma obsessão também da arte de nossos dias. Uma arte que se procura enquanto tal. Temos que reinventar sempre. Um renascentista já tinha um quadro e uma tela diante dele. Um romancista do século XX tinha o folhetim e a história como suporte. Hoje vagamos entre o “onde”, o “quando”, o “como” e o “por que”. Buscamos suportes, buscamos o próprio discurso.

IHU On-Line - O senhor acredita que ainda exista uma tradição de poetas que valoriza a contribuição de Drummond na poesia brasileira?

Affonso Romano de Sant’Anna - Drummond e os modernistas fundaram algo importante. A melhor poesia que se faça hoje dá-se conta disto, soma isto com os melhores poetas de ontem e antes de ontem.

IHU On-Line - Continua acreditando que os poetas têm que reencontrar o seu lugar existencial e estético dentro da sociedade? Por quê?

Affonso Romano de Sant’Anna - Sempre foi assim desde Homero¹. Claro que com o surgimento da burguesia e a da sociedade industrial ocorreu um certo

¹ Homero: primeiro grande poeta grego, que teria vivido há cerca de 3500 anos e consagrado o gênero épico com as suas grandiosas obras: *A Ilíada* e a *Odisséia*. Nada se sabe seguramente da sua existência; mas a crítica moderna inclina-se a crer que ele terá vivido no século VIII a. C., embora sem poder indicar onde nasceu nem confirmar a sua pobreza, cegueira e afã de viajante, caracteres que tradicionalmente lhe têm sido atribuídos. (Nota da *IHU On-Line*)

“desemprego do poeta” - assunto que foi tema de meu primeiro livro. Mas a própria sociedade da informação com a eletrônica tem oferecido oportunidades de realocação do poeta na sua cultura. Não há sociedade

sem poesia, por pior que ela seja, tanto a sociedade quanto a poesia.

“A modernidade fragmentou o campo religioso e fez emergir uma diversidade de religiões”

ENTREVISTA COM CARLOS STEIL

“A modernidade fragmentou o campo religioso e fez emergir uma diversidade de religiões dentro de um novo ordenamento e configuração do religioso”, disse em entrevista por e-mail à IHU On-Line o Prof. Dr. Carlos Steil, docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Segundo ele, “há dois movimentos religiosos principais que se direcionam no sentido de uma afirmação do indivíduo no mundo e que atravessam as religiões estabelecidas. Em termos empíricos poderíamos identificá-los como o movimento pentecostal e o movimento da nova era”. Steil é o palestrante do minicurso Os novos movimentos religiosos e a sociedade de indivíduos, que acontece em 22 e 23-05-2007, dentro da programação do Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?

Filósofo graduado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Steil é mestre em Teologia pela PUC-Rio e em Educação pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ). cursou doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com a tese O sertão das romarias. Um estudo antropológico da Romaria de Bom Jesus da Lapa - BA e pós-doutorado na Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos. Escreveu as seguintes obras: O sertão das romarias. Um estudo antropológico da Romaria de Bom Jesus da Lapa - Bahia (Petrópolis: Vozes, 1996); Globalização e religião (Petrópolis: Vozes, 1997); Maria entre os vivos. Reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil (Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003); e Cotas raciais na universidade (Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006).



IHU On-Line - Em entrevista ao nosso site www.unisinos.br/ihu, em 12-05-2007, o senhor afirma que a religião de indivíduos é aquela na qual a pessoa tem uma relação com o sagrado a partir de um processo reflexivo. Como se dá essa relação? Qual a diferença do relacionamento do indivíduo com Deus na religião de indivíduos e na religião tradicional?

Carlos Steil - A religião dos indivíduos surge concomitantemente com o aparecimento histórico da sociedade dos indivíduos. A possibilidade dos seres humanos de se pensarem como sujeitos autônomos e independentes frente ao social é um evento que surge de uma longa trajetória de ruptura com uma situação originária em que os seres humanos se viam como parte de um todo social e religioso que os englobava. Nestas sociedades originárias, também chamadas de sociedades holistas, a religião era instituída como o princípio fundante da realidade e o mito como determinante para o comportamento e as relações dos humanos entre si e com os não-humanos. A relação com o sagrado era vivida de forma imediata dentro de uma situação de imanência do divino. Não há uma separação entre uma ordem natural e uma ordem sobrenatural, e a única ordem existente é a ordem sobrenatural. Os deuses habitam o mundo, determinam o seu curso e seu destino. Aos humanos cabia repetir em sua existência o que estava prescrito pelo mito, imitando e reproduzindo aquilo que seus antepassados viveram através das gerações. A história do ser humano no Ocidente é a história da ruptura com essa determinação do mito e da apropriação do fundamento religioso. Aos humanos não cabe mais apenas a repetição e reprodução, mas a responsabilidade pelo curso da história e seu destino neste e no outro mundo.

IHU On-Line - Como ocorreu esse processo de mudança na escolha da religião tradicional para a

religião de indivíduos? A que o senhor atribui essa modificação?

Carlos Steil - Há uma convergência de fatores que permitiu a passagem da experiência de proximidade em relação ao fundamento religioso para a experiência da diferença. Nesta passagem, duas figuras históricas ocuparam um lugar central: o “renunciante” no âmbito da religião e o “sábio” no âmbito do conhecimento. A renúncia ao mundo e a retirada dos eremitães e anacoretas para o deserto possibilitaram que os humanos pudessem se perceber distintos do mundo e estabelecer uma relação com uma divindade que se colocava fora da ordem natural. Da mesma forma, o “sábio” ou o filósofo, por meio da reflexão e do intelecto, foram construindo um distanciamento em relação ao princípio religioso como fundante do social. Estabelece-se, assim, pouco a pouco, uma dualidade entre o humano e o transcendente, o visível e o invisível, num longo processo de afirmação da autonomia humana que passa por dentro e por fora da religião e que poderia ser denominado de uma saída da religião.

IHU On-Line - Quais são os novos movimentos religiosos? Como o senhor os define e qual a sua importância na formação dos indivíduos na sociedade contemporânea?

Carlos Steil - Há dois movimentos religiosos principais que se direcionam no sentido de uma afirmação do indivíduo no mundo e que atravessam as religiões estabelecidas. Em termos empíricos, poderíamos identificá-los como o movimento pentecostal e o movimento da nova era. O movimento pentecostal traz na sua origem a proposta de uma “rejeição do mundo”, reproduzindo a figura de um renunciante que, ao invés de se retirar para o deserto, se propõe a viver no coração do mundo como se não fosse do mundo. Poderíamos, na verdade, incluir nessa categoria todas as religiões de conversão, que apresentam essa característica de

ruptura com uma ordem dada e de reflexão sobre o lugar e o papel do indivíduo no mundo. A religião deixa de ser uma herança que se recebe dos pais e uma repetição de rituais e costumes e se torna uma questão de escolha e de pertencimento institucional. Este movimento de conversão, no entanto, pode ser observado no interior do próprio catolicismo, tanto na experiência das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) quanto na Renovação Carismática Católica, à medida que estas experiências incorporam em sua prática a rejeição de um mundo. Neste sentido, podemos afirmar que o pentecostalismo é um movimento de afirmação da autonomia do indivíduo no mundo.

A nova era também traz este elemento de reflexividade em sua prática, mas, diferentemente do pentecostalismo, sua rejeição do mundo não se situa na ordem social e moral, e sim na busca do “verdadeiro eu”. Ou seja, não se trata de se converter e viver conscientemente como um “santo” no meio de um mundo de pecadores, mas de se desvencilhar de todos obstáculos postos pelo “ego” para acessar o “self verdadeiro”, que se encontra no interior de cada indivíduo. A idéia de salvação é substituída pela de auto-perfeioamento e pleno desenvolvimento das potencialidades humanas e divinas que se encontram em cada ser individual. Este movimento também atravessa as religiões tradicionais como um “espírito do tempo”.

IHU On-Line - Os novos grupos religiosos surgiram como um "protesto" às religiões preestabelecidas?

Carlos Steil - Sim, surgiram como um protesto, entre aspas, como você colocou na pergunta. Porque, se na sua origem o pentecostalismo, por exemplo, fez parte de um movimento revivalista de afirmação de dimensões mais emocionais e corporais que se encontravam reprimidas pelo formalismo e intelectualismo presentes no protestantismo clássico, hoje o espírito pentecostal se apresenta como uma força que perpassa a sociedade e as

religiões tradicionais. Da mesma forma, podemos pensar na nova era como um campo em que emergem, no campo religioso moderno, os sentidos mágico e imanente do sagrado que foram reprimidos por século de dominação da religião da transcendência no Ocidente.

IHU On-Line - Não há mais uma tradição exclusiva das velhas ortodoxias institucionais religiosas (modelo Igreja). A estrutura do crer, da religião, não é mais exclusividade de tradições religiosas convencionais, mas é operacionalizada por indivíduos. Isso quer dizer que na sociedade contemporânea, cada indivíduo está criando sua própria religião?

Carlos Steil - Os processos sociais podem ser vistos sempre como pendulares. No momento em que as “velhas ortodoxias institucionais religiosas” perdem sua hegemonia na produção de valores e símbolos religiosos, abre-se espaço tanto para as religiões centradas no “self individual” quanto para a emergência dos fundamentalismos. Descolados de uma “igreja” ou de uma comunidade, os indivíduos podem construir uma síntese religiosa pessoal, criando um sagrado compósito, que vai recolher elementos de diferentes tradições religiosas, ou apegar-se a algum aspecto de uma tradição como seu porto seguro e “verdade absoluta” a ser imposta a todos. Assim como as religiões tradicionais foram capazes de produzir tanto a paz quanto a guerra, as novas formas ou movimentos religiosos que emergem na sua ausência também podem dar origem, contraditoriamente, a processos pessoais de “busca e cuidado de si” e a grupos fundamentalistas marcados por intervenções e práticas violentas.

IHU On-Line - As pessoas buscam, na seletividade de suas escolhas religiosas, compor para si um mundo com algum sentido. Assim sendo, é correto afirmar que a sociedade contemporânea está tentando revitalizar o universo religioso?

Carlos Steil - A diferença fundamental entre a sociedade contemporânea e a sociedade tradicional é que hoje há uma diversidade muito maior de instâncias produtoras de sentidos e de valores. Não só a religião não é mais a única instância de produção de sentidos, mas também existem muito mais opções religiosas à disposição dos indivíduos. Mas, para responder se existe uma revitalização do religioso na sociedade contemporânea, é preciso, antes, definir o que estamos entendendo por religião. Se entendemos a religião como o princípio fundante do social, ou como uma força capaz de influenciar efetivamente no nível da organização política e econômica de uma sociedade e na orientação dos comportamentos dos indivíduos no âmbito da reprodução humana, por exemplo, devemos dizer que não há uma revitalização do religioso. No entanto, se compreendemos a religião como formas de crenças e espiritualidades que se manifestam no espaço público e midiático, podemos dizer que a religião está viva e presente na sociedade contemporânea como uma força que seduz e engaja os indivíduos em rituais massivos e práticas cotidianas. Enfim, a modernidade fragmentou o campo religioso e fez emergir uma diversidade de religiões dentro de um novo ordenamento e configuração do religioso.

IHU On-Line - Nos últimos anos, as pessoas não têm seguido à risca os pensamentos e os discursos universais da igreja, baseando-se muito mais nas suas experiências de vida. Podemos dizer que o indivíduo que tem sua própria religião consegue ter mais autonomia na vida? Com a construção de uma sociedade autônoma, é possível o desaparecimento da religião formal nos próximos anos?

Carlos Steil - O que se aplica à sociedade como um todo não se aplica necessariamente aos indivíduos enquanto tal. A autonomia da sociedade frente ao fundamento religioso não corresponde *ipso facto* à

autonomia dos indivíduos na sociedade. A autonomia é um valor que precisa ser afirmado em todas as instâncias da vida social, pois as amarras da dependência podem atingir os indivíduos em qualquer situação. Em termos individuais, a religião pode ser tanto um elemento de dependência que prende os sujeitos a uma estrutura infantil quanto uma força libertadora que os conduz a aquisição de recursos psicológicos e identitários para se posicionar autonomamente frente aos outros e ao mundo. Não creio que a religião venha a desaparecer numa “sociedade autônoma”, mas, com certeza, ela não será mais a mesma nem ocupará o mesmo lugar que ocupou historicamente nas sociedades tradicionais. Mesmo porque a autonomia da sociedade se realiza pela saída da religião enquanto fundamento da vida social e a sua migração para o campo da cultura, sujeita à regulação e ao controle social.

IHU On-Line - Quais seriam os principais aspectos que podemos apontar sobre a metamorfose que a religião sofreu nos últimos anos tomando em consideração que o senhor afirma, no artigo *Para ler Gauchet*¹⁴, que a religião não deixou de existir, mas se metabolizou, ou migrou, do dossel sagrado para a pluralidade polissêmica?

Carlos Steil - Ao deixar de ser o princípio instituinte e organizador do social, a religião emerge no nível da cultura como uma instância produtora de sentidos entre outras. Esta transformação do lugar e do papel da religião na sociedade da autonomia nos permite pensar na possibilidade de uma “sociedade atéia composta e governada por uma maioria de crentes”. Ou seja, a religião ao deixar de ser o princípio estruturante da vida material, social e mental, passa a atuar em experiências singulares de sistemas de convicção. Enfim, não se trata de medir a perda da influência das religiões sobre as

¹⁴ *Para ler Gauchet*. Religião & Sociedade, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 24-49, 1994. (Nota da *IHU On-Line*)

consciências dos fiéis, mas de se perguntar se as crenças e princípios, formulados e defendidos pelas religiões, exercem uma influência decisiva e real sobre a organização da sociedade em sua base política e econômica. O que estou procurando dizer é que a era da religião enquanto elemento estruturante do social parece ter terminado. No entanto, seria ingênuo e contrário à minha argumentação concluir que a religião esteja desaparecendo no âmbito da cultura ou mesmo que esteja recuando dentro da esfera pública.

IHU On-Line - A Igreja Católica vem sendo duramente criticada pela sua postura em relação ao aborto. Até que ponto um seguidor dessa religião consegue ter autonomia em suas decisões, contrariando o pensamento da igreja?

Carlos Steil - Por toda a argumentação que procurei apresentar até aqui, creio que o aborto, uma vez definido como uma “questão política de saúde pública”, será instituído, apesar da posição contrária da Igreja Católica. Os católicos, no entanto, podem seguir em sua consciência a orientação da Igreja Católica contra a sua legalização e defendê-la como uma questão moral.

IHU On-Line - As igrejas devem “modernizar” algumas de suas teorias, ou ao menos proporcionar a discussão de assuntos polêmicos como uso de preservativos, por exemplo, para conseguir aumentar o número de fiéis?

Carlos Steil - Neste aspecto, assim como em tantos outros pontos relacionados com questões de moral sexual e reprodutiva, a Igreja Católica tem pautado sua atuação muito mais por uma “ética da convicção” do que por uma “ética da responsabilidade”, para usar a distinção clássica formulada por Max Weber¹⁵. E não creio que, a

¹⁵ Maximilian Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A

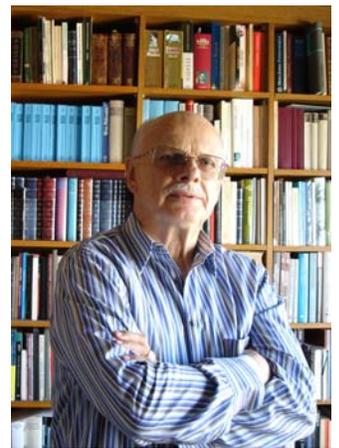
curto ou médio prazo, a Igreja Católica venha a subordinar os princípios relacionados a estas questões a uma ação estratégica de manutenção ou ampliação de fiéis.

edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras, Rio de Janeiro. Com o título *Max Weber: a ética protestante e o “espírito” do capitalismo. Cem anos depois*, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou o *Cadernos IHU em Formação* nº 3, 2005, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

O destino do ser na era do individualismo

ENTREVISTA COM ERNILDO STEIN

“A pós-modernidade revela, no plano individual, o confronto com os limites, a glorificação do risco pelo risco, a vida submetida a técnicas, o domínio da perversão nas relações humanas, a fadiga de ser si mesmo no fenômeno da depressão, a perda de valores, o fim do sentido biográfico do trabalho. Pode-se descobrir em tudo isso o individualismo? Tem ele só um sentido negativo? ”. O questionamento é do filósofo gaúcho Ernildo Stein e faz parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line. Ele prossegue: “Numa sociedade de pobres (famintos, subnutridos, analfabetos, doentes, etc) a autonomia kantiana não tem nada a dizer. O que pode ser autodeterminação para quem segura a frágil vida a lhe escapar das magras mãos? Penso sempre que temos que libertar nosso conceito de ser humano de uma filosofia da história que aprisiona nossos esforços para pensar o homem desde uma antropologia aberta e generosa. Ma a ética e a filosofia da história de Kant nos proíbem escrever uma antropologia (este expediente numênico é a maior armadilha!)”. Mais adiante, destaca que “o axioma fundamental da ciência se mostra sem fundamento enquanto os seres humanos morrem de fome. Mais importante que uma biblioteca de moral, talvez seja uma cozinha com a dieta alimentar básica para o desenvolvimento do neo-córtex de todo o ser humano”. Confira a entrevista na íntegra, a seguir.



Stein é um dos palestrantes do Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?, com o mini-curso O destino do ser na era do individualismo, que acontecerá em 22 e 23-05-2007. Graduado em Filosofia e bacharel em Direito pela UFRGS, Stein é doutor em Filosofia pela mesma instituição com a tese Compreensão e finitude - estrutura e movimento da interrogação Heideggeriana. Coursou pós-doutorado nas universidades de Erlangen, Heidelberg, Freiburg, Frankfurt, Munster e Wüppertal, todas na Alemanha. Atualmente leciona no Departamento de Filosofia da PUCRS. Stein publicou dezenas de livros, entre eles Seminário sobre a verdade: lições introdutórias para a leitura do parágrafo 44 de Ser e tempo (Petrópolis: Vozes, 1993); A caminho de uma fundamentação pós-metafísica (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997); Diferença e metafísica (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000); Compreensão e finitude (Ijuí: Unijuí, 2001); Introdução ao pensamento de Martin Heidegger (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002); e Seis estudos sobre Ser e Tempo (3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005). Na edição 185 da IHU On-Line, de 19-06-2006, O século de Heidegger, Stein concedeu a entrevista A superação da metafísica e o fim das verdades eternas. Na edição 59 da IHU On-Line, de 12-05-2003, concedeu a entrevista Pe. Vaz: uma resposta aos problemas de nosso tempo.

IHU On-Line - A pós-modernidade é a era do individualismo? Por quê?

Ernilo Stein - Dentro dos meus limites, devo primeiro pensar o que é pós-modernidade. Talvez se possa afirmar que a pós-modernidade se define por contraste com a modernidade. Se a modernidade lutou para encontrar uma normatividade, a pós-modernidade é a era da desregulamentação. Se a modernidade procurava projeto e sentido para o futuro, a pós-modernidade se entrega ao acaso e ao presente. Se a modernidade lutava por uma homogeneidade, a pós-modernidade acontece no fluxo da dispersão e da heterogeneidade. Se a modernidade se caracteriza pela consolidação do político, do espaço público, a pós-modernidade é a era da despolitização dos nichos domésticos. Se a modernidade sonhou com uma unidade no âmbito da cultura, da política, do saber, a pós-modernidade é a época da desintegração, da multiculturalidade, do recolhimento ao privado, é o tempo dos saberes. Se a modernidade se apoiava na ideologia como convocação para engajamento, na pós-modernidade desaparece a ideologia. Se na modernidade o tecido social era sustentado pelas instituições, na pós-modernidade as instituições se tornam fluídas e o tecido social se esgarça. Se a modernidade confia nas grandes instituições, a pós-modernidade é móvel, nômade. Disso tudo se pode concluir que a pós-modernidade procura a diferença, a miniaturização das idéias, o descompromisso social, o tribalismo conivente, o presenteísmo imediatista, o hedonismo do *carpe diem*, o normatismo das emoções, o império da imagem e, como conseqüência, a onipresença do corpo, para cultivo, para uso, para propaganda através da hiper-erotização de toda presença humana, a produção de uma proximidade que não comunica. Ao dizer tudo isto, faltam-me elementos de medida, padrões de juízo e nisso tudo talvez se engendre o novo, o positivo, a ainda não claramente definida felicidade humana.

Mas, por ora, a pós-modernidade revela, no plano individual, o confronto com os limites, a glorificação do risco pelo risco, a vida submetida a técnicas, o domínio da perversão nas relações humanas, a fadiga de ser si mesmo no fenômeno da depressão, a perda de valores, o fim do sentido biográfico do trabalho. Pode-se descobrir em tudo isso o individualismo? Tem ele só um sentido negativo? As sociedades e os indivíduos na era da globalização estão em busca de “sobrevivência psíquica em tempos de crise” (Ch. Lasch¹⁶). Como fugir do narcisismo na afirmação de sua identidade pela busca da identidade? Certamente todos temos que ser muito mais fortes para suportar o esgarçamento dos laços sociais e a banalização do amor e dos afetos. Certamente o ser humano saberá frear o individualismo e o egoísmo no ponto de virada para esse complexo mundo novo!

IHU On-Line - E qual é o destino do ser nessa era de individualismo?

Ernilo Stein - A segunda pergunta beira o enigma, mas, como aponta o jeito de um filósofo falar (Heidegger¹⁷), merece algumas considerações. “O destino

¹⁶ Christoph Lasch (1932-1994): historiador, moralista e crítico social americano. É autor de, entre outros, *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperança em declínio* (Rio de Janeiro: Imago, 1983); *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis* (4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987); *Refúgio num mundo sem coração: a família - santuário ou instituição sitiada?* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991); *Christopher. A rebelião das elites e a traição da democracia* (Rio de Janeiro: Ediouro, 1995) e *A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999). (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁷ Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a *IHU On-Line* publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para

do ser” é uma expressão que deve ser desconstruída, primeiramente. O filósofo disse uma vez: “Tão finitos somos nós que precisamos do conceito de ser para pensar”. Não sei quantos sentidos pode ter uma frase assim. Em todo o caso, dela se conclui que pensar e ser acontecem juntos. Se o pensar se limita à ciência e aos objetos da técnica, ele limita. Calcula, manipula, objetifica ou como diz o mesmo pensador: “a ciência não pensa”. Ser, portanto, não é um objeto; ser é uma dimensão, um mundo, um horizonte, um acontecer em que se move o ser humano, já sempre operado quando nos compreendemos, nos encontramos conosco e com os outros. Se no pensar passamos tudo isso por alto, então nosso pensar encobre algo fundamental: nossa contingência, nossa necessidade de totalidade, nossa existência, não com um sentido fixo, mas nós como “formadores de mundo”.

O individualismo poderia nos fazer esquecer este “sentido” do ser? Ser não é um ente ou objeto que pode ser um fim ou uma entidade que nos fizesse alvo de alguma mensagem. Nós podemos cair numa falsa autonomia ilusória, num individualismo, numa negação da diferença que sempre fazemos, da diferença ontológica entre ser e ente, enquanto somos. A ciência descobre objetos, os manipula e os multiplica, enquanto se multiplica em mais ciências, ficando paralisada diante do ser, que é “intransponível e incontornável”. Isso deve ser levado em consideração quando nos relacionamos com objetos, eventos, processos e pessoas. Enfim, o nosso mundo não pode ser confinado no deserto da subjetividade e da objetificação. Mundo é encontro. Caso contrário Fernando Pessoa tem razão:

Grandes são os desertos, e tudo é deserto.

Não são algumas toneladas de pedra ou tijolos ao alto

download no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. Confira, ainda, o nº 12 dos *Cadernos IHU Em Formação* intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*. (Nota da *IHU On-Line*)

Que disfarçam o solo, o tal solo que é tudo.

*Grandes são os desertos e as almas desertas e grandes
Desertas porque não passa por elas senão elas mesmas,
Grandes porque de ali se vê tudo e tudo morreu.*

Grandes são os desertos, minha alma.

Grandes são os desertos.

IHU On-Line - Como fica a questão da autonomia frente a essa constatação? As pessoas têm noção do que significa autonomia ou confundem-na com egoísmo?

Ernilo Stein - Penso que não é fácil saber o que é autonomia. Ela não é uma entidade abstrata. Necessita sempre todo um universo ético que nos vincula com regras morais de uma comunidade. Posso seguir regras feitas para mim que nos põe a questão da linguagem privada. Mas num mundo solitário, sem comunicação solidária, afetiva, sem interlocução, não faz sentido falar em moral. Saber o que é autonomia não é uma questão de razão e liberdade apenas. Autonomia é uma aprendizagem e liberdade é a principal ferramenta na prática. Gosto muito do livro de meu amigo Peter Bieri, professor da Universidade Livre de Berlim, ***A ferramenta da liberdade - Sobre a descoberta da vontade própria***, certamente o melhor livro de moral ou ética (?) da segunda metade do século XX e inícios deste século ou dos últimos 50 anos. O livro se compõe de três partes com belos capítulos cada uma: 1. A liberdade condicionada. 2. Liberdade incondicionada. 3. Liberdade apropriada (conquistada). Kant¹⁸ complicou a moral com

¹⁸ Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade,*

seu conceito de autonomia e não encontrou resposta ao *como* a lei moral determina a liberdade (veja-se *Crítica da razão prática*). Gosto da primeira parte da *Fundamentação da metafísica dos costumes* (mas também só!) Não gosto da moral do *dever*. Escolhi com boas companhias a moral do *querer*. A moral do *dever* parte de uma *liberdade numênica* (que não pode ser objeto do conhecimento). A moral do *querer* pode trabalhar com a liberdade como experiência.

IHU On-Line - Até que ponto se pode falar em autonomia numa sociedade em que milhões de pessoas morrem de fome e estão “presas” à sua própria vida? A liberdade e a autonomia estão destinadas apenas ao mundo numênico?

Ernilo Stein - É verdade, numa sociedade de pobres (famintos, subnutridos, analfabetos, doentes, etc), a autonomia kantiana não tem nada a dizer. O que pode ser autodeterminação para quem segura a frágil vida a lhe escapar das magras mãos? Penso sempre que temos que libertar nosso conceito de ser humano de uma filosofia da história que aprisiona nossos esforços para pensar o homem desde uma antropologia (veja-se Ernest Tugendhat¹⁹ em seu livro *Anthropologie statt*

lógica e ética. Os Cadernos IHU em formação estão disponíveis para download na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da IHU On-Line)

¹⁹ Ernst Tugendhat (1930): filósofo tcheco, nascido em Brno. É autor de, entre outros, *Der Wahrheitsbegriff bei Husserl und Heidegger* (2., unveränderte Aufl. Berlin: Walter de Gruyter, 1970); *Lições introdutórias à filosofia analítica da linguagem* (Ijuí: UNIJUÍ, 1992); *Lições sobre ética* (Petrópolis: Vozes, 1997) e *Não somos de arame rígido: conferências apresentadas no Brasil em 2001* (Canoas: ULBRA, 2002). (Nota da IHU On-Line)

Methaphysik (2007)) aberta e generosa. Mas a ética e a filosofia da história de Kant nos proibem escrever uma antropologia (este expediente numênico é a maior armadilha!). Para fazer justiça ao ser humano, temos que seguir o seguinte silogismo: para civilizar o ser humano, o Ocidente introduziu a retórica do humanismo e do iluminismo. Ora, este humanismo do homem domesticado fracassou. Logo, devemos substituir os abstratos discursos humanistas por uma antropologia que leve à verdade do homem. O axioma fundamental da ciência se mostra sem fundamento enquanto os seres humanos morrem de fome. Mais importante que uma biblioteca de moral talvez seja uma cozinha com a dieta alimentar básica para o desenvolvimento do neo-córtex de todo o ser humano.

IHU On-Line - Se autonomia, como Kant propunha, é a lei que damos a nós próprios e cumprimos, como pensar numa ética coletiva, categórica, frente à disseminação de éticas individuais e, no máximo, de pequenos grupos, como o que ocorre atualmente?

Ernilo Stein - Pelas coisas que disse na questão anterior, não posso aceitar uma ética da *forma* kantiana do imperativo - seu *conteúdo* sim. Uma moral universal na *forma* kantiana não é exequível. Portanto, não surgirá uma ética coletiva, social ou outro adjetivo da fórmula kantiana. O esforço de pensar elementos de uma moral mínima a partir da antropologia filosófica não é utópico. Podemos expor as estruturas do pensamento, da vontade, da liberdade, da emoção, que sustentam regras morais. Mas disso não se pode encarregar somente a filosofia. Precisamos das ciências humanas e das conquistas empíricas que nos ajudam a descrever a complexidade do ser humano e a articulação das regras morais. Não aceito a idéia de “éticas individuais”. Mesmo a expressão “ética individualista” me parece autodestituir-se.

IHU On-Line - Na entrevista concedida à edição 185 da IHU On-Line, em 19-06-2006, o senhor afirma que “estamos sós no planeta e nele somos um acontecimento que se espanta consigo mesmo”. Como o homem pode superar esse espanto e se colocar afirmativa e autonomamente diante da tarefa de construir seu próprio destino?

Ernilo Stein - Não sei se minha entrevista deveria ter-me comprometido com uma frase tão grandiosa, ainda mais se vocês me vêm perguntar por uma saída. Mas vamos lá. É claro que minha afirmação é fenomenológica e não metafísica. Isto em primeiro lugar! De enunciados fenomenológicos não me atrevo deduzir respostas para nossa perplexidade. Minha frase vale mais pelo que ela não diz. Isto é, filosoficamente, não podemos construir pontes “desde fora” para encontrar o sentido da existência. Isto não significa que não possamos ser sensíveis aos sinais que nos cercam em nosso modo de ser-no-mundo, e apontam para o sagrado e todos os fenômenos que constituem a sensibilidade para a fé e a religião. Romano Guardini²⁰ deu-nos na primeira antropologia heideggeriana, escrita em 1939, uma bela perspectiva em que define o *Dasein* como a totalidade da existência e em função deste enunciado surgiu a supressão da especialização de todo o pensamento quando se trata de religião (dentro, fora, em cima, embaixo etc.) e o recurso às dimensões existenciais. (Guardini, R. *Welt und Person*, 1939).

²⁰ Romano Guardini (1885-1968): teólogo, filósofo, pedagogo e literato italiano que viveu a maior parte de sua vida na Alemanha. Lecionou na Universidade de Bonn e na Universidade de Berlim, onde permaneceu até a década de 1930, quando o Terceiro Reich impediu suas atividades docentes. Em 1945, reassumiu na Universidade de Tübingen, passando, pouco depois, à de Munique. Escreveu muitas obras, entre elas, *De la mélancolie* (Paris: Points, 1953), traduzida por Jeanne Ancelet-Hustache e *La fin des temps modernes* (Paris: Seuil, 1952). (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Como o senhor relaciona a tendência irresistível de transformar tudo em dispositivo (*Gestell*), conforme Heidegger, com a globalização e o esfacelamento das certezas e dos fundamentos nos quais se assentavam o ser e o pensamento?

Ernilo Stein - Grande parte do pensamento de Heidegger se preocupa com a questão da técnica. Mas isso não constitui uma postura romântica. Ele procurou, já nos anos 1930, analisar o fenômeno do gigantismo, do empresamento e outros fenômenos do século XX como resultado da “europeização do Planeta”. É verdade, o filósofo liga a este acontecimento o esquecimento do ser na história da metafísica. Mas isto exigiria um desvio de análise muito grande aqui. Um dos elementos muito explorados pelo filósofo é o vínculo da técnica com a ciência na invencível compulsão de o homem converter o Planeta em fundo inesgotável para a transformação. O filósofo gostaria de encontrar no dispositivo a característica da técnica que mostra a nossa relação com os entes, não levando em consideração o ser. E a relação com ele nos levaria ao respeito diante do mundo. Heidegger falava de um pensamento que medita contra ou além do pensamento que calcula. As primeiras conferências em Bremen *Einblick in das Was ist* (1949) incluem uma conferência sobre o dispositivo (*Gestell*) e outra sobre a técnica. Do mesmo modo, a *Carta a um professor japonês* (1963) analisa a questão e se concentra na europeização do mundo.

IHU On-Line - O que o senhor quer dizer com a idéia de que não é possível negarmos a importância da teoria heideggeriana de “que, com a modernidade, surgiu a questão da subjetividade e com isso a questão de método”, conforme a entrevista *A superação da metafísica e o fim das verdades eternas*, publicada na edição 185 da *IHU On-Line*?

Ernilo Stein - Toda a obra heideggeriana é uma crítica à idéia da modernidade enquanto nela domina a

subjetividade e esta está vinculada à questão do método. A analítica existencial se apresenta com a idéia do ser-no-mundo, já sempre de modo prático, do *Dasein* como o novo paradigma que substitui a subjetividade como condição de possibilidade do conhecimento. A crítica à modernidade é feita na notável conferência e ensaio *Die Zeit des Weltbildes - O tempo da imagem do mundo* - nos anos 1930.

IHU On-Line - Recuperando outra de suas idéias desenvolvidas nessa entrevista, o senhor destaca que o ser humano liberado das amarras metafísicas e da tradição é o mesmo que considera possível manipular

os recursos do Planeta sem limites. Como o senhor explicaria esse comportamento: através do individualismo, da autonomia? Estaria aqui a raiz da catástrofe ecológica que já se faz notar?

Ernilo Stein - Certamente, há um vínculo entre a crítica ao dispositivo e a questão da ecologia. Nos anos 1960 e 1970, o filósofo fazia análises explícitas sobre a conversão da natureza em indústria. Periodicamente se reuniam os prêmios Nobel na Suíça e Heidegger participava dos debates com esta preocupação. Para o filósofo, a preocupação com o Planeta é certamente uma tarefa para a filosofia.

A secularização da secularização e o futuro da autonomia

ENTREVISTA COM JEAN-CLAUDE MONOD

Em entrevista por e-mail, exclusiva à IHU On-Line, o filósofo francês Jean-Claude Monod enfatizou que a grande questão da democracia, tradução política da autonomia, é “como evitar que a democracia se torne uma ficção”. Recuperando idéias de Claude Lefort, Monod afirma que “na democracia, por oposição às antigas “teologias políticas” do poder encarnado, o poder é essencialmente um “lugar vazio”, e nenhum grupo, nenhum partido, nenhuma doutrina podem pretender “ocupá-lo” de pleno direito, sem contestação, e é por esta própria “vacância” que uma vida democrática, uma “invenção democrática” é possível”. Essa e outras idéias desenvolvidas a seguir serão aprofundadas em 22-05-2007, às 9h, quando Monod profere a conferência A secularização da secularização. Possibilidades e limites do futuro da autonomia, dentro da programação das atividades do Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos? Promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos (IHU), o evento vai de 21 a 24-05-2007. Confira a programação completa no site www.unisinos.br/ihu.

Monod é pesquisador em filosofia alemã pós-hegeliana, filosofia política, filosofia contemporânea e ciências humanas nos Arquivos Husserl, de Paris, no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), École Normale Supérieure. De sua vasta lista de publicações, citamos La querelle de la sécularisation. De Hegel à Blumenberg (Paris: Vrin, 2002). Na edição 175, de 10-04-2006, intitulada Paulo de Tarso e a contemporaneidade, concedeu a entrevista Paulo e a fé como loucura, ruptura e escândalo.

IHU On-Line - Em que aspectos o conceito de autonomia está ligado à secularização da modernidade?

Jean-Claude Monod - Como conceito ou “palavra de ordem” política tipicamente moderna, a secularização pôde ser definida como *emancipação* em face da religião, assimilada à tradição e à heteronomia, constituindo-se numa “lei do Outro”; um outro que não seja eu, um outro que não seja o homem, um outro que não seja a razão. Trata-se de uma lei imposta como imutável enquanto sagrada, transcendente. Certa explicação

filosófica da modernidade compreende, deste modo, a mesma como época da autonomia do sujeito, aberta filosoficamente por Descartes com sua exigência de rejeição de tudo o que tem sido “recebido” sem exames (opiniões admitidas na infância, tradições imemoriais...), e sua refundação do saber sobre a certeza subjetiva. Além disso, a modernidade como secularização consistiria, então, para o sujeito individual, numa “autofundação”, da qual o instrumento é a razão: refundação das normas sobre a vontade do sujeito que só quer obedecer a uma lei que fez a prova de sua

justificação racional, e que encontra sua tradução política na democracia. As Luzes francesas, em particular, opuseram à “aliança do trono e do altar”, isto é, à aliança do rei e do sacerdote como dupla figura da heteronomia, a contra-figura da democracia laica.

Concepção sociológica

Uma segunda concepção da secularização, mais sociológica, seria mais neutra em vista de seus efeitos para o indivíduo, privilegiando antes o que se chamou de “a autonomização das esferas sociais”. Max Weber falava, assim, de um processo de *Eigengesetzlichkeit* [autolegislação], ou seja, do fato de os diferentes setores sociais serem progressivamente “racionalizados” em torno de suas “próprias normas”, ou sua “lógica intrínseca” - e ele citava em apoio das máximas típicas: “a arte pela arte”, “os negócios pelos negócios”, “à guerra, como à guerra”... Neste processo, grupos sociais, ou indivíduos se põem a reivindicar a autonomia de seu setor de atividade, o direito de só seguir as normas internas a este domínio, e recusam como atentados à sua liberdade os julgamentos de valor “externos”, por exemplo, os interditos e as prescrições religiosas que puderam pesar sobre a atividade artística, mas também, mais amplamente, toda pressão em função de exigências (políticas, morais, comerciais...) não-artísticas. Este processo histórico contribuiu à formação de uma sociedade secularizada, no sentido de uma sociedade na qual a religião não constitui mais o “setor dominante”, mas onde existem esferas sociais relativamente autônomas. Quanto a saber se esta autonomização funcional produz uma autonomia *dos indivíduos*, é uma outra questão.

IHU On-Line - Corremos o risco de nos tornarmos uma sociedade de indivíduos e pensar a autonomia apenas como sinônimo de individualismo? Por quê?

Jean-Claude Monod - A emergência do indivíduo como sujeito de direitos também suscitou a inquietude de uma possível desmoração da sociedade, tanto nas críticas “reacionárias” como nas críticas “revolucionárias” da modernidade liberal-burguesa: de um lado, deplora-se a perda de uma “comunidade” soldada por elos sagrados, em favor de uma “sociedade” de indivíduos que só reconhecem elos contratuais rescindíveis; de outro, denuncia-se (de um modo mais ambivalente, por exemplo em Marx²¹) “a atomização” do indivíduo, separado do conjunto vivo do gênero humano, ou dos grupos de solidariedade mais antigos, como família, corporação, classe. Será verdade que este processo redundará necessariamente numa ruptura de todos os elos comunitários, à constituição de uma sociedade de indivíduos egoístas e narcisistas? Parece-me que se exagera uma tendência real, acentuando-a unilateralmente: absolutamente não há mais comunidades “orgânicas”, mas há formas de grupo, comunidades semi-eletivas que continuam vivas. Afinal de contas, de fato sempre existem solidariedades familiares, a família continua sendo um pólo decisivo de muitas existências, mesmo se elas são muitas vezes famílias em evolução, “recompostas” etc. De outra parte, há grupos que se mantêm ou reconstróem sem cessar em torno de tradições religiosas ou culturais, embora na França, por exemplo, todo um discurso político pretenda afirmar que a unidade do país está ameaçada pelo “comunitarismo” e

21 Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.ª Dr.ª Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O Caderno IHU *Idéias*, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da IHU On-Line)

“multiculturalismo”... , o que prova, em todo o caso, que nós somos apenas uma sociedade de indivíduos. A tendência de pensar a autonomia somente como individualismo é real, e sobre este ponto se pode dizer que o quadro do pensamento da autonomia na “primeira modernidade”, digamos num modo “rousseauista-kantiano”, é amplamente detalhado: a idéia que a autonomia implique a submissão a uma “lei” comum, sem a qual não há liberdade, é cada vez mais vivida como contradição, e a idéia de que os direitos tenham, por reverso, deveres, já não passa despercebida. Sem dúvida, também certa ideologia ultraliberal sugere que os mecanismos institucionais de solidariedade com as pessoas em dificuldade, os desempregados, os pobres etc., pesam sobre a liberdade e o dinamismo dos “ganhadores”. Esta visão da autonomia sobre um modo individualista e egoísta está em progressão, mas ela encontra múltiplas resistências. A tendência de pensar a autonomia de modo puramente individualista não me parece irresistível.

IHU On-Line - A pressuposição de que a autonomia é a conquista do direito de se dar a própria lei funda-se numa concepção iluminista e, sobretudo, kantiana. Como conciliar autonomia num mundo fenomênico, terreno do determinismo, e o numênico, da liberdade?

Jean-Claude Monod - A resposta kantiana detinha, de fato, uma forma de dualismo. Isso dava, aliás, lugar, na *Crítica da razão prática*, a certas dificuldades: de que modo o “eu numenal”, fora do tempo, exerce uma causalidade na ordem fenomenal e nos seus encadeamentos mecânico-temporais? Como pensa o “começo” fora do tempo de uma ação no tempo? Este é sempre o problema do postulado da liberdade metafísica que implica uma capacidade de subtrair-se do conjunto das determinações naturais para “decidir”. Atualmente, existe uma tentação de se ter por nula a capacidade de “se construir” a si mesmo, por exemplo, reconstruindo a

personalidade sobre a constituição genética do indivíduo. Viu-se, por exemplo, na última campanha presidencial na França, o candidato finalmente eleito declarar que o suicídio e a pedofilia eram inteiramente genéticos, e o relatório de um grande organismo de pesquisa e de saúde havia recomendado, faz alguns meses, de se “detectar” os futuros “delinqüentes” desde antes da idade de três anos, na creche... Há, pois, concepções deterministas efetivamente incompatíveis com a idéia da autonomia, mas toda concepção do mundo não-dualista não conduz, segundo penso, a tal determinismo: pode-se pensar qualquer coisa como um feixe de determinações, algumas inatas, outras adquiridas, outras ligadas a uma situação social, a uma história psicológica própria etc., de modo que o resultado seja necessariamente aberto a certo “jogo”, a uma margem que ameaça a capacidade de escolhas refletidas... É o que Robert Musil²² ou Hans Blumenberg²³ chamaram de o “princípio de razão insuficiente”: a totalidade dos fatores e de seus efeitos é impossível de conhecer e “calcular”. Todo determinismo, desse modo, é parcial e há lugar para uma indeterminação da ação.

IHU On-Line - Poderia explicar como e por que a democracia é a tradução política da autonomia? Dado o comportamento apático dos eleitores, ou a obrigatoriedade em votar (como no Brasil), ainda se pode acreditar que essa aproximação expressa a realidade?

Jean-Claude Monod - Quaisquer que sejam seus limites reais, a democracia não parece ser o quadro político menos desfavorável à expressão da autonomia dos

²² Robert Musil: escritor austríaco, autor do célebre *O homem sem qualidades* (2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989). (Nota da *IHU On-Line*)

²³ Hans Blumenberg (1920-1996): filósofo alemão, autor de, entre outros, *Die Legitimität der Neuzeit* (2.ed. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988), traduzido para o francês como *La légitimité des Temps Modernes* (Paris: Gallimard, 1999). (Nota da *IHU On-Line*)

indivíduos, se não se reduz a democracia ao direito de voto (mesmo se a possibilidade de votar é evidentemente uma dimensão da democracia, uma condição necessária, porém não suficiente). Por certo, desde sua conceitualização moderna em Rousseau²⁴ ou Kant, a idéia que a lei possa ser a expressão da vontade “de todos” e que cada um nela possa se reconhecer, era colocada como uma “ficção”: é preciso fazer “como se” eu pudesse ser o autor da lei, “ao mesmo tempo, legislador e sujeito”, e eu o posso submetendo a lei a uma prova crítica - ela está realmente a serviço do interesse geral ou privilegia as categorias que menos precisam? Ela respeita meus direitos fundamentais? Ela constitui um entrave às liberdades? Se eu julgo desfavoravelmente uma lei, eu penso, em democracia, em sair para a rua, em protestar publicamente, manifestar, formar uma associação, escrever nos jornais etc., e todas estas possibilidades dão corpo à autonomia... Se a gente se atém ao voto, é verdade que muitas vezes é difícil fazer “como se” o seu voto, um entre milhões (no caso, por exemplo, da eleição presidencial na França) tivesse um certo alcance... tanto mais que as escolhas parecem amplamente “formatadas”, limitadas pelas lógicas de partido e desequilibradas pela mobilização de forças midiáticas consideráveis. A questão é, então, a seguinte: como evitar que a democracia se torne uma ficção? Não devemos mascarar, a meu ver, outros aspectos que foram notavelmente sublinhados por Claude Lefort²⁵: na

²⁴ Jean Jacques Rousseau (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As idéias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁵ Jean-Claude Lefort: filósofo francês, autor de, entre outros A *invenção democrática: os limites da dominação totalitária* (São

democracia, por oposição às antigas “teologias políticas” do poder *encarnado*, o poder é essencialmente um “lugar vazio”, e nenhum grupo, nenhum partido, nenhuma doutrina podem pretender “ocupá-lo” de pleno direito, sem contestação. É por esta própria “vacância” que uma vida democrática, uma “invenção democrática”, é possível.

IHU On-Line - O senhor aproximaria heteronomia religiosa e heteronomia política em nossos dias? Por quê? Como essa ligação pode ajudar a explicar os fundamentalismos religiosos e os regimes de exceção?

Jean-Claude Monod - O elo traçado entre heteronomia religiosa e heteronomia política é um gesto típico das Luzes, em particular das Luzes pré-revolucionárias francesas, que consistia em denunciar a legitimação “divina” do poder real ou o que se chamou de “a aliança do trono e do altar”. Além disso, toda a corrente da “crítica da religião”, notadamente na filosofia alemã, estimou que a emancipação humana começasse pela emancipação em face da religião, ou, como o dizia Marx, que “a crítica da religião é a condição de toda crítica”, o pressuposto para uma “crítica da política” e da alienação econômica. Esta concepção ainda tem sentido hoje em dia? Os totalitarismos e as ditaduras do século XX mostraram abundantemente a possibilidade e a realidade de dominações políticas extremas que nada tinham de religiosas, salvo ao se falar de “religiões seculares” ou de religiões políticas, como o fizeram certos analistas (Voegelin²⁶, Gurian ou Aron). E, no caso do nazismo,

Paulo: Brasiliense, 1983) e *Desafios da escrita política* (São Paulo: Discurso Editorial, 1999). (Nota da *IHU On-Line*)

²⁶ Eric Voegelin (1901-1985): estudioso alemão que causou comoção nos meios acadêmicos ao classificar movimentos políticos modernos - como o positivismo e o marxismo - como gnósticos, de modo que não passariam de novas versões de uma velha heresia combatida pela Igreja Católica. Foi aluno de Hans Kelsen, mas acabou emigrando para a Louisiana, no Sul dos Estados Unidos, durante a ditadura de Hitler. Foi lá que escreveu a maioria de seus livros. Em grande parte devido à

como no caso do comunismo soviético, foi muitas vezes nas Igrejas que se encontraram lares de resistência a estas dominações. Atualmente, no Ocidente, as Igrejas, na maioria das vezes, se separaram dos Estados e contestam, muitas vezes abertamente, as orientações sociais e políticas dos governos, incluindo o liberalismo. O domínio no qual certa “heteronomia” religiosa continua a desempenhar um papel, a meu ver, é antes o da moral, em particular da moral sexual.

Os regimes de exceção, notadamente os dispositivos postos em prática no quadro da “guerra contra o terrorismo”, nada têm a ver com a heteronomia religiosa, salvo caso se sonhe com a *Teologia política* de Carl Schmitt²⁷ e com sua famosa definição do estado de exceção, que conecta o soberano político com Deus: “é soberano quem decide pelo estado de exceção”, com o paralelo entre, de um lado, a ordem regular do mundo e o milagre “decidido” por Deus (que suspende as leis do mundo) e, do outro, a ordem jurídica e o estado de exceção (que suspende leis, direitos ou a Constituição em vigor). Também seria preciso interrogar o vocabulário da “cruzada” contra o “Mal”, que foi um léxico privilegiado da administração Bush na “guerra contra o terrorismo”.

Os fundamentalismos justificariam aproximar novamente heteronomia política e heteronomia religiosa? Pensando no mundo muçulmano, por exemplo, na República iraniana, parece-me que se tem aí um exemplo de teocracia que alia certa heteronomia religiosa e política, embora certos mecanismos democráticos e

difusão das teses de Voegelin, inspiradas por autores modernistas, tem havido recentemente uma onda de estudos “revisionistas” sobre gnose, questionando a validade do termo e buscando redefinir seu significado. De suas obras, citamos *A nova ciência da política* (2ª ed. Brasília: Universidade de Brasil, 1982). (Nota da *IHU On-Line*)

²⁷ Carl Schmitt (1888-1985): jurista e cientista político alemão. A *IHU On-Line* 139, de 2-05-2005, publicou o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. (Nota da *IHU On-Line*)

republicanos estejam também presentes nesta forma política composta. As formas cristãs de fundamentalismo desenvolvem, na maioria das vezes, uma estratégia que evita pretender o controle político direto da sociedade, e privilegia antes uma conquista social “por baixo”, num quadro pluralista.

***IHU On-Line* - Qual é o seu ponto de vista sobre a crítica de Nietzsche à democracia de que ela é a expressão da decadência e fraqueza da modernidade, bem como o arrebanhamento do “último homem” em seu projeto? Em que medida a autonomia pressuposta pelos filósofos legisladores de Nietzsche, os aristocratas do espírito, expressa ou não o fazer político que hoje existe nas democracias?**

Jean-Claude Monod - A crítica de Nietzsche realça, de uma parte, uma retórica da decadência, certamente conduzida a um ponto de elaboração notável, mas atravessada por um horror da “plebe” e por um aristocratismo intelectual do qual não participo. Em compensação, sua descrição do “último homem” e da satisfação de si de quem não crê mais em nada, que perdeu todas as ilusões, que se crê acima de tudo quando não tem mais a força de crer no que quer que seja, parece-me sempre impressionante. Como dar-se à força de ainda crer em ideais que resistem à desvalorização de todos os valores, à historicização e à relativização de tudo sob o efeito do sentido histórico e da ironia que dele resulta? É esta questão que Nietzsche lega como desafio a todo pensamento pós-metafísico que não quer soçobrar no niilismo puro.

***IHU On-Line* - O senhor está acompanhando o debate entre Luc Ferry e Marcel Gauchet sobre o lugar do cristianismo? Acredita que os valores cristãos continuam se expressando na democracia? Por quê?**

Jean-Claude Monod - Eu não acompanhei este debate, no qual nenhuma posição me parece satisfatória, embora

uma que outra não seja desprovida de interesse. “A humanização do divino” de que fala Luc Ferry de autonomia, precisamente com os valores “humanistas” do sujeito livre, dos direitos do homem e da democracia, tidos por “ímpios” há pouco tempo. A objeção de Gauchet²⁸, segundo a qual se teria antes envolvimento com uma “desantropomorfização” de Deus nos tempos recentes, recobre um outro processo, real (poucas pessoas se representam hoje Deus como um homem em grau maior, um personagem barbudo etc.), mas não incompatível com certa “humanização”, no sentido de Ferry. Eu sou mais cético ante o tema, avançado por Gauchet, de uma “saída da religião” de um mundo estruturado pela religião: parece-me que ele conferiu valor definitivo a um momento particular da história européia, e que incidiu em certos defeitos das “filosofias da História” do século XIX, postulando que o futuro se assemelharia a esta seqüência determinada. De maneira geral, e paradoxalmente para Ferry, que é um “kantiano”, estas fórmulas de Ferry e de Gauchet me parecem excessivamente “hegelianas”, no sentido de que elas tentam resumir numa fórmula processos históricos maciços, evoluções por vezes contraditórias - não estou seguro que isso seja possível sem uma grande simplificação. Em compensação, eu faço minha a interrogação sobre o futuro do religioso após a religião, ou sobre as transformações do “crer” além do declínio relativo, na Europa ocidental, das Igrejas: em que medida as crenças políticas não sofreram também elas um declínio enquanto expectativas de uma mudança radical? Em que medida a fé no Estado não se manteve ela própria por sua rivalidade com a Igreja? Estas

correspondeu bem a uma fase (recente) da evolução do cristianismo institucional: sua reconciliação com a idéia questões de Gauchet me parecem fundamentais para o presente.

²⁸ Marcel Gauchet: filósofo francês. Com Luc Ferry, é autor do livro *Le religieux après la religion (O religioso após a religião)*. Paris: Grasset. 2004). Escreveu *Le désenchantement du monde* (Paris: Gallimard. 1985), *La condition historique* (Paris: Stock, 2003) e *Un monde désenchanté?* (Paris: L’atelier. 2004). (Nota da IHU On-Line)

O delírio de autonomia e a dissolução dos fundamentos da moral

ENTREVISTA COM MARIO FLEIG

Na opinião do psicanalista e filósofo Mario Fleig, “o delírio de autonomia poderia ser descrito como a dissolução dos fundamentos da moral, à medida que a consistência da alteridade desaparece”. De acordo com ele, “a autonomia alcança o limiar do delírio quando o ideal se orienta pela abolição da dimensão do impossível, quer dizer, o ideal de vida perseguido pressupõe que tudo seja possível”. Fleig ministra na terça-feira, 22-05-2007 o minicurso A autonomia na pós-modernidade. Um delírio?, a partir das 14h30min, dentro da programação do Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos? A entrevista a seguir foi concedida por e-mail à IHU On-Line.

Fleig é professor do curso de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos e membro da Associação Lacaniana Internacional. Graduado em Psicologia pela Unisinos e em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, é mestre em Filosofia pela UFRGS, com a dissertação Os esquemas horizontais em Ser e Tempo, doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com a tese O tempo é a força do ser - Lógica e temporalidade em Martin Heidegger, e pós-doutor pela Université de Paris XIII (Paris-Nord), França, em Ética e Psicanálise. A edição 150 da IHU On-Line, de 08-08-2005, entrevistou Fleig sob o título As modificações da estrutura familiar clássica não significam o fim da família. Na edição 179, de 08-05-2006, Fleig concedeu a entrevista Freud e a descoberta do mal-estar do sujeito na civilização. Sua contribuição mais recente pode ser conferida na edição 185 da IHU On-Line, com a entrevista O declínio da responsabilidade, antecipando assuntos que apresentou no IHU Idéias sob o título “Ah! Não vai dar nada” Patologias da responsabilidade e delírio de autonomia na pós-modernidade, apresentado em 29-06-2007 no lançamento do Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?

IHU On-Line - A autonomia na pós-modernidade é um delírio? Por quê?

Mario Fleig - Autonomia, correlato do conceito de liberdade, é uma das maiores conquistas da

modernidade, com já afirmara Hegel²⁹. Nossa proposta

²⁹ Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *Fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no

não é colocar em questão essa conquista, seja pela suposição de que ela seria a causadora dos infortúnios da vida coletiva atual e nem mesmo sugerir um retorno ao modelo de organização social pré-moderno. Contudo, os desdobramentos da autonomia têm produzido efeitos sociais e subjetivos inquietantes, em formas que se apresentam em novos ideais configurados em modo de vida em que não haveria limites para nada, em que poderia se gozar a qualquer preço etc. Enfim, a autonomia alcança o limiar do delírio quando o ideal se orienta pela abolição da dimensão do impossível, isto é, o ideal de vida perseguido pressupõe que tudo seja possível. Outro traço que caracteriza o que passou a ser denominado de pós-modernidade é, além da recusa de qualquer limite, a descrença generalizada em qualquer referência que seja transcendente ao contexto vivido. O delírio de autonomia poderia ser descrito como a dissolução dos fundamentos da moral, à medida que a consistência da alteridade desaparece (o outro já não conta como uma das referências que orientariam a vontade na busca do que seria bom para o próprio sujeito em seu convívio com o semelhante), assim como a dimensão da auto-recriminação. Esta problemática da expansão da descrença em ideais partilhados e no outro, além do apagamento da auto-recriminação e o advento do ideal de gozar a qualquer preço, requereria uma retomada cuidadosa da história da fundamentação da moral à luz da elaboração da noção de liberdade na modernidade.

Bases conceituais da autonomia

Sabemos que a noção de autonomia ganhou suas bases conceituais no século XVIII, especialmente com Kant³⁰

séc. XX. Sobre Hegel, confira a edição especial nº 217m de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de GEorg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁰ Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante

(1724-1804), calcado na definição de liberdade proposta por Rousseau³¹ (1712-1778), em seu *Contrato social*, como “obediência à lei que nós prescrevemos”. Kant, na sua busca de uma fundamentação da moral, que não encontra na teoria aristotélica da prudência e das virtudes, transforma a noção de liberdade de seu antecessor em autonomia da vontade, no exercício da qual situa o imperativo categórico, princípio supremo da moralidade. Não vamos aqui desenvolver e discutir esta importante e complexa teoria.

do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os *Cadernos IHU em formação* estão disponíveis para download na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da *IHU On-Line*)

³¹ Jean Jacques Rousseau (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As idéias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. (Nota da *IHU On-Line*)

Entretanto, neste mesmo período, Adam Smith³² (1723-1790), em sua *Teoria dos sentimentos morais*, propõe um outro caminho para a fundamentação da moral. O pensamento de Smith, tanto em economia quanto em filosofia moral, traz a marca do esforço constante de formular a teoria a partir da experiência. Partindo, então, da experiência, o que implica situar-se já no horizonte da busca de uma fundamentação não transcendente da moral, ele procura responder a duas questões fundamentais. Em que consiste a virtude e a justiça e o que define a felicidade e a plenitude do ser humano? Como se formam os sentimentos morais e o que nos leva a considerar uma conduta como correta e outra como errada? Sua hipótese é que a consciência moral não parte inicialmente de regras, nem de princípios, mas da experiência concreta do sentimento, especificamente do fato da simpatia, cujas implicações normativas se evidenciam gradualmente. Deste modo, a origem dos sentimentos morais, segundo Adam Smith, se encontra na operação espontânea de um hábito mental socialmente adquirido que é a simpatia. Ora, a simpatia supõe a

³² Adam Smith (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica. *A riqueza das nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal, ao invés do mercantilismo até então vigente. Outra faceta de destaque no pensamento de Smith é sua percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores encontravam-se submetidos com o advento da Revolução Industrial. O Instituto Humanitas Unisinos promoveu em 2005 o I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. No segundo encontro deste evento a professora Ana Maria Bianchi, da USP, proferiu a conferência *A atualidade do pensamento de Adam Smith*. Sobre o tema, concedeu uma entrevista à *IHU On-Line* número 133, de 21-03-2005. Ainda sobre Smith, confira a edição 35 do *Cadernos IHU Idéias*, de 21-07-2005, intitulado *Adam Smith: filósofo e economista*, escrito por Ana Maria Bianchi e Antônio Tiago Loureiro Araújo dos Santos, disponível para download no site do IHU. (Nota da *IHU On-Line*) A obra de Smith *Teoria dos Sentimentos Morais* foi tratada no III Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU em 2007. (Nota da *IHU On-Line*)

capacidade de acompanhar afetivamente aos outros, constituindo o núcleo e a originalidade da ética de Smith. Trata-se da capacidade humana de se transportar na imaginação para o lugar e a situação dos outros, a começar pelos mais próximos afetivamente, e deste modo procurar ver e sentir as coisas como supomos que os outros estão vendo e sentindo. Isso se refere à abertura para os outros, para seus afetos e sua capacidade afetiva. Somente a partir do senso de conveniência é que se pode desenvolver a capacidade de julgar a propriedade e o mérito das ações, assim como olhar para nós mesmos de fora, ocupando um ponto de vista externo e neutro (espectador imparcial). Bem, não vamos ter como desenvolver todo o caminho proposto por Smith, mas apenas apontar para sua fina descrição do que resulta no sentimento de solidariedade com o outro. Deste modo, nossa hipótese é que o delírio de autonomia se instala pela suposição de que se pode dispensar o compromisso consigo mesmo e com o outro, correlato do novo ideal, que se desenha no social, de viver junto sem outrem.

Quais os determinantes disso? Podemos afirmar que estamos vivendo o advento de uma nova economia psíquica, assim denominada por Charles Melman³³, efeito da economia neoliberal globalizada somada ao impacto subjetivo das tecnologias digitais e das transformações no campo da biologia (novas formas de sexualidade e de reprodução etc.), é correlato de um progressivo declínio da dimensão do grande Outro (conforme a denominação

³³ Charles Melman: psicanalista francês, aluno de Lacan. É membro fundador da Association Freudienne Internationale e diretor de ensino na antiga École Freudienne de Paris. Escreveu dezenas de livros. De 17 a 19-05-2007, Melman esteve na Unisinos proferindo o ciclo de conferências *Como alguém se torna paranóico? De Schereber a nossos dias*, numa promoção do Instituto Humanitas Unisinos (IHU). É o conferencista de abertura do *Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos*, em 21-05-2007, às 17h45min, quando falará sobre *O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos? Desafios e perspectivas*. (Nota da *IHU On-Line*)

de Lacan³⁴) e da lógica trinitária, e da supremacia crescente da lógica binária (sistema de informação), correlacionada ao deslocamento da responsabilidade centrada no sujeito para a responsabilidade atribuída aos procedimentos e enunciados sem sujeito.

IHU On-Line - Quais são as razões que levam o ser humano a crer que tem poderes ilimitados nesse mundo?

Mario Fleig - Uma das razões eu situaria no advento de uma nova economia psíquica. Hoje, a felicidade e a vida boa (*eudaimonia* para Aristóteles³⁵) já não resulta mais da harmonia com o ideal de cada um partilhado socialmente, mas do objeto que possa trazer satisfação, equivalente do objeto de consumo ofertado sem limites. São novos os modos de pensar, de ponderar, de fazer sexo, de conviver, de namorar, de constituir família, de viver os ideais etc. A nova economia psíquica é organizada pela exibição de prazer e determina novos deveres, dificuldades e sofrimentos. Os novos sujeitos tendem a operar no puro registro da demanda, ou seja, se há um desejo ou carência, a satisfação do mesmo se torna legítima. A demanda é então de encontrar sua satisfação, tomada como um direito, exigível a qualquer preço. A posição da autonomia tradicional, orientada por

³⁴ Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas esta é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁵ Aristóteles de Estagira (384 a. C. - 322 a. C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

princípios que marcavam os limites, está em falta, e em seu lugar se encontra o excesso como norma.

Uma outra razão, correlata da anterior, é que esta formidável liberdade é estéril para o pensamento, visto que este se organiza em torno daquilo que produz obstáculo. A queda dos obstáculos dispensa o pensar e apaga a condição de divisão própria do sujeito. Se o sujeito não é mais dividido, não há mais motivo para se interrogar sobre sua própria existência. E, na falta das referências que o pensar demarca, o indivíduo fica exposto, enfraquecido e deprimido, ansiando pela confirmação alheia, que busca nos objetos ofertados ao consumo, e precipitando-se com frequência em estados depressivos diversos.

IHU On-Line - Em entrevista à IHU On-Line 185, o senhor menciona que “as patologias da responsabilidade aparecem como um efeito generalizado da progressiva impessoalização das relações de trocas, tendo assim um alcance globalizado”. Quais seriam essas patologias psicológicas e o que elas dizem a respeito dos limites e possibilidades da autonomia?

Mario Fleig - Estas patologias novas, que tanto atingem os indivíduos quanto o social, podem ser detectadas em uma espécie de perversão social generalizada, na medida em que o princípio enunciado por Kant, de que jamais deveríamos tomar a pessoa como meio, mas somente como fim, parece que já não contar mais. Quando alguém se deixa tomar como objeto do saber técnico, onde fica a interrogação sobre o desejo e o que resta de sua própria enunciação? O apagamento da história, seja pela destruição das marcas diferenciais presentes nos monumentos, na arquitetura de cada época etc., seja a dissolução da relação com tempos descontínuos, reflete o sujeito deprimido contemporâneo, homogeneizado nos sem história. A autonomia como ideal da modernidade reaparece como um ideal de querer estar

descomprometido com tudo, exceto gozar sem limites e a qualquer preço. A ponta nevrálgica desta cadeia emerge, em seus efeitos socialmente visíveis, nas formações paranóicas, nas alucinações tóxicas e nos surtos de violência incontida.

O declínio do Outro

O que ocorre é que o Outro, como referente da lei simbólica, entra em declínio e se inicia um crepúsculo do mundo, correlato da suspensão de toda imunidade psíquica, ficando o sujeito tomado em uma relação dual, com incidências mortíferas. Tais efeitos psíquicos e sociais se evidenciam no declínio das condições de enunciação, no incremento da impessoalidade (formações de massa) e em funcionamentos que pervertem as funções estruturantes da condição humana. Ao lado de um crescente mal-estar na subjetivação, ocorre a implementação de um mundo sem-limites, que se reflete em novos modos de desresponsabilização. Seus efeitos aparecem, em sua incidência subjetiva, nas patologias do espaço (fobias, síndromes de pânico), nas patologias da imagem corporal (hiperatividade, transtornos na relação com o outro), nas patologias da oralidade (demanda desmedida de direitos, disparidade na alimentação), nas patologias do tempo (homogeneização do tempo, apagamento das marcas históricas, fim das narrativas, depressão), no incremento da paranóia (lógica do um: ou eu ou ele, sem mediação possível) e nas formas de instrumentalização de si mesmo e do semelhante (o sujeito está convencido saber sobre qual é o objeto adequado para seu gozo).

***IHU On-Line* - A cultura do “não vai dar nada” é mais perceptível entre jovens ou adultos? O que essa postura implica em termos de amadurecimento do sujeito?**

Mario Fleig - O descompromisso consigo mesmo e com o outro, na adolescência, parece fazer parte do exercício

de descoberta do lugar em que se encontra a borda fatal, e por isso mesmo encontra aí a expressão “não vai dar nada!”. A experimentação do extremo pode ensinar algo para o jovem, ou seja, ser uma vida de amadurecimento e autonomia responsável.

***IHU On-Line* - Atualmente, existe uma confusão entre os conceitos de autonomia e individualismo? Até que ponto o agir na pós-modernidade tornou ambos sinônimos?**

Mario Fleig - Autonomia e individualismo são conceitos que têm proximidade, mas não se confundem. O advento do individualismo é uma das marcas registradas da modernidade. Creio que se pode dizer que o excesso se tornou norma na pós-modernidade, retirando do sujeito a dimensão genuína de autonomia, sem conter seu individualismo. O traço básico do individualismo, isolado pelo antropólogo L. Dumont³⁶, é o paradoxo em que se vê constrangido o sujeito moderno, ao ter que renunciar à tradição que o funda. Este imperativo ele o recebe da própria tradição em que está referido. São seus próprios pais que lhe ordenam para não seguir aquilo mesmo que eles dizem: “Viva sem ter dívida com ninguém! Invente sua própria vida, seus valores!”.

³⁶ Louis Dumont (1911-1998): antropólogo francês, autor do clássico *Homo aequalis. Gênese e plenitude da ideologia econômica* (Bauru: EDUSC, 2000). A obra de Dumont A ideologia individualista: uma perspectiva antropológica da economia moderna será discutida no evento do IHU III Ciclo de Estudos Fundamentos Antropológicos da Economia, em 29 de agosto de 2007. (Nota da *IHU On-Line*)

A contribuição de Charles Taylor à autonomia na Modernidade

ENTREVISTA COM PAULO ROBERTO MONTEIRO DE ARAÚJO

Para o filósofo brasileiro Paulo Roberto Monteiro de Araújo, docente na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, especialista em Charles Taylor, “talvez o aspecto mais importante da Ética do Reconhecimento seja a idéia de que não há um centro gravitacional que possamos definir o homem por meio de um único prisma. A maneira que temos para solidificar a autonomia pode ser compreendida por meio dos chamados referenciais significativos culturais e de valores, cujos núcleos estão na vivência comunitária”. As afirmações foram feitas na entrevista que Araújo concedeu por e-mail à IHU On-Line na última semana, antecipando aspectos que irá abordar em seu minicurso A ética e a crise da modernidade. Uma leitura a partir da obra de Charles Taylor, a ser ministrado nas tardes de 22 e 23-05-2007.

Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cursou mestrado em Filosofia na Universidade de São Paulo (USP) com a dissertação A fragmentação da eticidade na sociedade civil burguesa na Filosofia do Direito em Hegel. Na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), cursou doutorado em Filosofia com a tese Charles Taylor: para uma ética do reconhecimento. É autor de Charles Taylor: para uma ética do reconhecimento (São Paulo: Editora Loyola, 2004) e Identidades Contemporâneas: criação, educação e política (Porto Alegre: Editora Zouk, 2006).

IHU On-Line - Como a obra de Charles Taylor pode nos auxiliar a compreender a ética e a crise da modernidade?



Paulo Roberto Monteiro de Araújo - Taylor³⁷

³⁷ Charles Taylor: filósofo canadense, autor de vários livros entre os quais se destaca: *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, editado em 1989 e traduzido para o português sob o título *As fontes do self. A construção da identidade moderna* (São Paulo: Loyola, 1997). Também é o autor do livro *The malaise of modernity*, publicado em 1991 e traduzido para várias línguas. Em espanhol o livro se intitula *La ética de la autenticidad* (Barcelona: Ediciones Paidós, 1994). Em português podem ser conferidos, ainda, *Argumentos filosóficos* (São Paulo: Loyola, 2000) e *Multiculturalismo*:

compreende a ética não como dever no sentido kantiano, mas como modo de realização do agente humano por meio de ações no espaço público, que expressem os seus valores. Daí a importância de sabermos quais são as nossas fontes valorativas, pois são elas que possibilitam a elaboração e construção da nossa identidade ético-cultural. Ao sabermos das nossas fontes, podemos nos posicionar de forma mais crítica nos espaços públicos, onde ocorrem os conflitos humanos. Quanto à crise da modernidade, na verdade, Taylor salienta que, primeiramente, é preciso elaborar uma espécie de mapa para podermos perceber inicialmente as diversas fontes culturais e filosóficas que contribuíram para a formação do Ocidente moderno e contemporâneo. Taylor se preocupa em mostrar, principalmente em seu livro *As fontes do self*³⁸, que a construção do Ocidente moderno não se limitou somente às fontes filosóficas e culturais fundadas em uma razão procedimental, isto é, auto-suficiente, que tenta dar conta das ações dos indivíduos de modo pontual, sem qualquer caráter incorporador dos significados que vivenciamos em nossas existências humanas. A intenção de Taylor é recuperar aquelas fontes culturais e filosóficas vinculadas à expressão das identidades humanas. Daí a importância de Herder³⁹ para compreendermos que o homem está lançado nas diversas formas de expressão lingüística como formas múltiplas da elaboração as identidades humanas.

Examinando a política de reconhecimento (Lisboa: Instituto Piaget, 1998). (Nota da *IHU On-Line*)

³⁸ *As fontes do self. A construção da identidade moderna* (São Paulo: Loyola, 1997). (Nota da *IHU On-Line*)

³⁹ *Johann Gottfried von Herder* (1744-1803): filósofo e escritor alemão. Estudou Teologia, Filosofia e Medicina em Königsberg. Foi aluno de Kant e tornou-se amigo de Hamann, cujas idéias em matéria de lingüística, poesia e mitologia influenciaram profundamente seu pensamento. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Quais aspectos destacaria sobre a ética do reconhecimento de Taylor e como eles podem ajudar a solidificar a autonomia do sujeito moderno?

Paulo Roberto Monteiro de Araújo - Talvez o aspecto mais importante da Ética do Reconhecimento seja a idéia de que não há um centro gravitacional que possamos definir o homem por meio de um único prisma. A maneira que temos para solidificar a autonomia pode ser compreendida por meio dos chamados referenciais significativos culturais e de valores, cujos núcleos estão na vivência comunitária. Cabe lembrar que Taylor não vê a autonomia como um conceito desenvolvido por meio do indivíduo isolado, que possui uma capacidade mental para discernir racionalmente a si e o mundo. A autonomia se desenvolve no indivíduo no plano dialogal das suas práticas lingüísticas comunitárias. É claro que Taylor não nega a razão como elemento que funda o processo de autonomia, mas o que ele quer dizer é que a razão limitada a si mesma, isolada e abstrata, não possibilita que o agente humano incorpore significados de valores culturais que lhe permitam criar uma rota de ação de acordo com tais valores incorporados. Ser autônomo é agir impulsionado por uma configuração moral e cultural provenientes de um modo de ser comunitário. A modernidade desenvolve o conceito de autonomia, embora só a perspectiva de uma autonomia fundada em uma racionalidade isolada seja considerada entre nós ocidentais. Eis o motivo de Taylor se preocupar com formas de autonomia fundadas nos diversos modos de ser dos chamados agentes humanos.

IHU On-Line - A ética do reconhecimento seria a mais desejável para fundamentar o agir autônomo do sujeito? Por quê? Há nela um dever-ser que possa embasar esse agir?

Paulo Roberto Monteiro de Araújo - Temos que lembrar que desde Hegel essa dicotomia “númeno/fenômeno” foi superada. Hegel em sua

Fenomenologia do espírito faz um enorme trabalho conceitual para mostrar que a essência (o famoso em si - *an sich*) está internamente vinculada à consciência (o famoso para si - *für sich*). Para Hegel não há esta separação essência e consciência, sujeito e objeto. Não é por acaso que Hegel diz que Kant faz uma filosofia do entendimento e não da razão, pois é o entendimento que tende a fazer tais separações entre sujeito e objeto. É na linha de Hegel, pelo menos inicialmente, que Taylor desenvolve o seu pensamento. Daí Taylor não seguir uma base kantiana para elaborar as suas concepções éticas. Para ele, falar em determinismo, e aqui cabe também lembrar, que nem Hegel e nem Kant são deterministas, é cair em modelos cientificistas.

IHU On-Line - A que você atribui a crise da modernidade: a uma ética individualista ou essa ética individualista é resultado da crise da modernidade? Qual é o contexto em que surge essa crise?

Paulo Roberto Monteiro de Araújo - Na verdade, o individualismo nega qualquer forma de ética, pois a ética pressupõe o outro. No entanto, o individualismo é resultado da fragmentação da vida comunitária moderna. O próprio Hegel em sua *Filosofia do Direito* já apontava tal problema, na parte que ele trata da sociedade civil burguesa. A crise que a modernidade traz em sua temporalidade existencial se vincula ao desenvolvimento da subjetividade, não daquela em que o homem se desenvolve como sujeito dos seus desejos, em um sentido psicanalítico, mas daquela em que o homem constrói fins particulares, esquecendo assim completamente do outro.

IHU On-Line - Segundo Taylor, a sociedade democrática atual está enferma de três males éticos: o individualismo, o desencanto do mundo, relacionado com uma racionalidade tecnológica e instrumental e, por último, uma perda da liberdade. Como a

democracia pode ser revitalizada a partir das idéias desse filósofo?

Paulo Roberto Monteiro de Araújo - Taylor diz que quando não possuímos a consciência das nossas fontes morais, nos sentimos como náufragos, sem rumo. Para que as democracias não se tornem simples formalidades políticas no que se referem às ações humanas em busca da realização do bem comum, é preciso que os cidadãos desenvolvam autenticamente as suas identidades humanas. O problema da autenticidade da identidade está vinculado ao próprio modo de vida moderna, em que o grau de instrumentalização da existência humana bloqueia qualquer avaliação por parte dos homens em relação à sua configuração moral. Sem formas de configuração moral, não há como os cidadãos se posicionarem politicamente frente aos problemas que ocorrem no espaço público. Daí a idéia de naufrágio de Taylor. Para que haja práticas democráticas no interior das sociedades, é preciso que os seus cidadãos desenvolvam aquilo que Taylor chama de Avaliação Forte, isto é, julgamentos fundados em concepções morais (isto não quer dizer moralistas).

IHU On-Line - Nesse sentido, há uma equiparação entre individualismo e autonomia? Quais são os limites e as possibilidades entre essas duas opções?

Paulo Roberto Monteiro de Araújo - Nesta linha de raciocínio que estamos seguindo, individualismo não combina em nada com autonomia, pois esta pressupõe, aliás graças ao próprio Kant, sempre o outro. O individualismo, apesar de ser algo enraizado em nossas práticas cotidianas, não tem a capacidade, e isto me parece evidente, de compreender as premissas antropológicas dos valores humanos. Daí a sua incapacidade de sair do seu plano egocêntrico. Fechado em si mesmo, o homem contemporâneo não encontra motivação para buscar o seu real *self*, isto é, a sua autenticidade como pessoa. O domínio dos processos de

racionalização das ações humanas também contribui para a mecanização da vida dos indivíduos, que se limitam a reproduzir formas comportamentais sem qualquer fundamentação significativa na instância dos valores morais. Não é por acaso que Taylor vê no utilitarismo e no naturalismo os modelos de pensamento que contribuíram para o desencantamento em relação à procura por articulações significativas do bem humano. Eis o motivo da preocupação do homem passar a ser a relação entre o custo e o benefício, e não mais as suas ações como humano. Daí buscar formas mais eficazes por intermédio das ciências e das técnicas é o que motiva as ações humanas nas sociedades contemporâneas.

IHU On-Line - Taylor está a quase meio século defendendo que problemas como a violência ou a intolerância só podem ser resolvidos considerando tanto sua dimensão secular como espiritual. Como esse processo seria possível frente aos fundamentalismos religiosos e a radicalização da secularização?

Paulo Roberto Monteiro de Araújo - Esta é uma excelente pergunta! Na realidade, o problema está na compreensão dessas duas dimensões humanas. A violência e a intolerância ocorrem porque falta a preocupação com a interpretação de nós mesmos. Os radicalismos, sejam eles seculares ou religiosos, são frutos de sentimentos confusos, não interpretados por meio de referências valorativas. São essas referências valorativas que possibilitam que as nossas ações sejam pautadas por meio de um conjunto articulado de sentimentos e de discernimentos que nos direcionam para a realização de determinados bens, considerados os mais elevados. Esses bens Taylor chama de *Hiperbens*. Daí tanto alguém que se diz ser secular como alguém que se diz ser religioso tem o compromisso, na esfera ética, de realizar tais *Hiperbens*. O problema, então, está na interpretação dessa realização dos *Hiperbens*. Eis o motivo da importância de avaliar as ações que os agentes

humanos realizam, sejam eles seculares ou não. Por isso, quando se avalia uma forma de *Hiperbem*, não pode haver simples formas subjetivas para tal avaliação. A busca do bem é o que dá o caráter moral às nossas ações; portanto, o que está em jogo, para o pensamento de Taylor, é como se guiar para realizar o bem a partir de pressuposições básicas de valores, que se caracterizam com aquilo que Taylor intitulou de *Configurações*. São elas que possibilitam o contexto em que as nossas ações e reações morais ganham um significado específico, além de constituírem um modo de orientação essencial à nossa identidade. Deste modo, reconhecer as fontes morais como formas de bens é compreender que elas possuem um papel fundamental na estruturação das articulações significativas que expressam o valor forte de um bem para o agente humano. Daí os radicalismos precisarem voltar para as formas interpretativas que considerem realmente os *Hiperbens*. Só assim podemos superar a intolerância e a violência dos radicalismos tanto seculares como religiosos.

IHU On-Line - Taylor propõe uma interpretação da modernidade que deve levar em conta a grandeza e a miséria dessa modernidade. Em seu ponto de vista, quais seriam essas grandezas e misérias? Como a globalização está imbricada nesse processo?

Paulo Roberto Monteiro de Araújo - Primeiramente, precisamos ter a clareza que a modernidade tem um modo próprio de ser, por isso não cabe enquadrá-la em categorias como grandeza ou miséria, mas o que eu diria é que há certas dificuldades na modernidade para a construção das identidades humanas. Daí as formas de Mal-Estar que Taylor fala. A vida socioeconômica, desenvolvida nas sociedades modernas e contemporâneas, leva a modelos de ações calcadas em estruturas racionais instrumentais que não possibilitam o homem avaliar a sua própria existência. Por isso, a instrumentalização da vida tira a possibilidade de o

homem ser livre para poder projetar as suas ações em direção àquilo que ele considera digno para a sua realização existencial. Daí a perda do horizonte moral e, conseqüentemente, o desenvolvimento do atomismo individualista na Era Moderna. A globalização, por incrível que pareça, contribui não para sairmos desse mal-estar individualista, mas o radicaliza, pois as conexões globais são feitas somente na dimensão técnica e instrumental e não humana. Por outro lado, a modernidade nos trouxe para a responsabilidade de pensarmos nós mesmos. Não é por acaso a famosa frase de Heidegger, em *Ser e tempo* (parágrafo 9), que diz: “O ente que temos como tarefa analisar somos nós mesmos”. Neste aspecto, a modernidade tem a sua grandeza.

IHU On-Line - Qual seria a principal contribuição de Taylor para o pensamento contemporâneo?

Paulo Roberto Monteiro de Araújo - Uma das principais contribuições de Taylor para o pensamento contemporâneo está na sua guinada epistemológica no que se refere à não-consideração lingüístico-emocional-expressiva das ações morais. Taylor chama a atenção para a necessidade de o sujeito moral se conhecer internamente, não em um plano somente inteligível, mas principalmente emocional. Contudo, a sua proposta não pode ser compreendida como uma simples psicologia dos sujeitos, que agem moralmente, até porque não se trata da particularidade emocional das suas personalidades, mas de desenvolver uma espécie de consciência de si dos sentimentos valorativos que o agente tem ao tomar uma determinada posição no espaço público.

O futuro da autonomia, política e nihilismo

ENTREVISTA COM PAUL VALADIER

“O sujeito individual não é responsável por tudo; a miséria atual de muitos povos tem causas múltiplas em relação às quais a culpabilidade sistemática conduz à passividade e ao desencorajamento. É preciso ‘seriar’ os problemas e, por exemplo, não exigir à democracia o que ela não pode realizar. Em numerosos países ela abre espaços de liberdade, mas ela não pretende ser a solução de todos os graves problemas que assolam em nossos dias nossa humanidade”. A afirmação é do filósofo francês Paul Valadier, SJ, em entrevista exclusiva que concedeu nesta semana à IHU On-Line, por e-mail. Valadier é um dos conferencistas e palestrantes de minicurso no Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?, que inicia nesta segunda-feira, dia 21-05-2007 e vai até 24-05-2007. Em 23-05-2007, Valadier falará sobre A moral após o individualismo, em um minicurso que acontece das 14h30min às 16h30min. Na tarde de 24-05-2007, profere a conferência de encerramento do Simpósio, às 14h30min, falando sobre O futuro da autonomia do indivíduo, política e nihilismo.



Valadier é professor de filosofia moral e política nas Faculdades Jesuítas de Paris (Centre Sèvres). É licenciado em Filosofia pela Sorbonne, mestre e doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Lyon. Foi redator da revista Études e é autor de uma vasta bibliografia. Sobre Nietzsche escreveu, entre outros livros, Nietzsche et la critique du christianisme (Paris: Cerf, 1974); Essais sur la modernité, Nietzsche et Marx (Paris: Cerf, 1974); Nietzsche, l'athée de rigueur (Paris: DDB, 1989); e Nietzsche l'intempestif, Beauchesne (Paris, 2000). Entre seus outros livros, citamos La condition chrétienne, être du monde sans en être (Paris: Le Seuil, 2003) e L'anarchie des valeurs (Paris: Albin Michel, 1997). Entre suas obras publicadas em português, destacam-se: Elogio da consciência (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001); Um cristianismo de futuro: para uma nova aliança entre razão e fé (Lisboa: Instituto Piaget, 2001); e A moral em desordem: um discurso em defesa do ser humano (São Paulo: Loyola, 2003). Na edição 127, de 13-12-2004, concedeu a entrevista Investidas contra o Deus moral obsessivo, republicada nos Cadernos IHU Em Formação edição no. 15, de 2007 que tem com tema O pensamento de Friedrich Nietzsche.

IHU On-Line - Em linhas gerais, quais são as perspectivas para o futuro da autonomia do indivíduo e quais são suas relações com a política e com o niilismo contemporâneos?

Paul Valadier - A tomada de consciência pelo indivíduo de sua importância e de sua autonomia responde a uma lógica antiga. Esta lógica fora bem analisada por Tocqueville⁴⁰, no início do século XIX, em ligação com a igualdade de condições que lhe parecia gerada pelo desenvolvimento das sociedades democráticas. Se esta lógica tem raízes históricas e antropológicas profundas, não se pode duvidar que ela também tenha um futuro diante dela. Ela tem numerosas consequências políticas: o interesse do indivíduo por si mesmo afasta-o do interesse pela coisa pública: ela o despolutiza, portanto, mas ela também corre o risco de chegar a uma passividade favorável à instalação de um despotismo doce e insensível, como novamente bem o viu Tocqueville. A passividade dos cidadãos favorece sistemas políticos autoritários, desde que estes tenham a habilidade de não perturbar a vida privada dos indivíduos, nem sua busca de êxito.

IHU On-Line - É correto afirmar que a política contemporânea tem como fio condutor uma lógica do individualismo? Até que ponto o niilismo está imbricado nessa situação?

Paul Valadier - A pressão do individualismo sobre a política atual é forte, mas variável segundo os países. A responsabilidade dos políticos consiste em não promover o jogo do individualismo, mas em situar-se ao nível da cidade ou do país em sua totalidade (bem comum), sem esquecer o lugar deste país nas relações internacionais. Tarefa difícil que obriga a resistir a novas formas de demagogia.

⁴⁰ Alexis Carli Clerel de Tocqueville (1805-1859): pensador político e historiador francês, autor do clássico *A democracia na América* (São Paulo: Martins Fontes, 1998-2000). (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Como podemos compreender a apatia política, ou em terminologia nietzschiana, o niilismo passivo, frente à autonomia do sujeito?

Paul Valadier - Se o niilismo tem a ver com estes fenômenos, é porque o individualismo envolve o relativismo. Se tudo tem valor igual, ou se cada um pode fazer o que bem lhe parece, então nada tem mais importância do que alguma outra coisa. Tudo é justificado, e, se nada se justifica realmente, no final é somente o nada que vale. É onde o niilismo latente que arruína todo apelo a valores e a qualquer hierarquização entre eles. Isso supõe uma interpretação errônea da autonomia do sujeito: em termos kantianos, é autônomo quem se dá à lei ou que a torna sua; a falsa interpretação atual consiste em dizer que o indivíduo é reticente diante de toda lei (ou diante do interdito), e só quer reconhecer sua espontaneidade ou seus interesses imediatos. É, pois, preciso sempre interrogar-se: o que se propõe sob o termo autonomia?

IHU On-Line - Qual é o lugar que o cristianismo ocupa no debate entre autonomia, política e niilismo? Que saídas o cristianismo pode ajudar a encontrar para essa questão?

Paul Valadier - O cristianismo pode lembrar oportunamente que o indivíduo, considerado como um átomo separado é apenas uma ilusão inconsistente. A pessoa humana nasce e se desenvolve nas relações, e somente nelas; se ela se crê “soberana” ou “autônoma”, ou seja, sem elo ou sem alteridade, ela se perde e se torna “escrava” de suas pulsões. O que Nietzsche designava sob o nome de “fraco”, “escravo”, “plebeu”, são qualificativos provocadores que designam uma vontade que não é capaz de um domínio de si (ou de nobreza). O cristianismo, professando que todo ser humano é amado por Deus (eleição divina), indica o valor da pessoa e nela suscita uma vontade criadora que não se abandona, mas procura responder positivamente à sua

vocação. Há uma “nobreza”, para retomar a palavra de Nietzsche, em responder de maneira criadora à sua vocação pessoal e coletiva.

IHU On-Line - O que pensa sobre as aproximações da filosofia de Nietzsche com a democracia, como a obra *A nietzschean defense of democracy: an experiment in postmodern politics*⁴¹, de Lawrence Hatab? Como entender essa proposição frente ao radicalismo aristocrático de Nietzsche?

Paul Valadier - Nietzsche viu muito bem o perigo das democracias igualitaristas, incapazes de suportar essas diferenças ou essas “distâncias” que são as condições de toda criatividade (condição de desenvolvimento da vida). Seu “aristocratismo” é sobretudo psicológico e antropológico: é preciso ser capaz de “domínio” de si em primeiro lugar, e capaz de aceitar as distâncias ou as diferenças para que um sistema político não soçobre no aluimento igualitário ou na insatisfação generalizada.

IHU On-Line - Nas tragédias gregas, o destino não invalidava a responsabilidade do sujeito. E, hoje, como podemos compreender a autonomia num mundo onde as pessoas morrem de fome, assassinato e guerras? Liberdade e autonomia estão destinadas apenas ao mundo numênico? Por quê?

Paul Valadier - Será que o destino, tão presente nas tragédias gregas, não invalidava a responsabilidade do sujeito, apresentado como cego (Édipo) e joguete dos deuses? A amplitude dos problemas ligados à mundialização não deve chegar a reatar com uma filosofia do destino ou da fatalidade que desmobilizaria o sujeito e o aliviaria de sua responsabilidade. Isso seria fazer o jogo da passividade, da prostração, e então, finalmente do niilismo. O sujeito individual não é

responsável por tudo; a miséria atual de muitos povos tem causas múltiplas em relação às quais a culpabilidade sistemática conduz à passividade e ao desencorajamento. É preciso “seriar” os problemas e, por exemplo, não exigir à democracia o que ela não pode realizar. Em numerosos países, ela abre espaços de liberdade, mas ela não pretende ser a solução de todos os graves problemas que assolam em nossos dias nossa humanidade. Para estes, é preciso enfrentar as questões de equilíbrios econômicos ou financeiros, interrogar-se sobre a esclerose de certas culturas, situar-se também ao nível do direito internacional e das possibilidades de ajuda mútua, onde a “comunidade internacional” pode e deve intervir segundo as regras do direito, e não pela guerra ou por intrusões militares (como no Iraque).

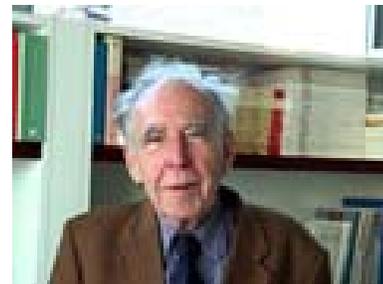
⁴¹ *A Nietzschean Defense of Democracy: An Experiment in Postmodern Politics* (Illinois: Open Court Publishing Company, 1995). (Nota da *IHU On-Line*)

“As pessoas não são autônomas por natureza, por essência”

ENTREVISTA COM ROBERT CASTEL

Para o sociólogo francês Robert Castel, “as pessoas não são autônomas por natureza, por essência. Para ser autônomo, eu penso que é preciso ter certos recursos e direitos, e eu penso que a reflexão sociológica sobre a autonomia seria descobrir quais são as condições objetivas de possibilidades para ser autônomo ou independente”. As afirmações, feitas em entrevista exclusiva à IHU On-Line, por telefone, dão o tom de sua conferência O futuro da autonomia e a construção de uma sociedade de indivíduos, a ser proferida nesta quarta-feira, 23-05-2007, às 9h, no Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?

É autor de inúmeros livros, dentre os quais citamos: L’insécurité sociale. Qu’est-ce qu’être protégé? (Le Seuil/La République des idées, Paris, 2003), traduzido como A Insegurança social. O que é ser protegido? (Vozes: Petrópolis, 2005) e Les Métamorphoses de la question sociale. Une chronique du salariat (Fayard: Paris, 1995), traduzido como As metamorfoses da questão social (Editora Vozes: Petrópolis, 1998).



IHU On-Line - Qual é o futuro da autonomia frente ao aprofundamento de uma sociedade de indivíduos?

Robert Castel - Eu não sei, porque não sou profeta. É sempre difícil falar do futuro. Eu penso que, em grande medida, o futuro é imprevisível. O que nós, sociólogos, podemos tentar fazer é partir do presente, questionando qual é, hoje, o estado, a situação dos indivíduos, com relação a uma possibilidade de autonomia ou de independência social. E, a partir desse ponto de vista, o julgamento que podemos fazer hoje em dia, na minha opinião, é bastante pessimista, pois há ainda, no Brasil e numa grande parte do planeta, mesmo em países como a França, ou na Europa Ocidental, muitos indivíduos com imensas dificuldades de se tornarem autônomos. Não porque não tenham as qualidades morais, a inteligência necessária, mas porque estão em condições de vida, sob os aspectos do trabalho e da subsistência, em que é difícil ser autônomo. É difícil ser autônomo quando não

se tem um mínimo de recursos materiais, quando se vive, por exemplo, na pobreza mais absoluta. Também é difícil ser autônomo quando não se tem certo número de proteções contra os riscos sociais, as doenças etc. Parece que, atualmente, no entanto, há um grande número de indivíduos, no Brasil e em outros países do mundo, em condições mínimas de independência social que permitam que se fale de autonomia, seja quando se fala de grandes conceitos, seja de palavras filosóficas, mas sem conteúdo concreto. Portanto, para mim, parece que é necessário falar de autonomia, sem cairmos no idealismo. Seria necessário analisar a situação na qual vivem as pessoas e as dificuldades que elas têm para possuírem um mínimo de independência social. Ao analisarmos a situação da autonomia, teríamos de ver, por exemplo, quais os obstáculos que se apresentam, quais são os desafios e o que se poderia fazer no futuro para se obter algum tipo de autonomia.

IHU On-Line - Como a sociologia vem interpretando essa constatação da autonomia da sociedade? A que fatores se deve o aprofundamento da autonomia e do individualismo?

Robert Castel - Eu penso que a autonomia não cai do céu. As pessoas não são autônomas por natureza, por essência. Para ser autônomo, eu penso que é preciso ter certos recursos e direitos. Ainda penso que a reflexão sociológica sobre a autonomia seria descobrir quais são as condições objetivas de possibilidades para ser autônomo ou independente.

IHU On-Line - O conceito de autonomia vem sendo confundido com egoísmo ou individualismo? Por que ocorre essa aproximação?

Robert Castel - Não creio que a autonomia se confunda com o individualismo. Há indivíduos que são relativamente autônomos e independentes, e indivíduos que não o são. Eu creio que o fato de se falar unicamente em termos de individualismo não permite que se compreendam os fundamentos da autonomia. Parece-me que, para que haja um indivíduo autônomo, ou, eu preferiria dizer, independente, o que, na realidade, não importa, são necessárias condições sociais. E, finalmente, por exemplo, a história social mostra que os indivíduos puderam ser autônomos ou independentes quando eles tiveram proteções coletivas. Justamente porque tiveram direitos e ingressaram em sistemas de solidariedade, eles puderam chegar a ser finalmente autônomos. Um indivíduo, sozinho, não é necessariamente um indivíduo autônomo. Parece-me que, para atingir a autonomia, é preciso pôr de lado o ponto de vista do puro individualismo, em que haveria apenas indivíduos encerrados em sua subjetividade, em concorrência uns com os outros, para atingir solidariedades coletivas. Talvez seja um paradoxo, mas, me parece que ser verdade, é através do pertencimento

a coletividades e solidariedades que o indivíduo pode atingir sua independência. Se ele está só, e isolado, corre o risco de ser como uma rolha sobre um rio, levado como um indivíduo isolado e sem proteção. É preciso, portanto, separar a discussão da autonomia e da independência da discussão do individualismo. O indivíduo precisa pertencer a coletividades, a formas de solidariedade.

IHU On-Line - A vitória de Sarkozy nas eleições presidenciais francesas vem sendo interpretada como uma direitização da França. O que esse resultado nas urnas revela sobre o comportamento político do povo francês?

Robert Castel - Atualmente, há uma mudança que, em minha opinião, é uma mudança importante e inquietante porque trata-se de um novo nome, Nicolas Sarkozy, que acaba de se tornar Presidente da República. Ele é uma espécie de representante de uma, diríamos, nova classe política moderna, sem complexos, que afirma valores de direita, ao passo que, durante muito tempo, há uma história toda da Europa e da França na qual as posições da esquerda reproduziam e mantinham vivas tradições de luta política, contra o fascismo durante a guerra, e depois do antagonismo entre o trabalho e o capital. Hoje em dia, há uma nova classe política, da qual Sarkozy é o representante e, diga-se de passagem, um representante eficaz e inteligente, que diz que tudo isso são histórias antigas... O que é importante, na vida social, é ganhar dinheiro, é ser rico, é ser eficaz. Trata-se, um pouco, de uma tentativa de se alinhar com as exigências do mercado, uma espécie de pragmatismo, e isso é um julgamento de valor meu, pois você deve ter compreendido a essas alturas que eu não sou um partidário de Sarkozy, que pode ir contra todos esses valores muito importantes, tais como a solidariedade, a justiça social etc.

IHU On-Line - Que relações o senhor estabeleceria entre a vitória de Sarkozy e a expressão da autonomia dos franceses?

Robert Castel - Não creio que exista. Peço desculpas, mas não vejo nenhuma relação que possa haver. A maioria dos franceses votou em Sarkozy, mas eu não diria que isso se deva ao fato de que sejam autônomos. Creio, inclusive, que eles se deixaram enganar por um discurso um pouco demagógico. Por exemplo, a afirmação de que é preciso trabalhar mais para se ter mais dinheiro à primeira vista não parece ser uma afirmação idiota, mas, quando se leva em conta que hoje em dia um décimo dos franceses está desempregado, o que significa trabalhar mais? Ao mesmo tempo, há uma espécie de chantagem, pois está se culpabilizando pessoas que na verdade não podem trabalhar, porque não encontram trabalho. O contra-argumento seria que essas pessoas não querem trabalhar, que são uns vagabundos, o que não é verdade. Há uma espécie de chantagem moral, as pessoas cederam a essa chantagem, mas eu não interpretaria esse fato em termos de autonomia.

IHU On-Line - Quais seriam as principais metamorfoses da questão social na pós-modernidade? A autonomia e as mudanças no mundo do trabalho seria duas delas?

Robert Castel - Para responder a essa questão, precisaríamos de horas. Falando esquematicamente, não creio que essas metamorfoses vão em direção da autonomia. Talvez aqui eu decepcione, pois sou um autor que valoriza o conceito de autonomia, mas eu diria, simplificando muito, que, no caso francês e europeu, em geral, as condições do trabalho permitiam certa autonomia do indivíduo. Havia direito trabalhista, um salário mínimo garantido, proteções ligadas ao trabalho, por exemplo, o direito à aposentadoria, etc., de maneira que havia um estatuto do emprego que dava as condições

mínimas para uma autonomia social, se é que podemos empregar essa expressão. Constatamos, efetivamente, e não se trata aqui de um julgamento de valor, que há uma erosão, uma fragilização, até mesmo um desaparecimento desses direitos, garantias e proteções ligados ao trabalho. Portanto, a evolução atual do trabalho, que se deve à globalização, se é que podemos empregar essa palavra, e à preponderância do capital financeiro internacional, se caracteriza por uma diminuição dessa independência. Os trabalhadores, não todos, evidentemente, mas um número aparentemente cada vez maior, tornam-se trabalhadores pobres, como se diz atualmente na França e na Europa. Há cada vez mais trabalhadores precários. Quando se está na precariedade, com medo de se perder o emprego etc., não está nem um pouco obedecendo a uma lógica de autonomia. Aqui, podemos dizer, ainda assim, que há transformações na ordem do trabalho, que acontecem no sentido de uma degradação e de uma diminuição das possibilidades de autonomia a partir do trabalho.

IHU On-Line - O senhor poderia explicar um pouco sobre a genealogia do sujeito moderno em relação ao trabalho? Quais são as principais conexões entre ambos?

Robert Castel - Podemos dizer, simplificando muito, que durante muito tempo o trabalho, para a maioria dos trabalhadores, em suma, o povo, não dava as condições da autonomia. Por exemplo, um proletário do início do século XIX trabalhava 90 horas por semana, vivia na mais completa miséria, morria em média aos 33 anos. Além disso, não havia, a partir do trabalho, a mínima possibilidade de autonomia. Houve, através de conflitos e lutas, uma transformação da condição do trabalhador. Ao trabalho se associaram garantias que permitiam o exercício dessa autonomia. Ou seja, a relação não é mecânica; pode-se ser trabalhador, e na história vemos que essa é a regra, e não exceção, e pode-se participar

do mundo do trabalho sem se construir a autonomia. Pode-se inclusive dizer que, na maioria dos casos através da história, o trabalho veio a ser uma espécie de alicerce da dependência social. O trabalho tornou-se, ao mesmo tempo, mais do que o trabalho. À medida que o trabalho foi evoluindo historicamente, ser trabalhador não era apenas trabalhar tantas horas por dia e por semana: era também ter um estatuto, ou seja, ter direitos, e é aí que eu insisto bastante, efetivamente, o que pertence à ordem do direito e da proteção social etc. É isso que ajudou, com muita dificuldade, a dar ao trabalho as condições de construir autonomia. E é isso que a gente vê hoje em vias de ser enfraquecido, e não expandido.

IHU On-Line - Contrário à jornada de 35 horas semanais, Sarkozy propõe um aumento para 39 horas com um acréscimo de 25% nos salários. Isso é um retrocesso para o mundo do trabalho? Por quê?

Robert Castel - Eu penso que na situação em que se encontrava a França na época, uma situação bastante grave de desemprego, uma redução das horas semanais de trabalho, para que mais pessoas tivessem acesso ao trabalho, é uma idéia justa e a lei de 25 horas foi uma tentativa de aplicação dessa idéia. Ela não teve

resultados maravilhosos, porque, sem entrar em detalhes, as condições de sua aplicação foram um pouco discutíveis e, portanto, a lei de 35 horas não funcionou e não criou um número importante de empregos, ainda que tenha criado alguns. Penso, ainda assim, que teria sido necessário dar mais atenção à maneira de aplicar essa idéia da redução do tempo de trabalho. Nicolas Sarkozy se encontra na posição inversa: ela não é falsa, mas um pouco ingênua na maneira como se exprime. As pessoas que trabalham devem poder trabalhar mais para ganhar mais, e o governo vai incentivar as horas suplementares, reduzindo-se os impostos sobre elas. Os que trabalharem poderão trabalhar mais, e, portanto, terão certas vantagens, mas, evidentemente, os que não trabalham estão sendo postos de lado. Essas pessoas serão cada vez mais numerosas. Segundo a lógica de dar mais vantagens aos que trabalham, numa situação que tem por substrato a existência de um desemprego de massa, acho que vocês, no Brasil, são conhecedores dessa situação. Na França, na Alemanha e na Europa Ocidental, o problema é semelhante, mas não se resolverá com a exoneração dos impostos sobre as horas suplementares.

“O pensamento franco é a emancipação da autonomia”

ENTREVISTA COM SANTIAGO ZABALA

De acordo com o filósofo Santiago Zabala, “o pensamento fraco é a emancipação da autonomia”, e esta “só poderia ter aparecido depois da desconstrução da metafísica e com a filosofia hermenêutica”. As declarações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line. Em sua opinião, não estamos num sistema democrático, como já apontaram Chomski e Lippman, mas numa poliarquia, “onde um pequeno setor da população controla as tomadas de decisões essenciais para o sistema econômico, político e cultural da nação ou região. Espera-se que o restante da população em nossa poliarquia seja passivo e aquiescente, deixando a “democracia” por conta da elite. Em outras palavras, nossos chamados países democráticos civilizados não passam de “impérios do capital” para os capitalistas, como os chamou o distinto filósofo político canadense Ellen Meiksins Wood”.

Zabala, discípulo intelectual do filósofo italiano Gianni Vattimo e seu colaborador, é o conferencista na noite de 22-05-2007, às 20h, sob o título Autonomia do indivíduo e pensamento fraco. Os desafios para uma ética sóciopolítica. Graduado em Filosofia pela Universidade de Turim, em 2002 obteve o título de mestrado com a orientação de Vattimo. Em 2006 cursou o PhD na Pontifical Lateran University of Rome. Recentemente foi convidado para dar conferências nas Universidades de Montreal, Georgetown, Roma “La Sapienza” e Deusto em Bilbao. É membro da American Philosophical Association (APA) e da Canadian Philosophical Association (CPA), bem como da Society for Phenomenology and Existential Philosophy (SPEP).

Escreveu os seguintes livros: Filosofare con Ernst Tugendhat. Il carattere ermeneutico della filosofia analítica (Milan: Franco Angeli Editore, 2004); The Hermeneutic Nature of Analytic Philosophy. Introducing Ernst Tugendhat. (New York: Columbia University Press, 2007) e The Remains of Being (New York: Columbia University Press, 2008 - no prelo). Com Vattimo é co-autor de From Within. Deconstructing Capitalism through Globalization (New York: Columbia University Press in 2008 - no prelo) e Nichilismo e Religione (Rome: Valter Casini, 2005). Editou inúmeras obras, escreveu diversos capítulos de livros e artigos especializados. Para maiores informações, consulte o site www.santiagozabala.com.



IHU On-Line - Como o “pensamento fraco” de Vattimo pode nos auxiliar a compreender e explicar a autonomia no século XXI?

Santiago Zabala - O “pensamento fraco” de Vattimo⁴² pode fazer mais do que nos ajudar a entender e explicar a autonomia do ser humano no século XXI: ele é o pensamento do século XXI. O “pensamento fraco” de modo algum constitui uma fraqueza do pensamento como tal. Ocorre que o pensamento, por não ser mais demonstrativo, e sim edificante, tornou-se mais fraco nesse sentido restrito. Em nossa teoria da fraqueza, o papel do filósofo não se derivaria do mundo “como ele é”, mas do mundo visto como produto de uma história de interpretação ao longo de toda a história das culturas humanas. Esse esforço filosófico enfocaria a interpretação como processo de enfraquecimento, um processo em que o peso das estruturas objetivas é reduzido. (Essa é também a razão pela qual dei a um de meus livros o título *Weakening Philosophy*:

<http://mqup.mcgill.ca/book.php?bookid=2028>.) A filosofia

⁴² Gianni Vattimo (1936): filósofo italiano, internacionalmente conhecido pelo conceito de “pensamento fraco”. Concedeu diversas entrevistas à *IHU On-Line*. A primeira delas foi publicada na 88ª edição, de 15-12-2003, a segunda na 128ª edição, de 20-12-2004, e a terceira saiu na edição 161, de 24-10-2005, quando conversou pessoalmente com a *IHU On-Line*, no Hotel Intercity, em Porto Alegre, no dia 18 de outubro daquele ano, às vésperas de proferir sua conferência no evento *Metamorfoses da cultura contemporânea*. Nessa oportunidade ele falou sobre *O pós-moderno é uma reivindicação de multiplicidade de visão de mundo*, publicado na editoria *Entrevista da Semana*. Sua contribuição mais recente à *IHU On-Line* aconteceu na edição *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, nº 187, de 03-07-2006, com a entrevista *O nazismo e o “erro” filosófico de Heidegger*. Dele também publicamos uma entrevista na 121ª edição, de 1º-11-2004, um artigo na edição 53, de 31-03-2003, e outro no número 80, de 20-10-2003. A editoria *Livro da Semana*, na edição 149, de 1º-08-2005, abordou a obra *The future of religion*, escrita por Vattimo, Richard Rorty e Santiago Zabala. De sua produção intelectual, destacamos *Más allá de la interpretación* (Barcelona: Paidós, 1995); *O fim da modernidade: nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna* (São Paulo: Martins Fontes, 1996); *Introdução a Heidegger*. (Lisboa: Instituto Piaget, 1998); e *Diálogo con Nietzsche: Ensayos 1961-2000* (Barcelona: Paidós, 2002). (Nota da *IHU On-Line*)

não pode se considerar nem como conhecimento das estruturas externas, universais do Ser nem como conhecimento das estruturas externas, universais da *episteme*, pois ambos são desfeitos pelo processo filosófico do enfraquecimento. Isto é, depois da crítica da ideologia, depois da crítica nietzscheana da noção das “coisas como elas são” e depois de Freud⁴³, não podemos mais considerar o Ser uma espécie de evidência incontroversa que possa ser apreendida por nós. Para ser mais específico: com Marx, Nietzsche e Freud, somos levados a duvidar de tudo o que nos parece o mais óbvio. Se instituições como o papado, a CIA, os jornais, a mídia, definem verdades objetivas, a filosofia deve fazer exatamente o contrário. Ela precisa mostrar que a verdade é conversacional. É dentro de arcabouços conversacionais que as preferências (em contraposição às verdades objetivas) podem ser delineadas. É na conversação que as interpretações preferenciais podem ser propostas - e as interpretações são sempre observações sobre a história. Dentre todas as filosofias presentes no debate contemporâneo, o pensamento fraco é a única que corresponde à pluralidade de cosmovisões na qual vivemos, porque ela insiste no reconhecimento de sua pluralidade. Em minha conferência do *Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?* espero explicar como a autonomia só poderia ter aparecido depois da desconstrução da metafísica e com a filosofia hermenêutica.

⁴³ Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias, e seu tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 170 da *IHU On-Line*, de 8-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, e a edição 207, de 04-12-2006 o tema de capa *Freud e a religião*. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Se, por um lado, a autonomia dá ao homem um leque de possibilidades, por outro, existe o perigo da apatia frente a essa situação. Como o senhor entende a vontade de poder em consonância com a autonomia?

Santiago Zabala - Não penso que a possibilidade da autonomia implique um risco, porque sempre estamos situados num certo âmbito que determina nossa vida. O único risco é o de nem sequer reconhecer a possibilidade da autonomia. Acho que isso ocorre muito na política. Muitas pessoas crêem que a CNN, a Fox News e a BBC efetivamente nos informam e acabam acreditando em qualquer coisa que essas redes discutam em seus programas retóricos. Se a gente não se emancipa desses “fabricantes do consentimento”, como Chomsky⁴⁴ e Hermann os chamam, não há liberdade. Aqui na Itália, ainda estamos sob o chamado “regime Berlusconi⁴⁵”, porque ele ainda tem controle sobre a maioria das redes de televisão e a maioria das pessoas sequer sabe que votou em seu próprio inimigo. O inimigo dos cidadãos é essa informação, porque ela também os direciona a votar de uma determinada forma ou, pior ainda, os persuade de que eles vivem sob um sistema democrático. Tomemos como exemplo a primeira viagem que Sarkozy⁴⁶ fez no dia seguinte à sua eleição para a

⁴⁴ **Noam Chomsky**: crítico da mídia norte-americano que estuda as relações da mídia com o poder. É professor de Linguística no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT, em inglês). Escreveu, entre outros, *Contendo a democracia* (Rio de Janeiro: Record, 2003). (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁵ **Silvio Berlusconi** (1936): líder político do partido Força Itália, que criou especificamente para sua entrada na vida política. É o proprietário do império midiático italiano Mediaset, além de empresário de comunicações, bancos e entretenimento. É a pessoa mais rica da Itália, segundo a revista *Forber*, e o 37º mais rico do mundo. Foi acusado inúmeras vezes de corrupção e ligações com a Máfia. Gerou polêmica na Europa ao apoiar a Guerra dos EUA contra o Iraque, em 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁶ **Nicolas Sarkozy** (1955): advogado e político francês, atual presidente da França, empossado em 16-05-2007. Foi o candidato oficial de seu partido para as eleições presidenciais de 2007,

presidência: ele não saiu realmente de férias num iate de 70 metros de comprimento. O que ele realmente fez foi participar de uma reunião com o proprietário desse iate, que, por coincidência, é o bilionário da mídia Vincent Bolloré⁴⁷, porque eles provavelmente tinham muito para falar agora que o poder está em suas mãos. Dessa forma, o pensamento fraco é a emancipação da autonomia, porque nos ajuda a compreender ou, ao menos, duvidar de nossas próprias instituições. Mas, contrariamente a outras filosofias, ele faz isso sem violência.

IHU On-Line - Você concorda que a democracia é a tradução política da autonomia? Dado o comportamento apático dos eleitores, ou a obrigatoriedade em votar (como no Brasil), ainda se pode acreditar que essa aproximação expressa a realidade?

Santiago Zabala - Penso que já respondi essa pergunta acima, mas permita-me acrescentar que nós não estamos num sistema democrático! Como explicou Chomsky - e, antes dele, Walter Lippman⁴⁸ -, vivemos numa poliarquia. Temos uma poliarquia onde um pequeno setor da população controla as tomadas de decisões essenciais para o sistema econômico, político e cultural da nação ou região. Espera-se que o restante da população em nossa poliarquia seja passivo e aquiescente, deixando a “democracia” por conta da elite. Em outras palavras, nossos chamados países democráticos civilizados não passam de “impérios do capital” para os capitalistas, como os chamou o distinto filósofo político

qualificando-se o segundo turno da eleição, que ocorreu no dia 06-05-2007, em que venceu Ségolène Royal. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁷ **Vincent Bolloré**: industrial francês e dono de um império econômico que movimenta anualmente 5,6 bilhões de euros. De acordo com a revista *Forbes*, Bolloré é o homem mais rico do mundo. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁸ **Walter Lippmann** (1889 -1974): escritor, jornalista e comentarista político. Lippmann criticava todo o modelo da democracia que colocasse a fé e o poder excessivos nas mãos do público. (Nota da *IHU On-Line*)

canadense Ellen Meiksins Wood⁴⁹. Somos simplesmente controlados através da informação e só nos restam margens muito pequenas de protesto. Nossas democracias permitem que a mídia pública sirva a fins antidemocráticos. A única tradução da autonomia, por enquanto, é o reconhecimento dessas falsas informações (como, por exemplo, a justificativa para invadir o Iraque) ou falsos estados (como, por exemplo, o governo Bush, que patrocina terroristas no globo inteiro), o que pode ocorrer através da globalização das chamadas informações alternativas na internet ou do maravilhoso Fórum Social Mundial que tem lugar aqui no Brasil.

IHU On-Line - Tanto em Heidegger quanto em Nietzsche é refutado o conceito de fundamento (Grund) no qual se assenta tanto o ser, quanto o pensamento. Com a morte de Deus constatada por Nietzsche, o homem recebe poderes e responsabilidades incomensuráveis. Partindo desses pressupostos, que tipo de ética sociopolítica pode surgir?

Santiago Zabala - Lembremos, primeiramente, que “Deus está morto!” é um anúncio, não uma reivindicação. Ele não significa que Deus não exista, mas que nossa experiência foi transformada de tal maneira que não concebemos mais verdades objetivas últimas, e agora só respondemos a apelos, histórias ou até anúncios. Quando Nietzsche exige múltiplos deuses, podemos entender isso como uma exigência de um politeísmo de valores. Portanto, a conclamação não é por uma sociedade sem valores, mas por uma sociedade sem valores supremos e exclusivos. É por isso que Vattimo considerou um escândalo que o presidente Chirac decidisse não permitir que alunas muçulmanas usassem véus em

⁴⁹ Ellen Meiksins Wood (1942): nova-iorquina, por muitos anos foi professora de Ciência Política na Universidade York, de Toronto. É autora de vários livros, entre os quais se destacamos *A origem do capitalismo* (2001), *The pristine culture of capitalism* (1992) e *The retreat from class* (1986), com o qual recebeu o prêmio Deutscher Memorial. *Democracia contra capitalismo* é seu terceiro livro publicado no Brasil. É uma das mais influentes pensadoras marxistas da atualidade. (Nota da *IHU On-Line*)

escolas alguns meses mais tarde, porque viu nesse ato “sinais ostentosos de proselitismo religioso” e “algo agressivo”. Em 4 de março de 2004, o jornal francês *Libération* publicou uma entrevista com Vattimo feita por Robert Maggiori, na qual Vattimo explicou claramente que “a secularidade significa libertar, não proibir” e que “um estado é secular na medida em que não adota uma filosofia que exclua as religiões e suas manifestações, mas, pelo contrário, possibilite e permita que muitos símbolos religiosos se manifestem sem limites”. De acordo com esse modelo, as culturas são conversações complexas entre concepções variantes do mundo. Tal diálogo pode, mas não deve, transformar-se num choque dogmático entre verdades em conflito. Quando os EUA e seus aliados exterminam 600 mil iraquianos, acho difícil acreditar que o tenham feito com base numa “opinião”. Suas ações estavam, pelo contrário, baseadas numa “verdade objetiva”, num “fato científico” (“armas de destruição em massa”, disseram eles) - e quando uma conversação começa a se deteriorar num choque entre dogmas objetivos, o “pensamento fraco” tem um papel peculiar a desempenhar.

IHU On-Line - Vattimo propõe o uso do pensamento de uma forma positiva e construtiva em relação ao debilitamento do ser. Em sua opinião, quais são os limites e possibilidades que o niilismo oferece ao sujeito pós-moderno?

Santiago Zabala - Isso é algo que realmente vou expor em minha conferência na próxima semana. Agora vou dizer apenas que o niilismo não é a negação de valores, mas do valor. Ele está todo centrado na idéia de abolir a hegemonia. Se interpretarmos os valores diante do pano de fundo do niilismo, como deveríamos, o importante será o que restar desses valores, e não os valores em si. Essa é também a tese que defendo em meu livro que será publicado ano que vem pela Columbia University Press sob o título *The remains of being*. Vattimo nos ensina basicamente a possibilidade positiva do niilismo: o que perdemos na dissolução da metafísica é a idéia de que há um certo e um errado na

natureza. Isto é: dada a dissolução da metafísica, o único princípio supremo a ser proposto, tanto na ética quanto no direito, é a redução da violência. De acordo com Heidegger, a metafísica precisa ser rejeitada não só porque ela produz uma estrutura social totalitária e excessivamente racionalista, mas também porque a idéia do *Grund*, do fundamento último, é uma idéia autoritária. A noção da evidência primeva, de um eureka!, de um momento em que eu tenha atingido a base, de um fundamento em que não se podem fazer perguntas ou não há necessidade de fazê-las - esse estado em que há carência de perguntas - não é o produto final da violência, mas sua origem. Precisamos superar essa mentalidade hegemônica.

IHU On-Line - Em que aspectos o niilismo ativo se constitui numa possibilidade de construção de novos modos de política? Por outro lado, se o niilismo reativo vattimiano significa a construção de máscaras como a religião, a moral, a política e a estética para encobrir o nada, como pensar uma revitalização da política? A política ainda é relevante em nossa sociedade?

Santiago Zabala - O niilismo ativo se refere às possibilidades que o fim da metafísica produz. Por exemplo, o fato de que alguns valores ascendem e outros perecem é, muitas vezes, considerado um declínio, quando, pelo contrário, é uma emacipação de nossa civilização. Nossa civilização não está se encaminhando para um futuro melhor, mas está tentando se distanciar de erros do passado. É claro que há alguns abusos na memória, ou seja, alguns acontecimentos recebem espaço demais e outros são completamente esquecidos. As origens do pensamento fraco (que descrevi em *Weakening philosophy*) consistiam em falar à nova esquerda democrática, e a preocupação de Vattimo era mostrar como os leninistas jovens, radicais e revolucionários de esquerda ainda tinham uma dívida de gratidão com pressupostos metafísicos fortes. A possibilidade da emancipação política só pode provir do reconhecimento da conexão existente entre a violência e a metafísica.

Vattimo me conta, muitas vezes, que ele e seu mestre Luigi Pareyson⁵⁰, o mais importante filósofo desde Croce⁵¹ na Itália, sempre diziam um ao outro que eles eram muito mais revolucionários do que a revolução estudantil de 1968, porque eles estavam lendo Heidegger, lendo, portanto, um filósofo que tentou superar a metafísica objetiva, que tantas vezes deu origem à violência. O pensamento fraco se tornou não apenas uma resposta à violência do terrorismo de 1968. É claro que atualmente a situação é muito diferente: estamos vivendo num mundo ditado pelos EUA, mas, ainda assim, o pensamento fraco é a melhor resposta que podemos dar à violência e discriminação. Quanto a todo o projeto de Hardt⁵² e Negri⁵³, exposto em *Império*⁵⁴ e *Multidão*⁵⁵,

⁵⁰ Luigi Pareyson (1918-1991): filósofo italiano, foi professor na Universidade de Turim e na Universidad Nacional de Cuyo de Mendoza, na Argentina. Concluiu sua licenciatura em 1939 em Turim, sob orientação de Augusto Guzzo, com uma tese sobre Karl Jaspers e a Filosofia da Existência. Ao longo da sua vida, destacou-se também por participar na resistência antifascista italiana, integrando o Partido d'Azione. Foi mestre de alguns alunos que se tornaram famosos, como Gianni Vattimo, Umberto Eco e Mario Perniola. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵¹ Benedetto Croce (1866-1952): filósofo idealista italiano. Influenciou os pensamentos estéticos da primeira metade do século XX, incluindo Rogin G. Collingwood e John Dewey. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵² Michael Hardt (1960): teórico literário americano e filósofo político radicado na Universidade de Duke. Com Antonio Negri escreveu os livros internacionalmente famosos *Império* (5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003) e *Multidão. Guerra e democracia na era do império* (Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005). (Nota da *IHU On-Line*)

⁵³ Antonio Negri (1933): filósofo político e moral italiano. Durante a adolescência foi militante da Juventude Italiana de Ação Católica, como Umberto Eco e outros intelectuais italianos. Em 2000 publica o livro-manifesto *Império* (5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003), com Michael Hardt. Atualmente, após a suspensão de todas as acusações contra ele, definitivamente liberado, ele vive entre Paris e Veneza, escreve para revistas e jornais do mundo inteiro e publicou recentemente *Multidão. Guerra e democracia na era do império* (Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005), também com Michael Hardt. Sobre essa obra, publicamos um artigo de Marco Bascetta na 125ª edição da *IHU On-Line*, de 29-11-2004. O livro é uma espécie de continuidade da obra anterior da dupla, *Império*. Ele foi apresentado na primeira edição do evento *Abrindo o Livro*, promovido pelo IHU, em abril de 2003. Em 2003 esteve na América do Sul (Brasil e Argentina)

tenho em relação a ele a mesma objeção levantada por Noam Chomsky, a saber, por que eles precisavam dizer de uma maneira complicada o que se pode dizer de uma maneira mais fácil? Tenho a impressão de que eles não só não representam a chamada multidão, mas tampouco querem ser entendidos por ela e por isso tornam seu livro tão complicado. Esse é um velho jogo que os intelectuais adotam para ganhar prestígio e poder. Em contraposição a essa abordagem, Vattimo e eu estamos atualmente trabalhando num livro sobre política intitulado *From within* [A partir de dentro], em que esperamos mostrar como o socialismo é o que se apresenta quando se começa a criticar as desigualdades do capitalismo.

IHU On-Line - É possível estabelecer uma relação direta entre a “fragmentação” do sujeito, fato tipicamente pós-moderno, com a morte de Deus e o niilismo? Por quê?

Santiago Zabala - A fragmentação do sujeito é a morte de Deus. O Deus que morreu é aquele que nós achávamos que poderia nos dar segurança em relação à nossa própria independência, contingência e até temor do diabo. A criação de um mundo tecnologicamente avançado, ao ponto de atingir a superpopulação (já que a ciência está nos salvando da morte), nos permitiu crer em nossas capacidades sem temor. As únicas pessoas que não acreditam na morte de Deus são as que se converteram, mas quando pensamos que Bush crê verdadeiramente, temos de imaginar que a conversão dele foi um infortúnio absoluto para o mundo, levando em consideração a maneira como ele usa a religião politicamente.

em sua primeira viagem internacional após décadas entre o cárcere e o exílio. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁴ *Império* (5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003). (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁵ *Multidão. Guerra e democracia na era do império* (Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005). (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Como o senhor percebe a relação ética pós-moderna x individualismo? Corremos o risco de tornar sinônimos a autonomia e o individualismo?

Santiago Zabala - Eu realmente não creio no “individualismo”. Será que somos realmente capazes de ser um indivíduo hoje em dia? Há duas maneiras de ver essa questão. Por um lado, após a desconstrução da metafísica (ou, o que é a mesma coisa, a morte de Deus), somos indivíduos autônomos; por outro lado, essa mesma desconstrução produziu um mundo de pluralidades, de diferentes possibilidades que permitem a todos nós conhecer uns aos outros. Isso pode ser explicado se pensarmos na análise: todos nós procuramos Freud (para trabalhar em nossa autonomia), mas todos nós ainda o procuramos, isto é, nós todos vivemos juntos...

IHU On-Line - Sobre a questão da técnica, em específico, quais são os maiores problemas éticos que se colocam ao sujeito? A exacerbação da técnica e o hiperacionalismo podem destituir o caráter humanitário do agir?

Santiago Zabala - A tecnologia é uma ferramenta útil que deveríamos usar para corrigir todos os erros que temos cometido em termos políticos e ecológicos. Não chega a ser uma surpresa o fato de os governos mais capitalistas do mundo serem também aqueles que se recusam a assinar o Protocolo de Kyoto. Nossa obrigação ética atual é reconhecer essas contradições porque nossas ações dependem de nossa individualidade autônoma: estamos conscientes de que somos independentes? Se somos, por que permitimos que os políticos arruinem nosso futuro? Mais importante do que a tecnologia, que é sempre uma ferramenta que pode ser tão prejudicial quanto útil, é o reconhecimento de que os partidos políticos acabaram e só os grupos independentes têm de assumir.

Teologia Pública

“Igreja que deseja ser ouvida numa cultura pós-cristã precisa ter um testemunho forte, crível e consistente, que acompanhe o discurso”

ENTREVISTA COM MARIA CLARA BINGEMER

Assim que chegou em Aparecida, para a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, a teóloga Maria Clara Bingemer respondeu, por e-mail, as questões que a redação da revista IHU On-Line havia lhe enviado e durante a semana enviou comentários complementares sobre a conferência. A professora do departamento de teologia da PUC-Rio e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da mesma universidade, acredita que “o Papa tem razão ao apontar a ditadura do relativismo. Vivemos numa sociedade que privilegia a cultura de sensações e que relativiza e desabsolutiza a tudo em nome do prazer dado ao eu”. E dispara: “A mulher carrega a Igreja nas costas”. Bingemer é graduada em Jornalismo, mestre em Teologia e doutora em Teologia Sistemática. Ela concedeu uma entrevista sobre os jesuítas na edição número 183 da IHU On-Line, de 5 de junho de 2006.

IHU On-Line - É possível relacionar, no contexto da sociedade brasileira, os momentos preparatórios às Conferências do Rio de Janeiro, em 1955, e a V Conferência do CELAM, em Aparecida? Que semelhanças e diferenças podemos sublinhar?

Maria Clara Bingemer - A Conferência do Rio de Janeiro, em 1955, era uma primeira tentativa, ainda antes do Concílio Vaticano II, de reforçar a colegialidade episcopal no continente. Havia toda uma expectativa e o ensaio de fazer algo novo, ainda não tentado nestas latitudes, mas algo que já existia na Igreja como realidade latente. A prova é que a

colegialidade episcopal foi uma das tônicas do Concílio, que vai terminar dez anos depois da Conferência. Hoje estamos a mais de quarenta anos após o Concílio. A colegialidade episcopal foi proclamada como necessária, foi experimentada e implementada em várias conferências episcopais pelo mundo inteiro, mas infelizmente temos que constatar que houve um recuo na mesma. Reforçou-se o poder dos ordinários locais e somente algumas conferências episcopais latino-americanas, como a brasileira, ainda procura vivê-la, mas já sem o vigor e a visibilidade de antes. Creio que isso é o que eu mais gostaria de salientar entre uma

conferência e outra. 1955 era o ano de eclodir de uma novidade que iria alimentar os próximos passos do episcopado continental. 2007 já recolhe um caminho andado, mas constatando dolorosas perdas que aconteceram pelo caminho. Esperemos que Aparecida resgate o espírito que havia em 1955 e se expressou de forma tão excelente em Medellín, sendo continuado por Puebla. O interregno que representou Santo Domingo deixou um vácuo que vai custar trabalho preencher.

IHU On-Line - O Papa, em várias ocasiões, incentiva a apresentar a verdade de Jesus Cristo frente à ditadura do relativismo. Entre relativismo e apresentação da verdade, como podemos lidar com o pluralismo religioso vigente em nossa realidade latino-americana?

Maria Clara Bingemer - Pluralismo não necessariamente tem que rimar com relativismo. Creio que o Papa tem razão ao apontar essa ditadura do relativismo. Vivemos numa sociedade que privilegia a cultura de sensações e que relativiza e desabsolutiza a tudo em nome do prazer dado ao eu. Nesse sentido, a verdade que o Evangelho apresenta - a do amor como o de Jesus Cristo, amor gratuito, radical e oblato, - pode fazer contraponto a esse relativismo que acaba dissolvendo as referências, as convicções e transformando o ser humano em um consumidor de tudo que existe. Nesse sentido, os livros do sociólogo Zygmunt Bauman⁵⁶, *Amor líquido*⁵⁷, *Vida líquida*⁵⁸ etc.,

⁵⁶ Zygmunt Bauman: sociólogo polonês, professor emérito nas Universidades de Varsóvia, na Polônia e de Leeds, na Inglaterra. Responsável por uma prodigiosa produção intelectual, recebeu os prêmios Amalfi, em 1989, por sua obra *Modernidade e Holocausto* e Adorno, em 1998, pelo conjunto de sua obra. Publicamos uma resenha do seu livro *Amor Líquido* (São Paulo: Jorge Zahar Editores, 2004), na 113ª edição do *IHU On-Line*, de 30 de agosto de 2004. Publicamos um entrevista exclusiva com Bauman na revista *IHU On-Line* edição 181 de 22 de maio de 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

fazem uma fina análise sobre a situação que vivemos. Porém, como disse a princípio, relativismo não quer dizer negação do pluralismo e do diálogo com o diferente. Ao contrário, o diálogo com o diferente, o viver em um mundo plural, exigem uma identidade bem ancorada e respaldada por valores claros e consistentes. Creio que o pluralismo religioso vigente em nosso continente terá muito a ganhar com um diálogo sério, honesto e objetivo que se abra à diferença do outro sem fazer concessões fáceis naquilo que constitui sua verdadeira identidade.

IHU On-Line - O documento que orienta a V Conferência Latino-Americana apresenta uma identidade de discipulado com amplas conseqüências sociais, éticas. Você considera que esta realidade está sendo vital na vida dos cristãos ou é uma proposta que ainda está muito longe?

Maria Clara Bingemer - Não há um documento que orienta a V Conferência. O documento de síntese não é um documento de trabalho. Apenas recolhe todas as observações das diversas conferências episcopais sobre o documento de participação que não agradou muito. No entanto, como sempre acontece em ocasiões em que há um volume muito grande de observações, as contribuições da CNBB, por exemplo, que foram muito boas e corajosas, não foram aproveitadas em sua integralidade. E justamente elas é que traziam mais contribuições na linha da ética social. Portanto, acredito que com relação a Aparecida, tudo está ainda por fazer, há que se esperar a reunião para ver o que acontecerá. Creio que hoje vivemos uma realidade em que a preocupação social não é central na vida dos cristãos. Foi substituída pela gratificação pessoal de

⁵⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido** : sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 190 (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 212 (Nota da *IHU On-Line*)

experiências de cunho fortemente afetivo e, às vezes, alienante. A estratégia para resgatar as duas vertentes - a experiencial e a social - creio que será o grande desafio para a Igreja católica na América Latina hoje.

IHU On-Line - A cultura de hoje é pós-cristã.

Tratando-se da evangelização, quais são os caminhos para dialogar em contextos tão diferentes?

Maria Clara Bingemer - Creio que a primeira coisa é tomar consciência e aceitar esse fato de que a cultura é pós-cristã. Aceitar que o momento áureo de difusão, penetração e hegemonia do cristianismo histórico passou. Hoje temos uma outra realidade e diante dela a evangelização deve posicionar-se. A meu ver, ainda vige o grande documento do Papa Paulo VI⁵⁹, "Evangelii Nuntiandi", que diz que "o homem de hoje não escuta mais os mestres. Escuta as testemunhas. E se escuta os mestres, é porque são testemunhas". Creio que uma igreja que deseje ser ouvida numa cultura pós-cristã precisa ter um testemunho forte, crível e consistente acompanhando seu discurso. Não um discurso cheio de palavras que não têm credibilidade porque não se traduzem em práticas concretas. Por que Madre Teresa⁶⁰ pode ser criticada como conservadora, mas é unanimemente considerada uma santa? Por seu testemunho e nada mais. Portanto, acho que chegamos a uma época onde a Igreja precisa, por um lado,

facilitar a que as pessoas tenham a experiência de Deus e, por outro, fazer com que o testemunho da Igreja tenha credibilidade. Caso contrário, ela falará no vazio, porque não há campo de aterrissagem nem para as normais morais nem para as verdades dogmáticas que ela enuncia.

IHU On-Line - A recente notificação da Congregação para a Doutrina da Fé sobre duas obras de Jon Sobrino⁶¹ influencia a V Assembléia da Conferência Episcopal Latino-Americana em Aparecida?

Maria Clara Bingemer - Certamente foi um grande baque a notificação a Jon Sobrino. Ainda mais que foi interpretada como um tiro final, de misericórdia, na Teologia da Libertação. No entanto, depois do discurso do Papa na abertura da V Conferência, onde foram abordados temas sociais e políticos, creio que fica

⁶¹ **Jon Sobrino:** nascido em Barcelona, na Espanha, no dia 27 de dezembro de 1938, entrou para a Companhia de Jesus em 1956 e foi ordenado sacerdote em 1969. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador, país da América Central, que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o master em Engenharia na mesma Universidade. Sua formação teológica ocorreu no contexto do espírito do Concílio Vaticano II, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Doutorou-se em Teologia em 1975, na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha) com a tese "Significado de la cruz y resurrección de Jesús en las cristologías sistemáticas de W.Pannenberg y J. Moltmann". É doutor honoris causa pela Universidade de Lovain, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centroamericana, de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero, de diretor da Revista Latinoamericana de Teologia e do Informativo "Cartas a las Iglesias", além de ser membro do comitê editorial da Revista Internacional de Teología Concilium. A respeito de Sobrino, confira a ampla repercussão dada pelo site do IHU em suas *Notícias Diárias*, bem como o artigo *A hermenêutica da ressurreição em Jon Sobrino*, publicada na editoria *Teologia Pública*, escrita pela teóloga uruguaia Ana Formoso na edição 213 da *IHU On-Line*, de 28-03-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁹ **Papa Paulo VI (1897-1978):** Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, nasceu em 26 de setembro de 1897 e faleceu em 6 de agosto de 1978. Foi nomeado Papa em 1963. Chefiou a Igreja Católica durante a parte do Concílio do Vaticano II e foi decisivo na colocação em práticas das suas decisões. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁰ **Madre Teresa de Calcutá (1910-1997):** Agnes Gonxha Bojaxhiu nasceu na República da Macedônia e naturalizou-se indiana. Madre Teresa de Calcutá foi uma missionária católica albanesa. Considerada a missionária do século XX, concretizou o projecto de apoiar e recuperar os desprotegidos na Índia. Através da sua congregação "Missionarias da Caridade", partiu em direção à conquista de um mundo que acabou rendido ao seu apelo de ajudar o mais pobre dos pobres. (Nota da *IHU On-Line*)

claro que não é essa a intenção de Bento XVI. Creio que a atitude de Jon Sobrino, discreta, dialogando com o Vaticano sempre através de seu superior geral, será o melhor recurso para que a verdade venha à tona e verifiquem que seus escritos não têm nada de herético nem contrário à fé católica, como, aliás, afirmam expressamente trinta teólogos consultados por ele mesmo.

IHU On-Line - Um ponto muito importante, que precisa de avanços concretos e efetivos, é o reconhecimento da presença da mulher na Igreja, do significado eclesial e da dimensão ministerial de sua atuação, e de sua imprescindível participação na vida e na missão da Igreja. O tratamento dado a estas questões nos documentos preparatórios estão contribuindo para isto?

Maria Clara Bingemer - Não. Porém o Papa em seu discurso de abertura falou do mal do machismo. Foi em um contexto um pouco limitado: a família. Mas acho que desde aí se pode pegar um gancho bom para prosseguir a reflexão e a contribuição. Creio que é patente para todos os bispos que, sem a mulher, a Igreja se esvazia irremediavelmente. Mais de 90% dos coordenadores de comunidades de base são mulheres. Igualmente o são cada vez mais as catequistas, as teólogas, as mestras espirituais. Ou seja, a mulher carrega a Igreja nas costas. É um absurdo que participe tão pouco nos níveis de decisão. Sei que o Brasil quer intervir neste sentido. Tomara que consiga contagiar os demais países com sua reflexão.

IHU On-Line - Como está hoje a questão do protagonismo dos leigos e leigas, tão enfatizado em Santo Domingo?

Maria Clara Bingemer - Creio que também é patente para todos que se não houver um laicato adulto que assuma a tarefa da evangelização, essa tarefa chegará

a muito poucas pessoas. A missão não será continental se um laicato adulto não a assumir. A questão do protagonismo dos leigos de Santo Domingo avançou um pouco, mas não o suficiente para isto. Esperemos que seja fortemente sublinhada em Aparecida.

IHU On-Line - A V Conferência, por sua vez, prevê um encaminhamento posterior à realização da Conferência: ou seja, de uma grande missão continental para os anos de 2007 a 2011. O que podemos esperar?

Maria Clara Bingemer - Podemos esperar ver uma Igreja em estado de missão. Mas, para que isso aconteça, é necessário ver uma Igreja discípula, que escuta e aprende, que dialoga e observa, que ruma o que observou. Assim estará anunciando a Jesus Cristo e não a si mesma, o que é condição *sine qua non* para que aconteça a missão universal que todos esperam.

IHU On-Line - Qual o impacto do discurso do papa na abertura da conferência? Quais as luzes e as sombras?

Maria Clara Bingemer - O discurso do Papa na abertura da Conferência superou as expectativas. Há alguns pontos que ele tocou que são pistas preciosas para que a Conferência trabalhe nos dias que seguem. Destaco:

1. A denúncia do machismo. Embora tenha ficado restrita à família, abre espaço para se discutir o machismo em sentido mais amplo. Nesse sentido, espera-se que o silêncio que pesa sobre a mulher seja dissipado pelo menos em alguma medida. A CNBB foi corajosa e fez propostas concretas nesse sentido. Espera-se conseguir recolher algo dessa riqueza.

2. A Bíblia. A ênfase dada pelo Papa de que a formação para o discipulado tem que ser feita a partir da palavra de Deus foi impressionante. Deteve-se longo tempo nisso. A meu ver, foi uma abertura importante

que vai dar muito de si, sobretudo quando se cheguem às pistas pastorais. Todo o esforço de leitura popular da Bíblia, que já acontece há décadas no continente, poderá ser resgatado a partir daí.

3. A continuidade com outras conferências. O Papa mencionou explicitamente essa continuidade, o que significa que vê Aparecida dentro do fio condutor da caminhada da Igreja do continente.

4. Falou também dos leigos como atores prioritários da missão continental. Referiu-se, sobretudo, aos leigos dos movimentos, deixando de lado as CEBs e outras realidades laicais.

5. Como sombra principal fica o início do pronunciamento, com a referência pouco pluralista às culturas indígenas e às outras religiões. Muitos estão criticando essa posição que consideram um tanto pré-conciliar.

6. Finalmente, é de se ressaltar com extrema alegria o pronunciamento explícito do Papa sobre a injustiça estrutural e da opção pelos pobres. Foi algo extremamente positivo que vai dar margem a que apareça no documento o resgate e o desagravo a isso, que é a marca da América Latina e que pareceu ficar escondido em Santo Domingo.

***IHU On-Line* - Na primeira semana da conferência, por onde ela vai? O que é possível perceber? Que caminhos abre e que caminhos fecha?**

Maria Clara Bingemer - Há esperança. Apesar da grande heterogeneidade, há um clima de escuta e atenção fraterna, sem posições tomadas previamente e com abertura respeitosa. Espera-se que possa sair um documento que atenda às esperanças do povo de Deus na América Latina. Há alguns consensos, como a posição crítica diante da globalização e a priorização

da Amazônia como tesouro de todo o Continente e não só do Brasil. Creio que se pode esperar um documento aberto, pelo menos extra-ecclesialmente. Intra-ecclesialmente a coisa já é mais complicada. Creio que algumas das propostas da CNBB não serão assimiladas, notadamente as que dizem respeito à nova ministerialidade laical e à privação em que vive o povo de Deus com relação à Eucaristia por falta de clero.

***IHU On-Line* - Qual é a participação e a contribuição dos teólogos/as da Teologia da Libertação?**

Maria Clara Bingemer - Creio que a Teologia da Libertação permanece como o grande pano de fundo de elaboração da opção pelos pobres, que seguramente será retomada e mencionada com destaque no documento final. Há contribuições da Teologia da Libertação que já são patrimônio da Igreja, e é bom sentir que não serão descartadas. Pelo menos na delegação brasileira, há um significativo número de bispos que certamente se pronunciarão nesse sentido.

***IHU On-Line* - A notificação a Sobrino tem impacto na Conferência?**

Maria Clara Bingemer - Não vi nada explícito. É um assunto que só se menciona nos corredores. Seria excelente que algum bispo ou grupo de bispos mencionasse a questão diretamente. Mas isso é difícil, parece-me, pois é abrir um confronto direto com Roma, coisa que me parece que os delegados e a organização da Conferência não desejam de modo algum. Em todo caso, a contribuição da Teologia de Sobrino certamente se fará presente na cristologia do documento. Pelo menos assim esperamos. Enquanto assessores, faremos todo o possível para isso.

Brasil em Foco

“Lula. Governo macunaímico assim como foi o de FHC”

ENTREVISTA COM LUIS NASSIF

Jornalista econômico formado pela Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, Luis Nassif é hoje diretor Superintendente da Agência Dinheiro Vivo. Além disso, Nassif desempenha as funções de comentarista econômico da TV Cultura, é membro do Conselho do Instituto de Estudos Avançados da USP, do Conselho de Economia da FIESP e do Conselho da Escola Livre de Música Tom Jobim. Possui um dos blogs mais acessados e respeitados do país, o luisnassif.blog.ig.com.br.

Nesse ano, o jornalista lançou o livro Cabeças de planilha (Ed. Ediouro, 2007). Na obra, Nassif narra as chances que o Brasil teve de se tornar uma nação de primeiro mundo. Sobre esse assunto, o jornalista concedeu uma entrevista à IHU On-Line, no dia 27-04-2007, intitulada “O maior cabeça de planilha hoje é o Lula”. A entrevista pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu)

IHU On-Line - Quais as conseqüências para a economia brasileira desse câmbio?

Luis Nassif - Vai destruir setores empresariais inteiros e sepultar os sonhos de quem acreditava que o Brasil poderia ter uma economia moderna e competitiva.

IHU On-Line - O senhor acha que o governo Lula e o Banco Central estão conduzindo o caso da melhor forma? Como o Brasil deveria conduzir as taxas de importação e exportação? Qual seria a melhor alternativa, algo que beneficiasse não apenas os grandes investidores e banqueiros, mas os outros setores da economia nacional? A valorização do real é inevitável? O governo nada pode fazer, deixando tudo meio solto com o câmbio flutuante?

Luis Nassif - O governo Lula, assim como FHC, governa de olho nos grandes setores apenas. Quando se deixa

esse simulacro de câmbio flutuante, com esse diferencial absurdo de taxas de juros, o que se quer é a apreciação do real sim, pois aumenta substancialmente os lucros de quem aposta.

IHU On-Line - Quais os interesses que podem estar por detrás da postura do Banco Central em relação a esse câmbio?

Luis Nassif - Interesses do mercado e dos grandes investidores que trazem dólares de fora para especular e ganhar com os juros e com a valorização do real.

IHU On-Line - Como definir um governo que vê a queda do dólar como o “melhor dos mundos”, sem pensar na indústria e nos demais setores afetados pelo câmbio? Lula tem real ciência do que está acontecendo economicamente no País? Ele sabe que a

taxa de juros e o câmbio como se encontram atualmente beneficiam apenas grandes investidores estrangeiros e banqueiros? Ele acredita fielmente que isso é bom para o Brasil? Como o senhor vê o presidente Lula nessa questão?

Luis Nassif - Governo macunaímico, assim como foi o de FHC. Lula é da mesma escola esperta de FHC. Ele governa para agradar as grandes empresas e o tal mercado; atende as grandes centrais sindicais com os recursos do FAT; e atende os desassistidos com a Bolsa Família. E só. Não pensa estrategicamente, não quer correr riscos nem pensar no futuro do país. Igual a FHC.

IHU On-Line - O senhor escreveu no seu blog que "estão destruindo o país. Setenta anos de industrialização estão sendo jogados pelo esgoto". Qual o efeito desse câmbio para a indústria? Caminhamos para uma desindustrialização no Brasil?

Luis Nassif - Caminhamos para nos tornarmos "maquiladoras", com indústrias que comprarão do exterior a maior parte dos seus insumos e componentes. O resultado será a redução do emprego, mais ainda do emprego qualificado, manutenção de baixos índices de crescimento e crise, quando acabar essa fase atual de preços altos para as *commodities*.

IHU On-Line - A euforia que paira entre os pequenos consumidores não é uma ilusão, já que os juros continuam altos?

Luis Nassif - É uma ilusão maior ainda, porque o emprego será afetado estruturalmente por esse câmbio. Só que, quando o desemprego vier, os analistas que hoje defendem o câmbio inventarão outras causas para o desemprego.

IHU On-Line - Já José Mendonça de Barros acredita que essa mudança de câmbio estimula a reconfiguração da indústria. "O câmbio valorizado desfez a nuvem que escondia nossas ineficiências", afirma ele, apostando em uma "commoditização" no Brasil. Qual sua opinião sobre essa visão?

Luis Nassif - O Zé sabe que é um desastre, mas diz isso de forma política para não chocar seus clientes. O que ele diz é algo gravíssimo. Dizer que está apostando em uma "commoditização" não expressa seu desejo, mas sua análise. Ele sabe que é um desastre esse processo.

IHU On-Line - O dólar fraco e a conseqüente competição com produtos importados vai causar a quebra de empresas brasileiras, o que "é normal", na avaliação do ministro do Desenvolvimento, Miguel Jorge, na primeira reunião do ano do Conselho de Desenvolvimento, Econômico e Social. O que pensar disso?

Luis Nassif - O Miguel é mais despreparado do que esperto. Melhor dizendo: é um esperto despreparado.

IHU On-Line - Valorizar a moeda nacional é uma condenação para o Brasil? Como entender isso?

Luis Nassif - A moeda só se valoriza naturalmente, quando melhoram as condições gerais da economia e da produção. Valorizar moeda sem ter a melhoria, significa tornar produtos brasileiros mais caros, sem que eles tenham outras vantagens para poder aumentar o preço e compensar a queda no câmbio.

Artigo da Semana

“Um véu de integrismo e fundamentalismo ameaça o mundo pluralista de hoje”

POR LUIZ ALBERTO GOMEZ DE SOUZA

Recebemos e publicamos o artigo a seguir, de Luiz Alberto Gómez de Souza, sociólogo. Eis o texto, que foi publicado nas Notícias Diárias no site do IHU no dia 18 de maio de 2007. Os subtítulos são nossos.

Luiz Alberto Gómez de Souza é diretor do Programa de Estudos Avançados em Ciência e Religião da Universidade Candido Mendes e diretor do CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais), graduado em Direito pela PUCRS e pós-graduado em Ciência Política pela Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (Flacso), Santiago do Chile. Doutor em Sociologia pela Universidade de Paris Sorbonne Nouvelle. Gómez de Souza é funcionário das Nações Unidas (FAO CEPAL) e pesquisador do Centro João XXIII. No sítio da IHU On-Line podem ser conferidos artigos do sociólogo. No dia 11-05-2007, publicamos A chegada do Papa: palavras simplificadas e afirmações editadas, no dia 15-02-2007, o artigo “O que fazer com eles?”. A violência que gera mais violências. Luiz Alberto Gómez de Souza também concedeu uma entrevista à IHU On-Line, publicada no dia 19-08-2006, intitulada Com Lula, onde ele estiver. O material está disponível em www.unisinos.br/ihu

No primeiro dia da visita do papa, escrevi um texto criticando a unilateralidade da mídia, que até melhorou nos dias subseqüentes. Mas, ao final da visita, o questionamento virou-se para minha própria Igreja. A estadia do papa provocou emoções no mundo católico, como os aiatolás mobilizam multidões muçulmanas. Mas e os não-católicos? Afinal, neste país, católicos realmente praticantes são uma minoria. Somos uma sociedade plural, com muitos católicos nominais, um número crescente de evangélicos, um número maior das religiões afro do que as estatísticas indicam, uma forte

corrente espírita, outras religiões ameríndias ou asiáticas, os sem religião etc. Aliás, o papa disse que não se podia convencer por imposição, mas pelo testemunho.

Como católico, fiquei vendo na televisão uma manifestação asfíxiante de poder eclesiástico, vestes aparatosas, declarações contundentes. Tudo isso convencendo e, talvez, fortalecendo emocionalmente os já convencidos. Confesso que me senti bastante incomodado. Meu primeiro texto ainda era esperançoso, mas depois de um dia respondendo por telefone a

entrevistas de jornais, revistas e tvs, e vendo a mídia ocupada por um papa categórico, foi subindo um cansaço pelas afirmações petrificadas e as certezas sem reticências, mais perto dos guardiães do templo do que de um Jesus que não ditava orientações, porém conversava com os menos respeitados, fazia perguntas e contava historinhas - parábolas. O papa começou tímido, mas o sorriso foi se abrindo aos poucos, influenciado pelo clima dos católicos arrebatados, especialmente no encontro com ex-drogados, um dos poucos momentos de humanidade. Porém, no sentido contrário, os pronunciamentos, por exemplo, aos bispos brasileiros, foram se fazendo mais inflexíveis. Minha mulher e eu fomos respirar e ver *A alma imoral*, com texto do rabino Milton Bonder e interpretação fantástica de Clarice Niskier. Ali as certezas pétreas se dissolviam em vida e ternura, em dúvidas revigorantes, no rompimento de uma razão fechada nela mesma. Como seria bom se a Fé convivesse com esse clima de liberdade e de ousadia!

Por outra parte, do outro lado do mundo, mais de um milhão de turcos saíram à rua para defender um estado secular, livre de um governo islâmico fundamentalista. Ali os cristãos torcem para evitar o perigo. O patriarca cristão de Jerusalém, o segundo em dignidade depois do bispo de Roma, acuado no seu bairro pobre do Fanar, teria ainda menos liberdade num estado islâmico.

Criação de consensos?

E aqui, os não católicos não terão razão de temer as investidas velhas de pedidos de acordos ou de caducas concordatas? O Papa falou de um “sadio” laicismo. Quais suas fronteiras? Por que pespegar um adjetivo vago e ambíguo? Por que não dizer que uma sociedade laica e plural é mais favorável à exemplaridade do Evangelho? O papa indicou a necessidade de criar consensos em torno a uma sociedade menos desigual e com estruturas justas. Mas consensos com quem? Consenso conosco mesmos é

um solipsismo que não se agüenta em pé. Para criar consensos há que estar aberto e ouvir os outros. Não se trata de negar nossa identidade, que deve ser afirmada sem medos, mas esta, enrijecida, vira fundamentalismo, ou na nossa linguagem, integrismo.

O Papa convoca os chamados leigos - porque não dizer os cristãos em geral? - a construir uma nova sociedade. Mas, para isso, são necessárias as mediações - movimentos sociais e culturais, opções de idéias, partidos. Tirando-lhes importância, o que nos sobra? Simples argumentos éticos, uma cruzada de consciências ou reviver uma cristandade? Estou de acordo com a crítica a ideologias - como expressão de falsa consciência -, sejam as velhas ideologias de um marxismo que encolheu em idéias abstratas e experiências sufocantes, seja de um capitalismo que destila o que pensa e faz as elites acuadas e iníquas. Mas, então, qual seria a saída? De nenhuma maneira uma ideologia social-cristã, que historicamente também fracassou, resvalando para a direita liberal, ou para uma esquerda cristã de que sempre desconfiei. No Chile, nos anos 1960, eu dizia que porque tinha Fé não podia ser ideologicamente democrata-cristão - ou socialista cristão -, encolhendo a Fé em ideologia. Isso aprendera com Emmanuel Mounier⁶², em seu livro *A cristandade morta*. Porém, o cristão, iluminado pela Fé, tem de procurar com outros, respostas concretas. Uma nova sociedade exige colar-se na realidade, a partir de análises, para chegar a programas, idéias e práticas novas. Mas se dissermos que o real só nós o possuímos, em Deus e em seu filho Jesus, de saída fechamos o diálogo, já que temos a solução no bolso. Para os possíveis interlocutores, não deixaria de ser prova de arrogância e de falta de abertura à diferença. O discurso do papa, na inauguração da

⁶² Emmanuel Mounier (1905 - 1950): Foi um filósofo francês, fundador da revista *Esprit* e raiz do personalismo. As obras deste filósofo influenciou a ideologia da “Democracia cristã”. (Nota da *IHU On-Line*)

conferência dos bispos, muito bem encadeado e com aparentes perguntas, na verdade foi um desdobramento de respostas e de certezas asfixiantes para um diálogo e para a busca de consensos.

“No futuro, teremos pudor de algumas declarações que ouvimos agora?”

A começar por afirmações terríveis sobre a história do encontro das culturas na América, ocultando o conflito e a imposição do cristianismo pela espada e pela cruz, como uma certa leitura das cruzadas, vistas do lado de cá, apenas como defesa solícita dos lugares sagrados. Um papa que virou santo, Pio V, perto daqueles tempos da conquista da América, chegou a dizer, justificando a inquisição, que matar hereges podia ser um ato de defesa da fé. Hoje, temos vergonha de uma afirmação destas. Em alguns anos teremos pudor de algumas declarações que ouvimos agora?

A imprensa e alguns comentaristas disseram tolices, como que a crítica ao marxismo era interpretada como uma crítica à teologia da libertação. Essa reflexão latino-americana, que se abre a muitas dimensões e com novos participantes, se às vezes usou parcialmente mediações da teoria marxista, há muito as relativizou, descobrindo sua unilateralidade e limitações. Entretanto, essa teologia tem no seu cerne a opção preferencial pelos pobres, que, segundo o mesmo papa, é central na vida de Fé. Eu diria que aí ele confirmou, querendo ou não, a caminhada de uma Igreja da libertação, com suas pastorais sociais e suas comunidades eclesiais de base. Mas, ao mesmo tempo, não pronunciou nem uma só palavra sobre elas, apenas fazendo a menção indireta de novos movimentos, que vão em outras direções.

A multiplicação da Eucaristia

Há uma contradição que dificilmente se mantém em pé. Ao afirmar a centralidade da Eucaristia, fica claro que a Igreja precisa de muitos espaços de celebração

eucarística. Mas isso será impossível mantendo apenas a figura cada vez mais minoritária e marginal, no mundo de hoje, do sacerdote obrigatoriamente celibatário, que o papa magnifica a seguir. Faz logo adiante um apelo voluntarista a vocações para entrar nessa mesma fôrma, historicamente em crise, ou produzindo um novo clero conservador, inseguro e meio deslocado do mundo. Multiplicar a Eucaristia é multiplicar seus ministros e ministras, para isso ordenando cristãos e cristãs das próprias comunidades. O celibato obrigatório está mais ligado à vida consagrada do que à categoria dos presbíteros, que presidem a celebração eucarística. Mais e mais bispos e cristãos dizem isso em voz baixa, num sussurro que vai aumentando, mas que é ainda abafado por censuras e auto-censuras. Novos pontificados ou novos concílios terão que tratar corajosamente deste e de outros pontos ainda congelados (celibato obrigatório, a mulher na Igreja, reprodução e sexualidade, diálogo interreligioso etc.)

Para isso, há que enfrentar a esquizofrenia entre uma doutrina da sexualidade e da reprodução, em discordância crescente com a prática real dos católicos, no que Pietro Prino chama um “scisma sommerso”. O cardeal Newman⁶³, que esse papa admira, falava do desenvolvimento da doutrina. Em tantos campos, até agora bloqueados para uma discussão serena e corajosa, não se trata de negar dogmas, que são muito menos do que alguns crêem, mas de rever regulamentações historicamente datadas e passíveis de mudanças. Com isso, não quero dizer que a prática determina a doutrina,

⁶³ John Henry Newman (1801-1890): bispo anglicano inglês, convertido ao catolicismo foi nomeado cardeal pelo Papa Leão XIII em 1879. Depois de sua conversão ao catolicismo abriu e dirigiu em Birmingham um oratório de São Felipe Neri e foi reitor da Universidade Católica da Irlanda, em 1854. O seu pensamento é representativo da “filosofia da ação e da filosofia da vida”, é considerado como integrante da corrente filosófica denominada Neoespiritualismo e Vitalismo que tem raízes no espiritualismo francês do século XIX, que surgiu para combater o positivismo e o racionalismo. (Nota da *IHU On-Line*)

o que seria uma posição preguiçosa ou oportunista, mas ela a questiona com novas perguntas que exigem novas respostas. Repetir o de sempre é encerrar-se num mundo que está morrendo.

Fica também no ar um clima integrista, uma adesão quase idolátrica à figura do bispo de Roma, que só pode ferir nossos irmãos cristãos não-católicos e fazer sorrir quem vêm de outras tradições religiosas ou quem não as tem.

Jesus: exemplo do samaritano heterodoxo

Jesus, um rabi que várias vezes se escondeu quando o queriam mitificar ou coroar, dava como exemplo de Caridade não o sacerdote apressado que corria ao templo para cumprir seus deveres de profissional da religião, mas o samaritano heterodoxo, que não ia a Jerusalém, mas ao monte Garizim⁶⁴. Também se detinha para falar, à beira do poço, com outra samaritana, que tivera muitos homens em sua vida, e que poderia ser chamada por muitos de hedonista ou dissoluta. Os discípulos se escandalizaram. Os seguidores de hoje se esquecem disso.

Trago aqui o desabafo melancólico e triste de um católico que faz um balanço de tantos dias de triunfalismo, fechamento ao diálogo e alinhamento com fundamentalismos que apenas sabemos ver nos outros. Assim, não se visibiliza uma Boa Nova, mas se repetem prescrições rígidas saídas de manuais de uma catequese voltada para dentro. E, depois, os católicos se queixam da diminuição dos fiéis - ou ficamos em manifestações que revelam um emocionalismo aeróbico, que tem muito pouco a ver com a Fé em Jesus Cristo, mesmo se Marcelo Rossi⁶⁵ foi posto de lado por uns dias.

⁶⁴ **Garizim:** Luiz Alberto Garizim faz referência ao texto do evangelista João 4,21-26 (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁵ **Marcelo Rossi:** Marcelo Mendonça Rossi nasceu em São Paulo, em 20 de maio de 1967. Padre católico brasileiro, tornou-se um fenômeno de mídia e cultura no final dos anos 1990. Ele ficou muito conhecido pela forma de adotar danças e coreografias típicas da Renovação

Uma reflexão bem armada de um teólogo europeu

Não tivemos atitudes duras como as de João Paulo II na declaração de abertura da conferência em Puebla que, aliás, os bispos não seguiram nas discussões subsequentes. Mas, diante de um discurso bem articulado como o de Bento XVI, é mais difícil, em Aparecida, uma posição crítica dos bispos, pois envolve por sua lógica e se torna mais complexo descobrir ali os pontos frágeis e contraditórios.

Teria sido muito bom ter ouvido alguém aberto a escutar, trazendo misericórdia e compaixão, e não uma reflexão bem armada de um teólogo europeu, com seu discurso tradicional, aberto ao diálogo com a academia ou com Habermas, mas não com as comunidades latino-americanas, com seus pobres, índios, negros, cada vez mais protagonistas na história social e política. Não senti um papa de todos, pronto realmente - não teoricamente - a criar consensos, ao desafio de novas culturas e de novas sensibilidades, ele que poderia parecer atento à cultura de hoje. Não que tivesse que aceitar passivamente o que o mundo diz, mas uma visão pessimista desse mundo o vê unilateralmente marcado pelo individualismo ou pelo hedonismo. Há que estar aberto ao pluralismo das diferenças, e não ter medo do que há de prazeroso na busca de ser feliz - tão longe dos complexos culposos de uma espiritualidade ainda marcada pelo medo, por um jansenismo que paira no ar, e um agostinismo mal digerido.

Um testemunho coletivo de humildade e simplicidade para a Igreja

A Igreja precisa hoje não só de profetas, de místicos, de mártires e de santos, e penso em Hélder Câmara⁶⁶ ou

Carismática Católica (RCC) e pela publicidade de seus trabalhos (CDs, DVDs, cinema).(Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁶ **Dom Hélder Câmara** (1909-1999): Arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo, como um grande defensor da

Romero⁶⁷, mas de um testemunho coletivo de humildade e de simplicidade, para saber conviver com a alteridade e aí apresentar a Boa Nova, na construção plural, com os outros, de um mundo sem injustiças e sem desigualdades escandalosas. O que dirá a conferência de Aparecida? Seguirá mecanicamente e sem um discernimento adulto os passos indicados por Bento XVI ou saberá também ouvir o *consensus fidelium* de suas igrejas locais, como mostrou Newman em outra fase crítica da Igreja, no século IV? Assim, poderá abrir-se à construção, na linha de João XXIII, de um consenso com outros homens e mulheres de boa-vontade, que realmente responda às necessidades e aos anseios de liberdade, de qualidade de vida e de felicidade, num mundo ao mesmo tempo rodeado de fundamentalismos, violências, fanatismos e ameaças ao próprio planeta.

paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12 de março de 1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Momento político este, que o tornou um líder contra o autoritarismo e os abusos aos direitos humanos, praticados pelos militares. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria *Memória da IHU On-Line* número 125, de 29 de novembro de 2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo *Hélder Câmara: cartas do Concílio*. Na edição 157, de 26 de setembro de 2005, publicamos a entrevista *O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil*, realizada com Ernanne Pinheiro. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁷ **Dom Oscar Romero** (1917-1980): arcebispo católico romano, foi assassinado enquanto oficiava missa, na tarde de 24 de março de 1980. Sua dedicação aos pobres, numa época de efervescência social e guerra, converteu-o em mártir. (Nota da *IHU On-Line*)

Filme da Semana

Hércules 56

TODOS OS FILMES COMENTADOS NESTA EDITORIA JÁ FORAM VISTOS POR ALGUM (A) COLEGA DO IHU.

Ficha Técnica:

Nome original: Hércules 56

Cor filmagem: Colorida

Origem: Brasil

Ano produção: 2006

Gênero: Documentário

Duração: 82 min

Classificação: livre

Direção: Sílvio Da-Rin

Reavaliando os ideais de uma época radical

Luiz Zanin Oricchio é autor do artigo que segue, publicado no jornal O Estado de S. Paulo, em 11-05-2007. Nele, faz uma análise do filme Hércules 56, que, na sua opinião, joga luz nesse espaço de 40 anos entre o passado e hoje. Confira:

A imagem que está na origem do filme, uma espécie de célula original do projeto, é das mais famosas da época do regime militar - 13 dos 15 presos políticos liberados por exigência dos seqüestradores do embaixador americano no Brasil posam diante de um enorme avião da FAB, um Hércules 56, prestes a deixar o País. Por que faltam dois personagens? Porque a foto foi feita no Rio e esses dois remanescentes (Gregório Bezerra⁶⁸ e Mário

⁶⁸ Gregório Bezerra (1900-1983): político, líder comunista e ex-sargento do Exército brasileiro, foi fortemente perseguido e desumanamente torturado ao longo de sua luta pela paz, justiça e

Zanconatto) embarcaram em outros pontos do País, antes de o avião deixar o território nacional e levá-los ao exílio.

Foi o ato mais ousado e espetacular da resistência ao regime militar: o seqüestro do embaixador americano Charles Burke Elbrick, que envolveu dois grupos da esquerda armada (a Dissidência da Guanabara e a ALN).

A idéia inicial era libertar alguns líderes estudantis, presos no Congresso da UNE, em Ibiúna, no ano anterior. Mas, com o embaixador capturado, decidiu-se pela

contra a opressão do povo. Gregório Bezerra, segundo passou 22 anos em Recife. (Nota da IHU On-Line)

ampliação da lista, incluindo-se militantes veteranos, como Onofre Pinto⁶⁹ e Gregório Bezerra. O momento da ação também era estratégico - o Brasil de 1969 era governado por uma junta militar, pois o general Costa e Silva havia sido afastado por doença e os guerrilheiros entendiam que a ausência de um comando unificado enfraqueceria o poder central e facilitaria a negociação. Foi o que aconteceu.

Essa ação, que se desenvolve em duas frentes, é o assunto do documentário de Silvio Da-Rin, *Hércules 56*, nome do avião da FAB que levou os prisioneiros do Brasil para o México. Quais são as imagens mobilizadas por Da-Rin para remontar essa história? Bem, de um lado, ele reúne alguns dos remanescentes da ação para lembrarem de como as coisas se deram. Nesse ponto, parece interessante a idéia de entrevistá-los não um a um, como é usual, mas em grupo, reunidos em torno de uma mesa para que pudessem aparecer as divergências de relato e as diferenças de opinião. O filme ganha em pluralidade com essa escolha.

Na outra frente, ouvem-se os libertados, entre os quais despontam alguns nomes conhecidos: José Dirceu⁷⁰, Ricardo Zarattini⁷¹, José Ibrahim⁷². Entre os

⁶⁹ **Onofre Pinto**: sargento do Exército, ex-participante da rebelião democratizante dos sargentos, durante o governo Goulart, cassado pelo Ato Institucional Nº 1, em 1964, preso e banido do país, em 1969, no coletivo trocado pelo embaixador dos EUA, Charles Burke Elbrick. (Nota da IHU On-Line)

⁷⁰ **José Dirceu**: é um político e advogado brasileiro, com base política em São Paulo. Ministro da Casa Civil de 2003 a 2005, Dirceu teve seu mandato de deputado federal cassado no dia 1º de dezembro de 2005 e, portanto, é inelegível até 2015, a pedido da CPI do Mensalão. (Nota da IHU On-Line)

⁷¹ **Ricardo Zarattini**: formou-se em Engenharia Civil e destacou-se na resistência contra a ditadura militar. Ex-integrante de movimentos políticos contra o regime, foi várias vezes torturado. Em 1969, fez parte do grupo trocado pela libertação do embaixador norte-americano, Charles Elbrick, seqüestrado por militantes da Aliança Libertadora Nacional (ALN) e do Movimento Revolucionário 8 de

remanescentes do grupo de seqüestradores há também nomes famosos, em especial o jornalista Franklin Martins, atual ministro da Comunicação Social. O filme realiza um vaivém constante no tempo e no espaço. Encontramos depoimentos dos personagens na época e agora. Há imagens no Brasil e outras do México e Cuba.

Esse contraponto entre passado e presente é a linha fina que costura o filme. Porque quando se confrontam experiências e ainda mais experiências vividas em situação-limite, o balanço é inevitável. Os personagens falam do País na época da ditadura e o comparam com o Brasil da democracia; falam da decisão de ingressar na luta armada, da experiência do exílio. Relembrem detalhes da ação, como a redação do manifesto a ser lido pelas TVs e publicado nos jornais como parte das exigências. Da tensão no 'aparelho' e do relacionamento com o embaixador capturado. Do mais do que tenso momento em que o embaixador deveria ser liberado, instante a partir do qual eles se tornariam caça. Do outro lado, o medo no interior do avião e o alívio da chegada ao México. A primeira garrafa de tequila bebida, 'depois de uma seca de muitos meses'. A ida a Cuba e a recepção de Fidel Castro. Elogios ao regime socialista da ilha, de um lado, e, de outro, a desconfiança de Vladimir Palmeira⁷³ ao desembarcar do avião e ver um excesso de gente vestida de verde-oliva.

Outubro(MR-8). O último mandato exercido por Zarattini foi o de deputado federal pelo PT. (Nota da IHU On-Line)

⁷² **José Ibrahim**: um dos líderes da greve de Osasco de 1968 e um dos principais representantes do pensamento das Oposições Sindicais em fins dos anos 1970. Foi Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco. (Nota da IHU On-Line)

⁷³ **Vladimir Gracindo Soares Palmeira**: Militante de esquerda desde os 16 anos, ajudou a organizar a Passeata dos 100 Mil, em 1968, foi preso várias vezes, e acabou tendo sua liberdade em troca do embaixador americano seqüestrado pela luta armada. Viveu o exílio na Europa. Ao lado do ex-ministro José Dirceu, o economista é um dos raros militantes cuja origem está no movimento estudantil e não nas fábricas e sindicatos. (Nota da IHU On-Line)

Os balanços de participação também parecem contraditórios (e como seriam unânimes?) Dirceu diz que a sua geração perdeu em toda a linha, foi completamente derrotada. Flávio Tavares defende a idéia de que o mais importante era lutar e que aquela geração deu o que tinha de melhor - a própria vida. Não

é um balanço amargo. Nem triunfalista. Parece sereno.

Hércules 56 joga luz sobre esses quase 40 anos passados entre aquela época de paixão política e o anódino mundo de hoje. A história olha a si própria. O que foi feito do sonho, da violência, da esperança radical? É algo que também cabe à história responder.

Análise de Conjuntura

A página do IHU - www.unisinos.br/ihu - publica diariamente, durante os sete dias da semana, as Notícias Diárias e a Entrevista do dia.

É um serviço disponibilizado para quem se interessa em acompanhar os principais fatos e acontecimentos políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e religiosos da contemporaneidade.

A partir desse serviço, o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, parceiro estratégico do IHU, elabora uma análise de conjuntura, em fina sintonia com a missão e as linhas estratégicas do IHU, elaborados no Gênese, Missão e Rotas, disponível na página do Instituto.

A última análise é do dia 16-05-2007 e pode ser acessada no endereço www.unisinos.br/ihu

A próxima análise estará disponível no final da tarde de terça-feira e será comunicada na newsletter enviada aos cadastrados na quarta-feira.

Para se cadastrar na página do IHU clique no item IHU por e-mail

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias Diárias do sítio do IHU. Apresentamos um resumo dos destaques que podem ser conferidos, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Novas e velhas solidariedades

Pedro Hespanha

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 14-05-2007

De acordo com o professor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Pedro Hespanha, a desigualdade tem aumentado globalmente. Isso ocorre, segundo ele, porque as comunidades perderam “as raízes”, criando assim um problema de individualismo.

Comunicação digital. Poros, pesquisa e desafios

Massimo Canevacci

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 15-05-2007

Para o antropólogo italiano Massimo Canevacci, na cultura digital não é possível existir “nós” e sim “eus”. Isso, porque, segundo ele, cada indivíduo pode desenvolver-se no interior da própria subjetividade. Segundo ele, essa mudança significa fazer uma transformação profunda de pluralizar de uma maneira lógica o cotidiano.

Transformações no emprego industrial

Tiago Oliveira

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 16-05-2007

Tiago Oliveira, mestre em Economia Social e do Trabalho pela Unicamp, analisou o desenvolvimento das grandes empresas na indústria brasileira, comparando as transformações com a indústria mundial. Segundo ele, entre 2003 e 2004, a empresa aumentou o emprego

formal em 18%, enquanto as médias aumentaram em cerca de 9% e as pequenas 8%.

'O homem contemporâneo não sabe o que é desejar, só sabe o que é consumir'

Jean Pierre Lebrun

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 17-05-2007

Jean Pierre Lebrun afirma que o homem foi engolido pelo consumo e que não sabe mais o que é desejar. Segundo ele, os indivíduos da sociedade atual não se engajam verdadeiramente uns com os outros e tornam-se jovens adultos de uma forma muito precoce e forçada, continuando a serem sempre crianças e agindo como tais.

BNDES e o desenvolvimento econômico brasileiro

Alexandre Lima

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 18-05-2007

Depois de 55 anos da criação do BNDS, o economista Alexandre Lima diz que há expectativa de um processo de desenvolvimento alinhado e um foco no crescimento. No entanto, ele afirma que não percebe, atualmente, a retomada da industrialização econômica no país.

Indymedia. A rede anticapitalista

Rodrigo Ponce e André Takahashi

Confira nas Notícias Diárias do dia 19-05-2007

Rodrigo Ponce é estudante de filosofia na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e André Takahashi é sociólogo. Ambos são militantes anti-globalização e participam da maior rede mundial anticapitalista, o Indymedia, no Brasil mais conhecida como CMI (Centro de Mídia Independente).

Em entrevista à IHU On-Line, eles falam sobre o surgimento do Indymedia, dos seus princípios, de como se organiza e funciona no mundo e no Brasil. (Nota da *IHU On-Line*)

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

'Ratzinger é um intelectual. Mas se você joga esse catolicismo mais cioso de lei e ordem num clero que tem pouca formação teórica, o risco é de virar moralismo'

Antônio Flávio Pierucci

Confira nas Notícias Diárias do dia 14-05-2007

Segundo o professor de sociologia da USP Flávio Pierucci, o Papa veio ao Brasil para exigir mais disciplina dos fiéis e mais trabalho dos bispos e padres. Segundo ele, um dos motivos que tem levado a igreja a perder fiéis para os evangélicos, é o fato de eles trabalharem mais. A entrevista foi publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 14-05-2007.

Tempo que resta

Rubens Ricupero

Confira nas Notícias Diárias do dia 14-05-2007

De acordo com Rubens Ricupero, diretor da Faculdade de Economia da Faap, restam apenas oito anos para tentar salvar o planeta. O professor ressalta que, caso as emissões de gás carbônico não diminuam, o Brasil será um dos países mais prejudicados, perdendo quase toda a floresta e boa parte da biodiversidade. O artigo foi publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 15-05-2007.

**Sobre fé e ciência e o derrotismo da razão moderna
Jürgen Habermas**

Confira nas Notícias Diárias do dia 15-05-2007

Professor emérito na Baviera, Habermas comenta o discurso de Bento XVI, em Regensburg, em setembro de 2006, O artigo foi publicado na revista *Neue Zürcher Zeitung*, em 10-02-2007.

Habermas - Ratzinger. Aliados contra o 'derrotismo' da razão moderna

Cardeal Camillo Ruini

Confira nas Notícias Diárias do dia 15-05-2007

O cardeal italiano discute o discurso de Jürgen Habermas e as posições de Ratzinger.

Metafísica ou pós-metafísica? A propósito do diálogo entre razão secular e razão religiosa

Vittorio Possenti

Confira nas Notícias Diárias do dia 15-05-2007

Vittorino Possenti, filósofo italiano, ao comentar o artigo de Jürgen Habermas, afirma que é difícil dizer se o pensamento secular estaria direcionado à linha pós-metafísica. Para ele, o novo pacto entre fé e razão, se

for colocado no sulco de uma des-helenização, não ocorrerá de maneira satisfatória.

Um outro mundo é possível

Jacques Bouveresse

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 15-05-2007

Para o filósofo Jacques Bouveresse, existe atualmente um declínio da fé religiosa. Segundo ele, a religião da divindade está perdendo espaço para a religião da humanidade. Esse é o tema do seu novo livro "**Peut-on ne pas croire? Sur la vérité, la croyance et la foi**" (Podemos Não Crer? Sobre a Verdade, a Crença e a Fé, ed. Agone). Uma entrevista com o filósofo foi publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 15-05-2007.

Uma nova agenda para a V Conferência

Leonardo Boff

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 16-05-2007

Para o teólogo Leonardo Boff, a prioridade na V Conferência do Conselho episcopal latino-americana (Celam), em Aparecida, não deverá ser a discussão de como será a evangelização da Igreja na América Latina e sim como todas as Igrejas podem ajudar a Terra a ser benevolente para com a vida. O artigo foi publicado na agência italiana *Adista*, em 14-05-2007.

A batalha dos biocombustíveis

Gaëlle Dupont

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 16-05-2007

Gaëlle Dupont adverte que os biocombustíveis, diferente do que se pensava, podem causar danos ao meio-ambiente. Engenheiros agrônomos temem que sejam criadas as condições para uma exploração desenfreada da terra. O artigo foi publicado no jornal *Le Monde*, no dia 15-05-2007.

'Nada como um dia após o outro'

Gustavo Franco

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 16-05-2007

Depois de ser criticado no governo Fernando Henrique Cardoso, o ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, diz que o efeito da valorização do real está se repetindo, quase que da mesma maneira, no governo Lula. A entrevista é do jornal *Folha de S. Paulo*, publicada em 16-05-2007.

'Essa trajetória de valorização do real é uma condenação'

Paulo Francini

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 16-05-2007

Para o diretor do departamento de Economia da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), Paulo Francini, o processo de desindustrialização no país está se agravando, em entrevista ao jornal *Zero Hora*, no dia 16-05-2007.

'Esse câmbio é um desastre para a economia'

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 16-05-2007

O Brasil sofre da doença holandesa, segundo o ex-ministro da Fazenda Luiz Carlos Bresser-Pereira. Para ele, uma taxa de câmbio com a apresentada nos últimos dias é um desastre para qualquer economia, pois impede o desenvolvimento. A entrevista foi publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, em 16-05-2007.

'Para entender a CLT é necessário fazer uma prospecção histórica na política do Rio Grande do Sul'

Alfredo Bosi

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 17-05-2007

Um dos maiores críticos literários brasileiros e professor de Literatura Brasileira na USP, Alfredo Bosi afirma que a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) tem duas raízes que se encontram no Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). A entrevista é da *Revista Brasil*, edição número 12, de maio de 2007.

'O decrescimento é uma questão de consciência'

Jacques Grinevald

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 17-05-2007

Para o filósofo Jacques Grinevald, os chamados automóveis “verdes” não conseguirão resolver os problemas do planeta. Segundo ele, a indústria automobilística está omissa a dois dos grandes problemas do planeta: a mudança climática e a penúria do petróleo. A entrevista foi publicada no sítio swissinfo, em 08-03-2007.

Os 'mistérios' da nanotecnologia

Pablo Arnal

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 17-05-2007

De acordo com o químico e pesquisador do Instituto Max Planck, da Alemanha, a nanotecnologia descobriu que as propriedades de determinados matérias podem mudar dependendo do seu tamanho. O artigo foi publicado no jornal *Página/12*, em 12-05-2007.

'Primeiro é preciso se ocupar dos que não podem consumir e depois dos que consomem em excesso',

Susan George

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 17-05-2007

Susan George, uma das ativistas mais importantes do movimento anti-globalização e vice-presidente da **ATTAC**, afirma que a globalização neoliberal cria desigualdades enormes ao concentrar riquezas e poder na mão de poucas pessoas. Susan George concedeu uma entrevista ao jornal *El País* em 16-05-2007.

Paradoxo sindical

Marcio Pochmann

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 17-05-2007

De acordo com o economista Marcio Pochmann, a sindicalização que tem crescido no País desde 199 é a do trabalhador rural. O artigo foi publicado no jornal *Valor*, em 17-05-2007.

Prostituição, drogas e crime seguem rota do etanol

Maria Inês Nassif

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 17-05-2007

Para a editora de opinião do jornal *Valor*, Maria Inês Nassif, o etanol não é uma solução econômica e tão pouco ecológica. O artigo foi publicado no dia 17-05-2007.

Eventos

Política: sai a ética, entra o espetáculo

ENCONTROS DE ÉTICA

Política: sai a ética, entra o espetáculo é o tema que apresentará o Prof. MS. Sérgio Trein nos Encontros de Ética da segunda-feira, 28 de maio.

Sérgio é professor no curso de Publicidade e Propaganda na Unisinos e Mestre em Comunicação e Práticas Sociopolíticas pela PUCRS. Trabalhou como redator em agências como Duda Mendonça, Pública Comunicação, GlobalCom e MPM. Foi também coordenador estratégico de diversas campanhas políticas eleitorais vitoriosas em 2004, tendo atuado em agências especializadas de marketing político.

Encontros de Ética é uma atividade promovida pelo IHU, aberta a toda comunidade acadêmica, tem entrada franca e acontece das 17h30min às 19 horas, na sala 1G119 do IHU. Confira abaixo a entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

IHU On-Line - Como a referência à ética de princípio e à ética de responsabilidade se aplica ao Brasil?

Sérgio Trein - É interessante o que se observa, hoje, no Brasil, a respeito da ética. Na verdade, ela virou uma espécie de dom, de qualidade de determinadas pessoas. No entanto, o princípio da ética deve estar presente em todas as pessoas. Isso não deveria ser discutido. O mesmo acontece quanto à questão da responsabilidade. Especificamente no campo político, na última eleição viu-se um quadro muito curioso. Em função das denúncias de corrupção, ocorridas em 2005, o discurso de todos os candidatos foi pautado pela ética. Todos ficaram afirmando que eram éticos, quando a ética deveria ser um princípio natural de um político - e de todos nós. O problema é que os constantes casos de denúncia estão criando um quadro novo e invertendo a lógica da ética. Por isso, eu digo que ela virou uma qualidade especial, como a de alguém que toca piano ou

escreve poesia. Sem falar que ser ético virou, de certa forma, motivo de deboche. É característica de quem parece certinho demais.

IHU On-Line - A expressão ética na política está em destaque no Brasil desde o processo de impeachment do ex-presidente Fernando Collor. Como o senhor entende a exigência de “ética na política” nos dias de hoje no Brasil?

Sérgio Trein - É como eu referi na pergunta anterior. Exige-se ética na política, quando, na verdade, não deveríamos nos preocupar com isso. Especialmente no meu trabalho, procura-se desenvolver muito a questão da oratória, da postura, do carisma, da linguagem num candidato. Ou seja, a forma como ele deve se apresentar ao público. Entretanto, assim como qualquer um destes itens, a ética parece ter virado algo a ser conquistado. Agora, claro, existem muitos políticos sérios, éticos e

honestos. Há, também, uma questão de espetacularização nisso tudo. A distância e a ausência das pessoas, em relação aos espaços públicos de discussão, como as Câmaras de Vereadores e Assembléia Legislativa, faz com que a grande maioria não conheça os trabalhos dos políticos. Elas ficam sabendo apenas o que é apresentado na mídia. E, quase sempre, o que é apresentado na mídia são os problemas, as denúncias, os maus comportamentos. Sendo assim, há uma generalização e a criação da imagem de que todo político não tem ética.

IHU On-Line - As instituições dão sinais evidentes de que existe uma crise ética no Brasil no campo da política tradicional. Se isso realmente está ocorrendo, que efeito pode provocar no futuro da política?

Sérgio Trein - Todas as pesquisas atuais, sobre o grau de satisfação das pessoas, em relação às instituições, mostram que os políticos e os partidos ocupam os últimos lugares. Seguidamente, há candidatos eleitos por meio do chamado "voto de protesto". É inegável o distanciamento que as pessoas têm dos espaços públicos. Mas maior ainda é o distanciamento que os políticos têm da população. Eles deveriam estabelecer uma comunicação pública melhor, enfatizando os trabalhos, os projetos. Com isso, poderiam aproximar-se mais da vida das comunidades. Porque, hoje, a única coisa que

chega à população são os problemas, as denúncias e os desvios de comportamento. Essa falta de aproximação leva à desconfiança, à insatisfação, à rejeição. E de nada adianta a população se virar contra a política. Esta é uma questão interessante, pois a política é que nos levou a esta situação. E é somente através dela que o país sairá desta crise ética.

IHU On-Line - O debate sobre ética na política não está hoje muito centrado apenas em corrupção? Não há um reducionismo? E, mais do que isso, não há uma banalização do próprio termo ética?

Sérgio Trein - Com certeza. A ética, hoje, está bastante ligada à questão da corrupção. Entretanto, ela envolve tudo. Eu sempre gosto de dar o exemplo daquelas pessoas que vivem criticando o governo. Para elas, nenhuma administração presta, nenhuma agrada. No entanto, estas mesmas pessoas são aquelas que jogam cascas de frutas no chão, cometem pequenas infrações. E isso também é uma questão de ética. São conceitos todos muito próximos: ética, cultura, educação, sociabilidade. Especialmente no campo da política, precisamos considerar algo muito importante: os maus políticos não estão lá porque chegaram sozinhos. Alguém votou neles. Ou seja, a falta de ética não está na política, e sim, talvez, na própria sociedade.

Perfil Popular

Adriana Elena de Medeiros

Adriana de Medeiros nasceu e cresceu em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. De uma família de oito irmãos, perdeu o pai com apenas um ano de idade. “Na verdade eu perdi um pai, mas ganhei cinco.” Aos 11 anos, Adriana entrou no mercado de trabalho, passando de caixa de supermercado à professora. Hoje, com 34 anos, é vice-presidente da Cooperativa Habitacional Progresso, em São Leopoldo, onde luta por uma vida melhor para a sua comunidade. “Temos um clima muito bom de trabalho. Quando acontece algum problema nos reunimos e resolvemos.”



Início

Adriana aprendeu, desde cedo, a ajudar a família. Perdeu o pai quando tinha um ano de idade, deixando a mãe com oito filhos, sendo cinco homens e três mulheres, para criar sozinha. Os irmãos assumiram o papel de pai da caçula da família. “Meus irmãos me protegiam demais, do tipo de aprontar molecagem de menino mesmo e não acontecer nada. Gostava muito de subir em árvores, jogar bolita, brigar.” Adriana lembra das brincadeiras da infância da época. “Na frente de onde a gente morava tinha um mato de eucaliptos, onde a gente fazia o balanço e o escorregador de papelão.”

Estudos

Sempre estudando em escolas públicas, Adriana abandonou os estudos na oitava série para trabalhar. “Primeiro, eu comecei a trabalhar e depois larguei os

estudos. O estado estabeleceu que fizessem educação física no período contrário que se estudava, e, como eu trabalhava à tarde, fazia educação física à noite. Com o tempo ficou difícil.” Adriana retomou os estudos dois anos depois, quando cursou o supletivo para completar o Ensino Fundamental. “Voltei a estudar por um estalinho mesmo, como: ‘Tu vai ficar aí sem fazer nada?’.”

Trabalho

Adriana ingressou no mercado de trabalho aos 11 anos, como empacotadora no supermercado Big Ben. “Nós comprávamos naquele mercado e naquela época era normal eles contratarem crianças para trabalhar. Com 12 anos, eu já era caixa operadora.” Apesar de ter começado cedo, ela valoriza o esforço da família para ajudar a mãe. “O que pesava era a necessidade mesmo, porque a mãe nunca trabalhou e, com a morte do meu pai, ela teve alguns problemas de saúde e se aposentou. Todos começamos a ajudar muito cedo, até porque meu

pai tinha comprado o terreno onde morávamos e pagou somente a entrada. Para pagar o restante, era preciso vender pão e cuca. Eu e meus irmãos também ajudávamos a vender. Os outros trabalhavam fora.”

Responsabilidade

A responsabilidade chegou cedo à vida de Adriana, mas ela lembra com carinho o trabalho que fazia. “A gente achava muito bom ter a confiança de um adulto para fazer uma coisa de adulto.” Ela ainda destaca o orgulho que tinha do seu grupo de trabalho. “O que eu mais gostava no emprego era o companheirismo e a sinceridade do grupo que trabalhava no mercado. Não tinha problema; todos ajudavam. Entre empacotadores e caixas, tínhamos umas dez pessoas dessa faixa etária.” Logo Adriana despontou na profissão. Com 16 anos foi promovida a fiscal de caixa e foi empregada em um supermercado da rede Kastelão. Adriana lembra que não foi aceita pelos colegas inicialmente. “Tinha muito ciúme e inveja, pois a maioria não chegava ao caixa com essa idade. Tinha uma fofoca de que eu devia ser um caso do gerente. Tirei uma experiência muito boa disso porque eu consegui provar que não era nada disso, que eu tinha experiência. Depois de quatro meses, ficou normal.”

Magistério

Depois do supletivo, em Novo Hamburgo, Adriana retornou à escola. cursou o Magistério e logo surgiu a primeira experiência de estágio. “Fiz um ano de estágio, mas desisti. Desisti de ser professora quando vi que não era o que eu imaginava, depois de cair na realidade da sala de aula.” Ela lembra que sua turma tinha alunos de diversas origens, trazendo-lhe uma realidade chocante. “Numa turma de terceira série eu tinha um aluno drogado, um recém-saído da APAE, e dois alunos filhos de prostitutas que atendiam em casa.” Adriana tentava

ajudar os alunos, mas não obteve a ajuda necessária. “Na época, nem o conselho tutelar nem a polícia deram importância. O aluno drogado era irmão de um traficante que chegou a esfaquear a própria mãe. Tudo era muito natural para eles, e ninguém tomou providência sobre nada.” Assim que terminou seu estágio, Adriana afastou-se do magistério.

Cooperativa Progresso

Durante uma campanha política, Adriana conheceu a Cooperativa Progresso, em São Leopoldo através de Mauro, atual presidente. Ela se envolveu com o trabalho no início da história da cooperativa. “A infra-estrutura do local era praticamente zero. Mas as pessoas estavam se organizando há quatro anos.” Adriana destaca a variedade de projetos com que se envolveu no local. “Durante cinco anos fiz desde trabalhos voluntários até a conclusão de um projeto de luz que não era concretizado. Também participei fazendo levantamento de cadastros de moradores para a cooperativa, indo na casa das pessoas e conversando com elas.”

Projeto

O trabalho logo cresceu, e Adriana assumiu novas funções. A Progresso iniciou recentemente um projeto habitacional em Taquara, município do Rio Grande do Sul, onde Adriana está diretamente envolvida. “Exerço a função de mestre de obras. Lá eu contrato pedreiros, serventes, cadastro as famílias e vistorio as obras. Aprendi muito rápido o que era um alicerce e estou conseguindo tocar a obra.”

Casamento

Há sete anos, Adriana mora com Mauro, com quem tem um filho, João Neto, de cinco anos. “Pretendemos nos casar este ano, mas com a quantidade de trabalho que temos não tivemos tempo de planejar.”

Casa própria

A família foi morar na cooperativa em 2003, depois que um contemplado vendeu a sua casa. “Foi uma mudança muito boa. Apesar de ainda não ter saneamento, já tínhamos luz. Foi maravilhoso.” Adriana lembra que, ao se mudar para o local, o vínculo com as famílias se fortaleceu. “Aquele contato que busquei com as pessoas estava começando a virar realidade. Nos aproximamos.”

Sonho

Adriana sempre teve dificuldade para ter filhos. “Engravidei quatro vezes, mas somente na gravidez do João consegui ter o filho.” O sonho é aumentar a família adotando uma menina que já tem nome, Elena. “O João pede muito que seja uma toda preta de dente branco.”

Outro sonho, que já está se concretizando, é o trabalho feito na cooperativa. “Ele é feito para as pessoas terem sua casa e seu trabalho, sua dignidade. Conquistamos muitas coisas e sonhamos em ajudar as pessoas de fora.”

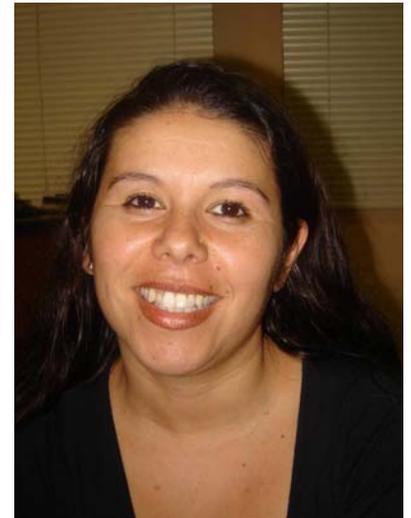
Brasil

Adriana acredita que, através da luta e da vontade, os brasileiros conseguirão o que querem. “O povo deve lutar pelo que quer, falando, forçando o governo a fazer mais.” Ela cita como exemplo o trabalho dos cooperados na Progresso. “A maioria das pessoas que trabalham lá não tem muita experiência, mas conseguimos realizar nossos objetivos. Se o povo brasileiro se unir, isso vai acontecer também.” Ela ressalta que a meta principal da população deve ser o emprego. “Se tu tem um bom emprego tu se alimenta melhor, tendo um convívio melhor.” Ela acredita que o governo atual ajudou a cooperativa, mas destaca que a participação da população é decisiva. “Cabe ao povo colocar sua voz no país.”

IHU REPÓRTER

Jocilaine Alves Neves Stein

Funcionária da Unisinos há dez anos, Jocilaine tem a Universidade como uma segunda casa. A primeira fica no bairro Campestre, São Leopoldo, onde mora com o marido e dois filhos. No laboratório de Nutrição e Dietética, tem a rotina repleta, sempre em contato com alunos e professores. Formada em Administração de Empresas, com ênfase em Recursos Humanos, pela Unisinos, planeja no futuro abrir o próprio negócio. Hoje, aos 34 anos, tem tripla jornada: é mãe de dois filhos pequenos, laboratorista e presidente da AFU - Associação de Funcionários da Unisinos. Conheça um pouco mais de Jocilaine na entrevista a seguir.

**Origens**

Nasci em Porto Alegre, mas cresci em Canoas, no bairro Fátima, onde morei depois de casada. Meu pai era funcionário público e minha mãe tinha uma loja de roupas. Tenho uma irmã cinco anos mais velha, Janete. Sempre fomos muito unidas. Fora aquelas brigas típicas de criança, ela sempre cuidou muito de mim.

Infância

Minha infância foi muito boa, com um diferencial em relação à das crianças de hoje. Tínhamos sempre a mãe por perto, e isso era muito bom. Hoje a mulher tem dupla jornada, e, às vezes, se sente culpada por não estar sempre ao lado dos filhos. Brincávamos muito de aulinha, onde a minha irmã era minha professora. Como não tínhamos quadro-negro, escrevíamos na porta do roupeiro com giz e minha mãe ficava furiosa. Acordávamos de madrugada para brincar escondidas de aulinha e depois limpávamos o roupeiro para ela não descobrir. Foi uma infância com muitos amigos. Ficávamos juntos, todos em casa, onde tínhamos um pátio grande e brincávamos de casinha. Era uma época

onde podíamos brincar na rua, pois não havia muita violência.

Estudos

Cursei o Ensino Fundamental na Escola Estadual Guarani. No Ensino Médio, optei pelo ensino técnico em Química, que cursei na Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha, em Novo Hamburgo. Era uma viagem cansativa, pegávamos ônibus muito cedo, mas foi uma época muito proveitosa, em que aprendi a ter responsabilidades. Tínhamos muitos estágios, bem diferente do Ensino Médio normal.

Estágio

Fiz diversos estágios durante os anos do Ensino Médio. O primeiro foi em um curtume, em Novo Hamburgo, onde eu fazia testes no couro até atingir o pedido do cliente. O próximo estágio foi no Sema, em São Leopoldo, no laboratório de tratamento da água. Depois, fiz um estágio no laboratório de uma fábrica de papéis em Esteio. O meu último estágio foi no laboratório físico-

químico do Centro de Ecologia da UFRGS, onde analisávamos água e efluentes. Eu adorei essa fase de estágios, pois conheci muitas pessoas, além de ter tido um aprendizado enorme.

Trabalho

Na UFRGS fui efetivada e permaneci lá quase dois anos. O meu próximo emprego foi no laboratório de ciências biológicas do Colégio Militar de Porto Alegre. Eu tinha uma rotina completamente diferente das que vivi anteriormente em razão da rigidez do regime militar. Trabalhando diretamente com os alunos, percebi a educação e disciplina daquele regime.

Oportunidade

Surgiu uma vaga de laboratorista na Unisinos em 1996. Enviei meu currículo e logo fui chamada para a seleção. Entrei na Unisinos para trabalhar no laboratório de Nutrição, que era muito diferente do que é agora. Eu auxiliava os professores na preparação das aulas práticas, fazia compras para as aulas, além dos serviços administrativos do laboratório. Depois de seis anos, a demanda do laboratório aumentou, e mais colegas vieram trabalhar comigo. Quando surgiu o curso de Gastronomia, houve uma reestruturação do laboratório, onde também pude ajudar a projetar os espaços. Os cursos de Gastronomia e Nutrição são multidisciplinares, trabalhamos a administração, sociologia, história e até artes, o que é muito legal.

Administração de Empresas

Na Química, trabalhamos sozinhos, focados no trabalho e na pesquisa. Escolhi Administração de Empresas, com ênfase em Recursos Humanos, por ser uma área dinâmica, onde poderia trabalhar diretamente com as pessoas. Formei-me em 2006 e estou pensando em fazer pós-graduação e mestrado. Uma área que me encanta é a motivacional, pois atualmente é muito difícil conseguir

manter o funcionário motivado por um longo período. Trata-se de um desafio para todo administrador. Fiz meu estágio obrigatório para conclusão do curso no projeto Ofisinos, onde fazia capacitações com alunos do Ensino Médio para se inserirem no mercado de trabalho. Era um trabalho realmente gratificante. Até hoje encontro alguns alunos que perguntam se vamos ter mais cursos. Meu trabalho de conclusão teve como tema “A Recuperação e a Reinserção Social através do Trabalho Prisional”. Fiz uma pesquisa com as detentas do presídio feminino Madre Pelletier, focando em como o trabalho prisional as ajudariam a se reinserirem no mercado de trabalho após o período de aprisionamento.

Casamento

Quando comecei meu trabalho na Unisinos, foi feita uma reunião de integração dos novos funcionários. Nessa reunião conheci meu marido. Ele tinha começado a trabalhar um dia antes de mim. Começamos a namorar e um ano depois nos casamos.

Filhos

Após dois anos de casados, mudamos de Canoas para São Leopoldo. Já tínhamos nosso primeiro filho, João Henrique, que, nesta época, tinha um ano e hoje tem sete anos. Temos outro filho, o João Vítor, de três anos. Na época em que ele nasceu foi conturbado, pois eu trabalhava e estudava. No dia em que ele nasceu, eu fui à tarde para a obstetra, que disse que deveríamos fazer o parto naquele dia. Eu tinha uma prova importante. Logo depois de fazer a prova, fui para casa e ele esperou mais uns dias para nascer. Logo depois do nascimento começaram as aulas. Os professores foram muito compreensivos, permitindo que eu trouxesse o bebê para a aula. Ele ficava no carrinho, ao meu lado. Meu marido e meu filho mais velho me acompanharam nessa época, vindo junto para a Unisinos comigo.

Horas Livres

O que mais gosto de fazer é curtir a família. Não somente ficar em casa na companhia deles; gosto de realmente brincar com eles. Vou ao cinema, jogo futebol com eles, sento no chão para brincar de carrinho. Quando estou com eles, dedico-me totalmente. Também gosto de fazer trabalhos manuais, como tricô e bordado.

Esporte - Gosto de praticar caminhada. Além de ser um exercício físico, ela oferece um tempo para podermos espalhar e relaxar, pensando no nosso dia-a-dia. Às vezes, saio do trabalho agitada e vou caminhar. E quanto eu mais reflito, me acalmo.

Filme - Não tenho um preferido. De modo geral, gosto de comédias e filmes que tenham uma história de vida interessante.

Livro - Gosto de livros da área da administração. Também leio Paulo Coelho e livros de auto-ajuda. Costumo misturar, ler de tudo um pouco. Agora, em função do meu trabalho, estou lendo obras de tendências e história da gastronomia.

Futuro - Queria muito abrir meu próprio negócio, pois poderia administrar a minha maneira.

Brasil - Na nossa política, temos muita corrupção. Surge, a todo o momento, um escândalo novo. Eu fico pensando o que será do futuro do Brasil se nossos filhos estão vendo isso diariamente. Precisamos ter uma boa base de educação em casa, com princípios sólidos para os filhos, porque, se dependermos dos exemplos que vêm de fora, vamos ter sérios problemas no futuro. Se as crianças tomarem como base o que vêm na televisão seria muito triste. Os políticos não se importam muito com a população.

Unisinos - A Unisinos é a minha segunda casa. Faz dez anos que trabalho aqui. Há muitas mudanças ocorrendo, espero que todas para melhor. Só tenho coisas boas para falar da Unisinos. Graças a ela consegui me formar, trabalho com pessoas agradáveis e me sinto muito bem aqui.

IHU - O Instituto Humanitas representa a cultura dentro da Universidade. Ele promove muitas exposições, eventos e palestras, que são muito importantes.